ENTREVISTA: CAZUZA CONTA TUDO SOBRE O NOVO DISCO

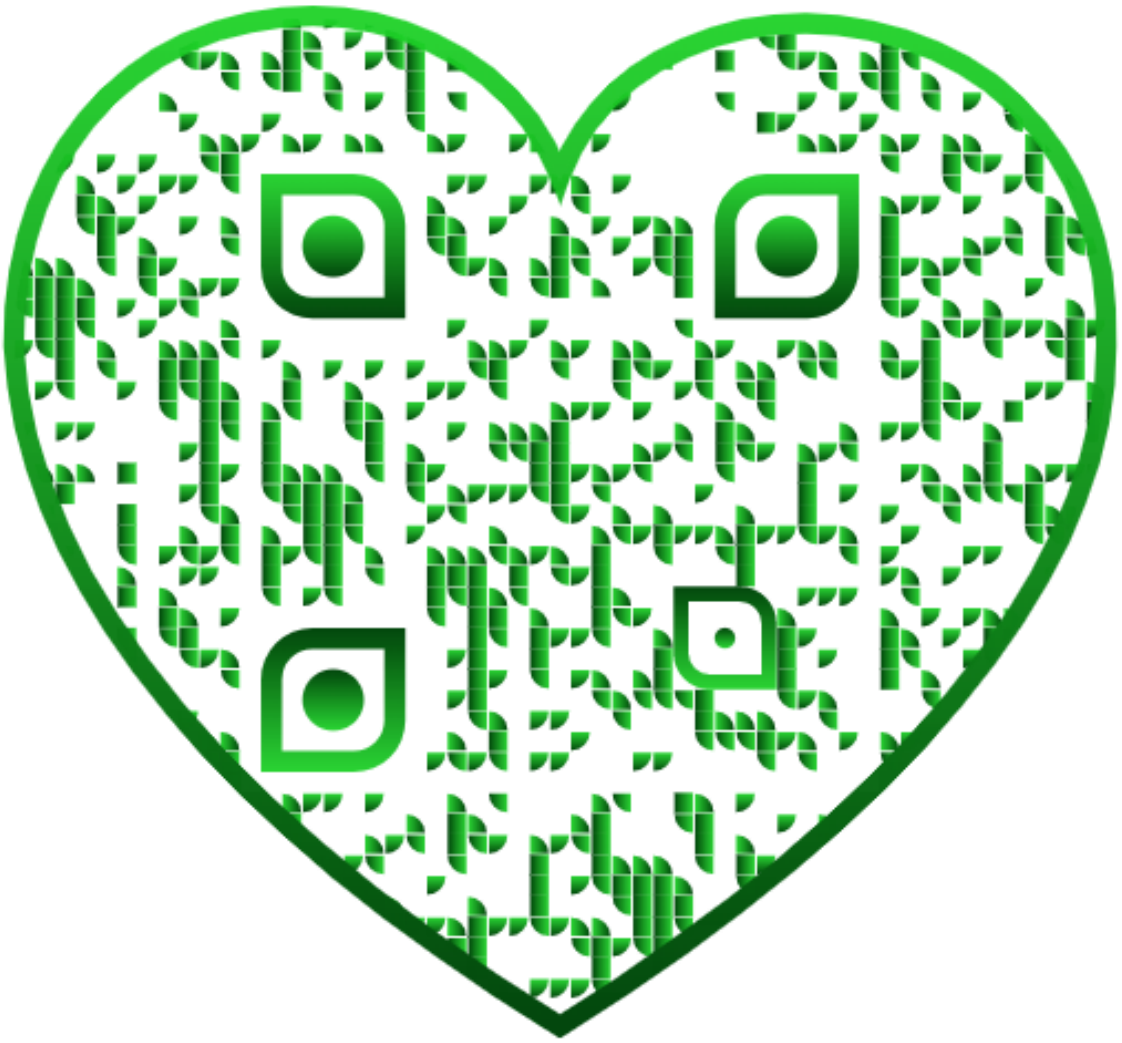
EDITORA AZUL
Nº 32
Março 1988
Cr$ 180,00

BIZZ

JOHNNY MARR
KID ABELHA
R.E.M.
LEGIÃO

EXCLUSIVO
RPM
EM LOS ANGELES
PREPARANDO A INVASÃO

U2 E TITÃS: OS MELHORES DE 87 NA VOTAÇÃO DOS LEITORES



MORRISSEY

"Viva Hate"
o disco. em abril.

EMI

Foto da capa: Rui Mendes

BIZZ

Ilpo Musto / LFI

O Brasil em sintonia com a paixão U2: confira na votação dos leitores para os Melhores do Ano (pág. 41)

As promessas do rock nacional para o ano de 1988 começam a se concretizar. Ao que tudo indica, apesar da indefinição de rumos das separações e sumiços do ano passado que poderiam esterilizar a cena do rock, alguns preciosos vinis estarão chegando aos ouvidos dos fãs em breve. No setor "voltas triunfais", o **RPM** é o campeão da ala nacional. Depois do traumático fim — cercado de dúvidas nebulosas, uma vez que Paulo Ricardo se recusava a falar — e de uma volta mais confusa ainda — agora eram todos que não contavam nada a respeito —, eles devem vir com chumbo grosso. **Sônia Maia**, a nossa expert em declarações exclusivas, investigou a fundo com os meninos a síndrome da superexposição, e as expectativas da volta. E nossa repórter (baby sitter/enfermeira nas horas vagas), a incansável **Ana Maria Bahiana**, conta as peripécias dos meninos em Los Angeles, onde foram mixar o novo LP.

Quem achava que **Cazuza** estava no banco de reservas, se enganou redondamente. Ele passou por uma profunda mudança de comportamento e está trabalhando a todo vapor. Esses dois são fortes candidatos aos Melhores de 88. Mas antes, tem os resultados da votação dos leitores nos destaques do rock nacional e internacional em 87. Veja se você votou nos vencedores em **Melhores de 87**.

Johnny Marr, uma das estrelas que brilhou nas apresentações dos Pretenders e o criador das harmonias pungentes e inesqueciveis dos Smiths bateu um papo com **José Augusto Lemos** e **Jean-Yves de Neufville** durante sua estadia no Brasil. E a súbita e surpreendente invasão do **R.E.M.** nas listas de mais vendidos é devidamente dissecada, com um panorama histórico de brinde. Por fim, **Thomas Pappon** descobriu uma pequena pérola das novíssimas bandas inglesas, o **World Domination Enterprises**.

Os filmes que concorrem ao Oscar estão em Em Cartaz. O Ao Vivo vem quente para quem está fervendo de ansiedade para saber como foi a volta aos palcos do **Legião Urbana**, como é o novo guarda-roupa de Paula Toller (no show do **Kid Abelha**), e mais **John Cale**, **Whitesnake**. Divirta-se.

Bia Abramo

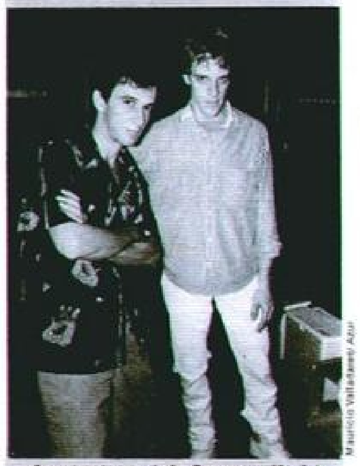
3 ÍNDICE
Você está aqui...
4 SHOWBIZZ
Notas, notícias e boataria
14 PARADA
EUA, Grã-Bretanha e Parada do Leitor
16 LANÇAMENTOS
Discos quentinhos da boca do forno
24 VÍDEO
Clint Eastwood e os principais lançamentos
26 RPM
A volta dos que não foram
32 JOHNNY MARR
Do fim dos Smiths ao Hollywood Rock
36 CAZUZA
Sem exageros
41 MELHORES DE 87
Agora, é a vez do resultado dos leitores
50 R.E.M.
Os darlings dos independentes chegam às paradas
56 AO VIVO
Kool Moe Dee, Whitesnake, John Cale,
Legião Urbana, Pere Ubu, Kid Abelha & os Abóboras Selvagens,
The Mamas & the Papas
62 CINEMA
O coração aberto de Alan Parker
67 EM CARTAZ
Império do Sol, O Último Imperador,
Os Bastidores da Notícia, Wall Street,
Feitiço da Lua e The Running Man
74 LETRAS
"I Started Something I Couldn't Finish", dos Smiths
76 MEU INSTRUMENTO
Oscar Castro Neves, um dos grandes
violonistas da bossa nova
78 AIR MAIL
Direto de Los Angeles e Londres
82 DISCOTECA BÁSICA
Trout Mask Replica, do Captain Beefheart
84 CARTAS & SERVIÇOS

ROCK'N'CINE

Madonna contracena com **Matt Dillon** (o Rusty James de *O Selvagem da Motocicleta)* e **Rutger Hauer** (o andróide de *Blade Runner)* no filme *Bloodhounds of Broadway*, episódio do seriado *American Playhouse* da TV americana.

Adam Horowitz (o Ad Rock dos Beastie Boys) faz o papel (bem adequado) de um doente mental num filme americano chamado *Lunatics*.

Está chegando ao Brasil o novo filme de **Oliver "Platoon" Stone.** Fiquem ligados, pois a trilha sonora de *Wall Street* (com Michael Douglas e Charlie Sheen) é de **Stewart Copeland** (ex-Police, Rush Hour), que já mostrou ser pai da matéria na trilha de *O Selvagem da Motocicleta*.



Mauricio Valladares/ Azul

Copeland com João Barone, o fã nº 1

A MORTE DO MESTRE RADAMÉS

Jorge Rosenberg/ Abril

Para o gaúcho Radamés, não havia fronteiras na música

Compositor, arranjador, orquestrador e exímio pianista, **Radamés Gnatalli** foi tudo isso e um dos mais fecundos músicos de formação erudita a se dedicar à música popular brasileira. Compôs inúmeras peças eruditas (algumas já foram apresentadas na Alemanha, EUA e Inglaterra), chorinhos, valsas e sambas. Fez arranjos para Lamartine Babo, Pixinguinha, Ari Barroso ("Aquarela do Brasil"), Dick Farney ("Copacabana"), Lúcio Alves, Tom Jobim (orquestrou a famosa *Sinfonia do Rio de Janeiro* de Tom e Billy Blanco), Orlando Silva ("Carinhoso") e para mais uma dezena de intérpretes mais novos. Foi regente de orquestras de rádios e TVs (dirigiu a orquestra da Globo durante anos, arranjando centenas de canções em festivais), gravou vários discos de música instrumental e influenciou dezenas de músicos, de Tom Jobim a Rafael Rabello. Ele faleceu no dia 3 de fevereiro no Rio de Janeiro, aos 82 anos, vítima de pneumonia aguda.

A VOLTA (GLORIOSA) DO PERE UBU

Um dos mais criativos grupos americanos da década de 70 e precursor do pop industrial (ver suplemento New Wave da BIZZ 24) está de volta. A nova formação do **Pere Ubu** inclui os membros originais **David Thomas** (vocalista, uma espécie de Delfim Netto que acha que é uma cotovia), **Tony Maimone** (baixista), **Allan Ravenstine** (teclados) e **Scott Krauss** (baterista), além do guitarrista **Jim Jones** e do outro baterista, **Chris Cutler** (ex-Henry Cow, que esteve no Brasil com o grupo Cassiber em 84). Eles estão gravando um LP, a ser lançado neste ano.

Claude Gassian

David Thomas, o Jô Soares do pop industrial

INTRIGAS NO HALL DA FAMA

Foi uma bela festa, a que comemorou a entrada dos **Beatles, Bob Dylan, Beach Boys, Drifters** e **Supremes** no *Rock and Roll Hall of Fame*. A festa rolou em janeiro e contou com a presença de inúmeras personalidades (**Bruce Springsteen, Elton John, Mick Jagger, Billy Joel** etc. etc.) e teve até uma jam-session com Jagger, Dylan e outros. A grande ausência foi a de **Paul McCartney.** Ele não quis ir à cerimônia (realizada no Hotel Waldorf Astoria de Nova York) alegando que suas antigas diferenças com os ex-colegas de grupo não foram resolvidas: "Me sentiria um hipócrita acenando e sorrindo ao lado deles". **George Harrison, Ringo Starr** e **Yoko Ono** estiveram lá.

O *Hall of Fame* é uma espécie de homenagem/reconhecimento prestado aos roqueiros importantes e influentes, que lançaram seu primeiro disco há mais de 25 anos.

Peter Nakhoul/ LFI

George, Yoko, Ringo, Julian e Sean. Os Beatles no Hall of Fame, *ironicamente, sem Lennon & McCartney*

GAÚCHOS LEVANTANDO FUNDOS

Cicciano Azul

TNT: uma bomba no show da Anistia

A seção brasileira da Anistia Internacional está organizando um grande show em Porto Alegre a fim de levantar fundos para um Programa de Educação dos Direitos Humanos, dirigido aos 1.º e 2.º graus escolares do Rio Grande do Sul. É uma excelente oportunidade para ver as principais bandas gaúchas da atualidade. Estarão lá os **Replicantes, DeFalla, Nei Lisboa, Bebeto Alves, TNT, Cascavelletes, Nenhum de Nós** e **Guerrilheiros Anti-Nuclear.** O show começará a partir das 17h30 do dia 27 de março, no Auditório Araújo Viana, no Parque Farroupilha de Porto Alegre.

ROD'N'ROLL

Rod Stewart esteve gravando um LP com banda nova. Sabe-se pouco a respeito do disco. Talvez o título venha a ser *Pardon My Past* ("Perdoem Meu Passado". Tudo bem, Rod, mas reze três Ave-Marias). Ele deverá iniciar uma turnê mundial na China, em abril, com essa banda, formada por **Tony Thompson,** (ex-Chic, Power Station) na bateria, **Bernard Edwards** (ex-Chic) no baixo e **Andy Taylor** (ex-Duran Duran, Power Station) na guitarra.

Pedro Martinelli/ Abril

Rod: turnê mundial à vista...

INÉDITAS DE BUDDY HOLLY

Carmela Pinto

Buddy Holly, morto aos 22 anos

Foram descobertas duas canções inéditas de **Buddy Holly,** escritas em parceria com o produtor **Scott Turner** pouco antes da morte de Holly, num desastre de avião em 1959. Com a autorização da viúva de Buddy, Maria, as duas faixas — "Am I Ever Gonna Find It" e outra, ainda sem título, ambas achadas num case de guitarra que Turner ia jogar fora — serão gravadas pelo sexteto pop-country **Razorback,** em Nashville.

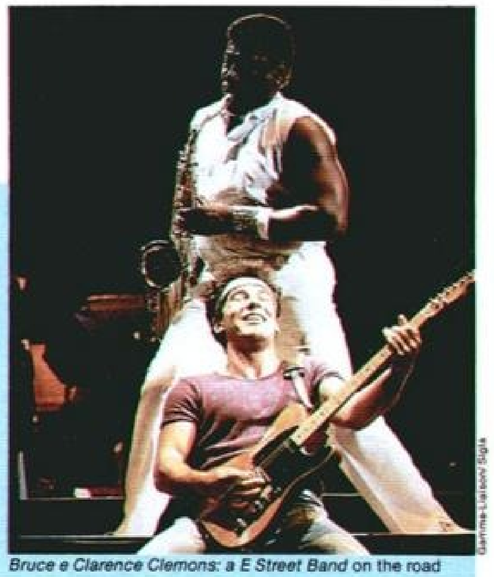
OUÇA ESSA

"Paralamear é um verbo adjetivado que inventei para designar cópia"
Lobão, na *Folha de S. Paulo*

JACKO E O BOSS NA ESTRADA

Começou em fevereiro a parte norte-americana da turnê mundial de **Michael Jackson,** justo na mesma cidade onde os **Jacksons** abriram a malfadada excursão *Victory*, em 1984. O roteiro de shows inclui uma apresentação beneficente no Madison Square Garden, em favor do United Negro College Fund.

Quem também cai na estrada logo, logo é o Chefão **Bruce Springsteen.** Acompanhado de toda a **E Street Band,** Bruce se apresentará somente em teatros pequenos, para platéias entre quatro e seis mil pessoas. E, por falar em Springsteen, uma organização beneficente de Nova Jersey que distribui comida aos pobres, a Community Food Bank, revelou que entre seus voluntários estava uma celebridade que preferia ficar anônima, enquanto distribuía sacos de mantimentos aos necessitados no cais do porto da cidade. Pouco depois descobriu-se que a celebridade era o próprio Bruce, que ainda deixou um chequinho de 50 mil dólares de lambuja. Springsteen fez de tudo nas docas: dirigiu caminhão, armazenou sacos e ainda deu uma de guarda de trânsito nos horários mais movimentados!



Gamma-Liaison/ Sigla

Bruce e Clarence Clemons: a E Street Band on the road

CURTAS E GROSSAS I

Essa é boa! **Terry Chimes,** o primeiro (e um dos últimos) baterista do **Clash,** é o mais novo integrante do **Black Sabbath**! *Jeeesuuus!!!!* ⊗ **Roger Glover** e **Ian Gillan,** que ficaram famosos de verdade quando eram, respectivamente, o baixista e o cantor do **Deep Purple** (aaah!, bons tempos), formaram a dupla **Gillan & Glover** e lançaram o single "Dislocated". ⊗ **Howard Devoto,** vocalista e grande letrista dos **Buzzcocks** e **Magazine,** voltou à ativa. Ele se juntou a um misterioso tipo chamado **Noko** e formou o grupo **Luxuria.** Os primeiros singles já estão saindo. ⊗ E **Debbie Harry** se separou de **Chris Stein,** seu companheiro desde os bons tempos da Blondie, onde o marido tocava guitarra.

Ilpo Musto / LFI

Glover & Gillan: juntos de novo, fora do Deep Purple

CONCURSO VILLA-LOBOS

Vem aí o III Concurso Internacional de Piano Villa-Lobos, a ser realizado em duas etapas: a eliminatória, em maio, que selecionará oito candidatos (através da audição de fitas enviadas pelos inscritos) e as semifinais e finais, em agosto (na Sala Cecília Meireles, Rio de Janeiro, aberta ao público). Os três primeiros colocados ganharão prêmios em dinheiro (200, 100 e 50 mil) e o vencedor fará um concerto no dia 27, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Fichas de inscrição e outras informações podem ser obtidas no Museu Villa-Lobos, rua Sorocaba, 200, Botafogo, CEP 22271, Rio de Janeiro. O telefone é (021) 266-3894 ou 266-3845.

SELO NOVO NA PRAÇA

A **SBK Songs-Brazil** era apenas uma editora musical, subsidiária nacional da SBK Songs. Agora virou gravadora e já lançou seu pacote de estréia com oito trilhas sonoras de cinema (do catálogo do selo americano Varése-Sarabande — veja resenhas na próxima BIZZ). Ainda pretendem lançar LPs de outros selos americanos como Enigma (oobaaa! Têm Plasticland, T.S.O.L., Agent Orange, Peter Hammill, Divine Horsemen e uma infinidade de *heavies*), Life Style (especialista em new age), RBI (jazz) e Living Music (música instrumental), que tem Oscar Castro Neves no catálogo. A prensagem, a capa e a distribuição ficam por conta da CBS.

Gari Lpi

ESPECIAIS DE LENNON

Sete anos após o assassinato do ex-beatle, ainda há material sobre **John Lennon** para continuados especiais. Em janeiro estreou nos Estados Unidos a série *The John Lennon Tapes*, 100 horas inéditas de entrevistas e músicas compiladas pela emissora Westwood One Radio Network, com demos raras — inclusive de músicas que John havia composto especialmente para **Harry Nilsson** e **Ringo Starr.** E em torno de julho estréia nos cinemas norte-americanos *Imagine John Lennon*, edição resultante de 200 horas de material inédito que estava nos arquivos de Yoko Ono.

Lennon, nos tempos do iê-iê-iê

Eva Joory / Abril

Liminha e Neal X, pilotando o novo Sputnik

ALTAS PRODUÇÕES

Está saindo o novo LP do **Sigue Sigue Sputnik,** *Dressed for Sexcess*, inteiramente produzido pelo nosso conterrâneo **Liminha.** Em rápida entrevista concedida a BIZZ nos dias paulistas do Hollywood Rock, ele contou estar satisfeito com o resultado final do disco do SSS e também com o primeiro lugar concedido ao *Jesus Não Tem Dentes...* pela crítica de BIZZ: "A concepção dos **Titãs** é bem armada. O disco foge aos padrões. Mostrei-o aos caras do Sigue Sigue e eles adoraram". Quanto às condições de produção na Inglaterra, declarou que "a diferença está na mão-de-obra, no know-how dos técnicos". Também, pudera. Seu engenheiro de som foi **Gary Langham,** produtor de *Happy?*, o último petardo do PIL. Quanto aos Siguies, que considerou "ousados", contou que **Tony James** e **Neil X** são a alma musical do grupo, que todos são "reloginhos" em termos de precisão e que **Martin Degville** (o cantor) "é louco. Na Grécia ele andava de sunga e botas na praia". Enquanto aguarda o lançamento do LP (previsto para maio), ataca de ponte aérea entre Rio e Los Angeles, onde se encontra produzindo artistas nacionais (**Heróis da Resistência, Jorge Ben**). "Os Titãs também estão na fila", ele garante.

Paul Cox / LFI

Housemartins: a forte amizade acabou...

CURTAS E GROSSAS II

Os **Housemartins,** um dos grupos mais queridos da atualidade na Inglaterra (ainda inédito no Brasil), declararam o seu fim. O grupo não andava satisfeito com seus últimos discos. Ainda devem lançar um single e fazer alguns shows antes de acabar. • Tem outro irmão de Michael Jackson tentando carreira solo. É **Marlon Jackson,** um ano mais velho que Jacko. Ele lançou o LP *Baby Tonight*. • E **Michael Jackson** *não* é papai, segundo um tribunal de Chicago. Ele foi absolvido da acusação feita por Lavon Powlis, de que seria o pai de seus três filhos. • Outro grupo razoavelmente conhecido e que terminou é o **Long Ryders,** dos EUA.

NOVIDADES NO VINIL I

Já saiu o primeiro single solo de **Morrissey.** Chama-se "Suedehead" (alusão a um corte de cabelo supercurto que lembra a textura da camurça). Foi lançado pelo selo Parlophone, da EMI).

Vai muito bem nas paradas inglesas (subiu do 34.º para o 7.º posto numa semana) o novo single dos **Stranglers.** É "All Day and All of the Night", que foi um grande sucesso dos **Kinks.**

WEA, *please!* Lance o último LP do guitarrista **Ry Cooder,** *Get Rhythm*, o primeiro desde 82. Tem vocais de Larry Blackomon (Cameo) e do ator Harry Dean Stanton (*Paris, Texas*). Lembrem-se: Cooder é o autor de trilhas espetaculares como as de *Paris, Texas*, *Baia do Ódio* e *A Encruzilhada*.

GOL CONTRA

Uma retificação: na votação dos **Melhores de 87**, publicada na BIZZ 31, a faixa "Futebol", votada pelo crítico da *Folha de S. Paulo*, **Marcos Smirkoff**, é a de autoria de **Nanã Vasconcelos**, que aparece no LP *Bush Dance*, e não "O Futebol", de Akira S & as Garotas que Erraram. A correção não altera os resultados da votação.

Laura Levine / LFI

Beasties: lata d'água na cabeça

SEPULTURA NA KERRANG!

Com chamada de capa e tudo, saiu a matéria sobre o grupo de *death metal* de Belo Horizonte **Sepultura,** na principal revista heavy da Inglaterra, a *Kerrang!* O autor do texto, Don Kaye, confundiu as coisas e intitulou a matéria de "Blame It on Rio" (Ponha a Culpa no Rio), sendo que o grupo vive em Belo Horizonte. Por outro lado, não são poupados elogios à banda, que segundo a revista "faz um mix brutal de Slayer, Possessed e Kreator". Grande, garotos!

Yes, nós temos Death Metal!

CESTA BESTA

O jornalista **Chuck Eddy,** da revista americana *Creem*, se encontrava repousando num hotel em Los Angeles, no início do ano passado, quando de repente entraram os **Beastie Boys** no seu quarto e enfiaram um cesto cheio de água na sua cabeça. Passados alguns dias ele já tinha até esquecido do episódio quando reconheceu sua cara na TV sendo "regada" num vídeo dos Beastie Boys. Eles haviam filmado tudo! A cena aparece no vídeo dos Beasties, um dos mais vendidos e procurados nas locadoras! Fim da história: Eddy abriu um processo contra o grupo, a Def Jam, a CBS-Fox Video e o Hotel Le Parc (que cedeu as chaves do seu quarto ao grupo). A acusação é de agressão e apropriação indevida de sua imagem. Ele exige uma indenização de 500 mil dólares.

PEPEU HENDRIX

Jorge Medlitsch / Abril

Pepeu: desbundando os americanos

Saiu na revista americana *Guitar World*, em janeiro. Disseram que **Pepeu Gomes** tem a habilidade de **Jimi Hendrix** na guitarra. Desse jeito ele vai ser recebido de braços bem abertos nos EUA, onde ele pretende morar por uns tempos — sozinho, já que se separou recentemente de **Baby Consuelo,** 18 anos de vida conjugal e seis rebentos depois.

NOVIDADES NO VINIL II

Essential Elvis — The First Movies é o título de um LP com 23 canções inéditas de **Elvis Presley**, lançado há pouco nos EUA. São sobras e versões alternativas de canções das trilhas de seus primeiros três filmes: *Ama-me com Ternura (Love me Tender), Prisioneiro do Rock (Jailhouse Rock)* e *Balada Sangrenta (King Creole)*.

Jerry Harrison (que toca teclados e guitarras nos **Talking Heads**) lançou seu segundo LP solo, intitulado *Casual Gods*, que também é o nome da banda que ele acabou de formar (apesar de continuar nos Heads, que estão lançando o LP *Naked*). Tocam no grupo alguns músicos que participam do LP, como **Alex Weir** (guitarras) e **Bernie Worrell** (teclado). Detalhe curioso: a capa do LP é uma foto do garimpo de Serra Pelada!

James Brown lançou novo LP gravado ao vivo. Chama-se *James Brown and Friends*, e tem participações de **Robert Palmer, Wilson Pickett** e **Joe Cocker.**

Vance (baixo) e Gina: House of Schock

CURTAS E GROSSAS III

Acaba de sair o primeiro livro (!) de **Michael Jackson.** É uma autobiografia chamada *Moonwalk* e está sendo editada por **Jacqueline Onassis** (isso mesmo!!!). ● **Keith Richards,** quem diria, toca no novo LP de **Agnetha Faltskog** (a loira do ABBA), *I Stand Alone*. ● Os **Picassos Falsos** têm um novo baixista. Saiu **Zé Henrique** e entrou **Minhoca** (ex-Kongo) ● **Gina Schock,** ex-baterista das **Go-Go's,** canta e toca guitarra no grupo **House of Schock,** que está lançando seu LP de estréia. ● **Zakk Wylde,** garoto de 21 anos de Nova Jersey, é o novo guitarrista de **Ozzy Osbourne.** Ele foi selecionado após testes realizados com centenas de candidatos.

GILBERTO GIL, ALCAIDE DE SALVADOR?

Gil no último Carnaval baiano, com os Filhos de Gandhi: rumo à Prefeitura

Quase um ano depois de assumir a presidência da Fundação Gregório de Mattos em Salvador (um orgão da Secretaria Municipal da Cultura), **Gilberto Gil** sonha mais alto e, oficiosamente, sua candidatura à Prefeitura da capital baiana já está na boca e no corpo do povo, via camisetas com o slogan "Eu Quero Gil". Ainda sem filiação partidária, mas já namorado pelo PMDB e pelo PDT, Gil só estava esperando o Carnaval passar para lançar definitivamente sua candidatura e ampliar sua atuação política, que vem dando bons frutos à frente da FGM, movimentando culturalmente a cidade e, principalmente, dando nova dimensão às questões da cultura negra na Bahia. Na sua tentativa de unir o delírio poético à sensatez política, Gil vem enfrentando algumas resistências de setores mais tradicionais, que o preferem musicalmente. Enquanto aposta no seu jogo de cintura, ele faz uma das modas do verão baiano: de Caetano Veloso a Chico Buarque, passando por Marina, Lobão e Herbert Vianna, todos fizeram a "campanha" de sua candidatura, quando não vestiam (literalmente) sua camisa em seus shows.

Hagamenon Brito, de Salvador

OUÇA ESSA II

"A mulher ideal é aquela que é bonita, adora trepar, e vira uma pizza às quatro da manhã."
Frank Zappa

LETRAS TRADUZIDAS E SET NAS BANCAS

Oooobaaaaaa! Tem **Letras Traduzidas** nova nas bancas, com Joy Division, U2, Rolling Stones, New Order, Bananarama, Duran Duran e muito mais! E ainda tem a nova SET com matérias exclusivas sobre *Império do Sol* (de Steven Spielberg), *Um Grito de Liberdade* (de Richard Attenborough), a entrega do Oscar 88 e uma seleção arrepiante de vídeos de terror!

TACADA PROGRESSIVA

Steve Davis, o conhecido campeão inglês de sinuca que já esteve no Brasil várias vezes para jogar contra Ruy Chapéu e outros feras do taco, agora também é promotor de concertos de rock. Ele abriu a Interesting Promotion, que entrou no ramo com um passo firme: estão levando os progressivos franceses do **Magma** (grupo que lançou cerca de uma dezena de LPs na década de 70, liderado pelo baterista Christian Vander) para três datas em Londres. Davis, fã do rock progressivo da década passada, prometeu que vai organizar shows com os grupos **Henry Cow** e **Faust,** grandes representantes do rock experimental.

Davis: apostando nos experimentais

NO BLACK

O esperado sucessor de *Sign O' the Times* corre o risco de não ver a luz do dia. O disco (o tal do *Black Album*) tinha até data marcada para sair nos EUA (15 de dezembro), e algumas centenas de cópias chegaram a ser prensadas. Tudo parou por aí e parece que o próprio Prince decidiu, de última hora não lançar o LP. Ainda não se sabe bem por quê.

CURTAS E GROSSAS IV

Frank Zappa está excursionando pelos EUA, depois de hibernar por três anos em estúdios. Ele, que certa vez declarou ser impossível excursionar com uma banda de onze instrumentos hoje em dia — por causa dos altos custos de produção — está justamente viajando com onze (!) músicos. ⊗ Dizem por aí que **Tina Turner** deve quatro mil dólares ao restaurante Mr. Zee, no Rio de Janeiro. Ela encomendou comes e bebes no valor de "apenas" 15 mil dólares para uma festa realizada no apartamento do empresário Alfredo Saad e, no acerto de contas, o *manager* de Tina, Roger Davies, decidiu unilateralmente que só pagaria uma parte. ⊗ **Kiko Zambianchi** e **Fê Lemos** (bateria do Capital Inicial) são os autores da trilha sonora da peça *Blecaute* — adaptação do livro homônimo de Marcelo Rubens Paiva — cuja estréia (em São Paulo) ainda não está marcada.

MOVIMENTAÇÃO DE ESTÚDIO

Algumas estrelas solitárias vagam pelos estúdios neste início de 88. Pela RCA, gravam **Lulu Santos, Bezerra da Silva** e **Maria Bethânia.** A Polygram entra com **Erasmo Carlos, Wagner Tiso, Elba Ramalho** e **Ritchie. Jorge Ben** ocupa os estúdios da WEA, ao lado do **Conexão Japeri** e do **Luni**, que preparam seus primeiros LPs. A Odeon traz ainda o ex-Bryinho **Cláudio Zoli** em trabalho solo. Os independentes atacam de heavy metal: a Cogumelo Discos, de Belo Horizonte, coloca em estúdio as bandas **Nayhen, Wiechammer, Aamo Hammer** e **Megatrash,** que farão parte da coletânea Welfare Noise II. Em São Paulo, a movimentação fica por conta da Ataque Frontal, que prepara um mini-LP dos **Kães Vadius.**

Kães Vadius: mais psychobilly no vinil

André e Cherry do O-Kotô: o tecno-etnopop chega ao MASP

GUITARRAS & KOTÔ

O heavy metal nacional vai de vento em popa, e parece que finalmente começam a aparecer boas produções ao vivo do gênero. Durante o mês de março, por exemplo, estarão se apresentando todas as terças, a partir das 20 h, no Espaço Mambembe (r. do Paraíso, 494), em São Paulo, bandas como **Korzus, Viper, Vodu, Ventro, Angel, Megaton, Cruci Form, Revenge** e **Dorsal Atlântico** (RJ). O produtor do Ultraje a Rigor, **Cacá Prates,** estará promovendo o Metal Tour/Brasil, a partir de abril. É um projeto que envolve cinco bandas que deverão se apresentar inicialmente em São Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro. O show em Sampa tem data: 9 de abril (o local ainda não estava definido quando fechamos esta edição). As bandas são **Sepultura, Viper, Dorsal Atlântica, MX** e **Korzus.**

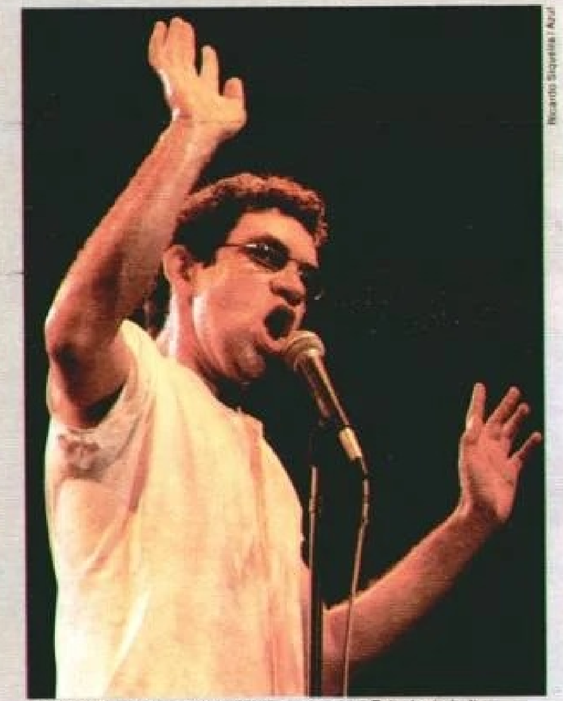
E o curioso grupo **O-Kotô,** formado pela dupla **André Fonseca** (ex-Patife Band) e **Cherry Taketani,** estará se apresentando no dia 15 de abril, às 20 h, no Museu de Arte de São Paulo. Eles mesclam timbres de instrumentos japoneses ancestrais — como o kotô (foto) e shaminsen — com os de guitarra e ritmos eletrônicos, junto a uma bela coreografia, aos cuidados da cantora Cherry. Pop com sabor de sashimi.

Skate

SEA CLUB. DESTAQUE-SE NA PAISAGEM.

SEA® CLUB

S U R F W E A R



Ricardo Stuckert / Azul

Legião (foto) e Titãs, a dobradinha nacional na Parada do Leitor

Parada do Leitor (LPs)

1	(N)	*Que País É Este — 1978/1987*	**Legião Urbana** (EMI-Odeon)
2	(2)	*Jesus Não Tem Dentes no País dos Banguelas*	**Titãs** (WEA)
3	(9)	*Nothing Like the Sun*	**Sting** (Polygram)
4	(1)	*The Joshua Tree*	**U2** (WEA)
5	(13)	*Kiss Me Kiss Me Kiss Me*	**Cure** (Polygram)
6	(2)	*Independência*	**Capital Inicial** (Polygram)
	(N)	*D*	**Paralamas do Sucesso** (EMI-Odeon)
8	(4)	*Echo & the Bunnymen*	**Echo & the Bunnymen** (WEA)
	(6)	*A Revolta dos Dândis*	**Engenheiros do Hawaii** (Plug)
10	(12)	*A Momentary Lapse of Reason*	**Pink Floyd** (CBS)
	(15)	*Scoundrel Days*	**A-ha** (WEA)
12	(6)	*Nunca Fomos Tão Brasileiros*	**Plebe Rude** (EMI-Odeon)
	(N)	*Who's That Girl?*	**Trilha Sonora — Vários** (WEA)
14	(N)	*Actually*	**Pet Shop Boys** (EMI-Odeon)
15	(N)	*Carne Humana*	**Zero** (EMI-Odeon)

Convenções

( ) indica a posição na parada anterior
(N) indica novidades na parada
(R) indica retorno à parada

Leitor! Sua participação é importante na Parada BIZZ!
Escreva para BIZZ, Caixa Postal 60081, CEP 05096, dizendo quais os discos que você comprou neste mês.
Acrescente seu nome, endereço e telefone para que possamos voltar à consultá-lo.

LPs (EUA)

1	(3)	*Faith*	**George Michael** (Columbia)
2	(1)	*Dirty Dancing*	**Trilha Sonora — Varios** (RCA)
3	(9)	*Tiffany*	**Tiffany** (MCA)
4	(2)	*Bad*	**Michael Jackson** (Epic)
5	(8)	*The Lonesome Jubilee*	**John Cougar Mellencamp** (Mercury)
6	(5)	*Whitesnake*	**Whitesnake** (Geffen)
7	(R)	*Whitney*	**Whitney Houston** (Arista)
8	(N)	*Kick*	**INXS** (Atlantic)
9	(4)	*A Momentary Lapse of Reason*	**Pink Floyd** (Columbia)
10	(10)	*Hysteria*	**Def Leppard** (Mercury)

Compactos (EUA)

1	(9)	"Got My Mind Set on You"	**George Harrison** (Warner Bros.)
2	(N)	"The Way You Make Me Feel"	**Michael Jackson** (Epic)
3	(5)	"So Emotional"	**Whitney Houston** (Arista)
4	(N)	"Need You Tonight"	**INXS** (Atlantic)
5	(N)	"Could've Been"	**Tiffany** (MCA)
6	(1)	"Faith"	**George Michael** (Columbia)
7	(N)	"Hazy Shade of Winter"	**Bangles** (Def Jam)
8	(3)	"Is This Love"	**Whitesnake** (Geffen)
9	(N)	"Candle in the Wind"	**Elton John** (MCA)
10	(N)	"Tell It to My Heart"	**Taylor Dayne** (Arista)

LPs (GB)

1	(2)	*Now Music 10*	**Varios** (Virgin)
2	(1)	*Whenever You Need Somebody*	**Rick Astley** (RCA)
3	(9)	*Bad*	**Michael Jackson** (Epic)
4	(5)	*The Hits Album 7*	**Varios** (CBS)
5	(R)	*Actually*	**Pet Shop Boys** (Parlophone)
6	(N)	*Popped in Souled Out*	**Wet Wet Wet** (Precious)
7	(8)	*Tango in the Night*	**Fleetwood Mac** (Warner Bros.)
8	(3)	*Bridge of Spies*	**T'Pau** (Siren)
9	(N)	*Introducing the Hardline*	**Terence Trent D'Arby** (CBS)
10	(4)	*All the Best*	**Paul McCartney** (Parlophone)

Compactos (GB)

1	(7)	"Always on My Mind"	**Pet Shop Boys** (EMI)
2	(N)	"Heaven Is a Place on Earth"	**Berlinda Carlisle** (Virgin)
3	(N)	"House Arrest"	**Krush** (Club)
4	(N)	"Fairytale of New York"	**Pogues** (Pogue Mahone)
5	(3)	"The Way You Make Me Feel"	**Michael Jackson** (Epic)
6	(N)	"Love Letter"	**Alison Moyet** (CBS)
7	(N)	"I Found Someone"	**Cher** (Geffen)
8	(4)	"When I Fall in Love"	**Rick Astley** (RCA)
9	(N)	"All Day and All of the Night"	**Stranglers** (Epic)
10	(N)	"Stutter Rap"	**Morris Minor and the Majors** (10)

LPs Independentes (GB)

1	(1)	*Strangeways, Here We Come*	**Smiths** (Rough Trade)
2	(4)	*Palace of Swords Reversed*	**Fall** (Cog Sinister)
3	(N)	*Jesus Meets the Stupids*	**Stupids** (Vinyl Solution)
4	(3)	*George Best*	**Wedding Present** (Reception)
5	(5)	*Heaven's End*	**Loop** (Head)
6	(6)	*The Circus*	**Erasure** (Mute)
7	(R)	*Substance*	**New Order** (Factory)
8	(2)	*Out of Our Idiot*	**Elvis Costello** (Demon)
9	(R)	*Louder Than Bombs*	**Smiths** (Rough Trade)
10	(7)	*No More Cocoons*	**Jello Biafra** (Alternative Tentacles)

Compactos Independentes (GB)

1	(7)	"Touched by the Hand of God"	**New Order** (Factory)
2	(1)	"Birthday"	**Sugar Clubes** (One Little Indian)
3	(5)	"Last Night I Dreamt..."	**Smiths** (Rough Trade)
4	(4)	"Downtown"	**Justified Ancients of Mu Mu** (Jams)
5	(N)	"Sharp As a Needle"	**Barmy Army** (ONUDP)
6	(N)	"Behind the Wheel"	**Depeche Mode** (Mute)
7	(R)	"Rock da House"	**Beatmasters/Cookie Crew** (Rhythm King)
8	(N)	"Featuring Gary Clail"	**Tackhead** (On U Sounds)
9	(R)	"Pump up the Volume"	**MARRS** (4AD)
10	(N)	"Pristine Christine"	**Sea Urchins** (Sarah)

Fonte: *Cash Box* e *Billboard* (EUA); *New Musical Express* e *Melody Maker* (GB), de 2 a 30/01/87. Para a Parada do Leitor, foram consideradas as cartas recebidas até 31/01/87.

EM CARTAZ

SUA REVISTA DE CINEMA E VÍDEO

NAS BANCAS

OS POINTS SEA CLUB.

REGIONAL BELO HORIZONTE

BELO HORIZONTE: Avenida Homem e Mulher - Lee Importadora - Western - Yankee • **BRASÍLIA**: Dallas - Livre Importadora - Universal • **CORINTO**: Jeans Center • **IPATINGA**: Danni Jeans • **JUIZ DE FORA**: Credvest - Delmonte São João - Drops • **MONTES CLAROS**: Etiqueta Sport - Raio X • **PATROCÍNIO**: Stock Modas • **POÇOS DE CALDAS**: Garden Modas - Turti Modas • **SÃO JOÃO DEL REI**: Marco Vale Special • **TAGUATINGA**: - Livre Importadora • **UBERABA**: Minerva Esporte - Tremendão - Ximbica Modas • **UBERLÂNDIA**: Dom Fernando

REGIONAL CAMPINAS

ARAÇATUBA: To Much • **ARARAQUARA**: - Bonnie & Clyde • **ASSIS**: Free Jeans • **BARRETOS**: Macã Vermelha - Tube • **BELO HORIZONTE**: Yaia • **BRAGANÇA PAULISTA**: Firenze Magazine • **CAMPINAS**: Cameron Roupas - Jean Junction - La marca - Victory Modas • **CARAGUATATUBA**: Rossi Surf Shop • **CATANDUVA**: Lavinho's JEANS • **GOIANIA**: Di George • **INDAIATUBA**: Kina Modas • **ITAPETININGA**: Center Matarazzo • **ITAPEVA**: Exclusive Shopping • **ITU**: Hobby Magazine - Hobby Sports • **JACAREÍ**: Rosvaldo Modas • **JAU**: - Fred Jeans • **LIMEIRA**: Fargos • **MOGI DAS CRUZES**: Boutique Ver de Perto • **PEDERNEIRAS**: Estampa Confecções • **PIRASSUNUNGA**: Verde Boutique • **PRESIDENTE PRUDENTE**: Jeans e Afins - Star Jeans • **STA. BÁRBARA D'OESTE**: Etiqueta Modas • **SÃO CARLOS**: Katina Boutique • **SÃO JOÃO DA BOA VISTA**: Sallon Jeans - Sercel Modas - Sercel Skate Shopping • **SÃO JOSÉ DOS CAMPOS**: B.B.C. - Rosvaldo Modas - Ver de Perto • **TAUBATÉ**: Ponto Quatro • **TUPÃ**: Koisa e Tal • **UBATUBA**: Casa Fernades Magazine • **VINHEDO**: Desce Escada

REGIONAL CURITIBA

ANDIRA: Quarenta Graus Boutique • **APUCARANA**: Cartola • **CAMBURIU**: Aloha Surf • **CHAPECÓ**: Casas Vitória • **CIANORTE**: A Brasileira • **CORNÉLIO PROCÓPIO**: Cartola • **CURITIBA**: Fariel Sport - Jeanstock - Vida Livre • **FLORIANÓPOLIS**: Beco - Joaquina Authentic Surf Shop - Vida Livre • **ITAJAÍ**: Vida Livre • **JOINVILLE**: Apolo • **LONDRINA**: Biboca - Cartola - Sergio Magazine • **MARINGÁ**: A Brasileira - Lojas Genkp • **PARANAVAÍ**: Chad Modas • **RIO SUL**: Status Rio • **SÃO JOSÉ**: Postal do Sol • **TUBARÃO**: Tatucha • **UMUARAMA**: Nivaldo Magazine • **XANXERÊ**: Lorenci

REGIONAL PORTO ALEGRE

BAGÉ: Tempo • **CAMAQUÃ**: Ferrão Confecções • **CANOAS**: Bronson - Bronson Surf Shop • **CAXIAS DO SUL**: Fredrizzi • **CRUZ ALTA**: Treku's • **ERECHIM**: 107 Surf Shop • **IJUÍ**: Butaku's • **LAJEADO**: Lojas Huffner • **NOVO HAMBURGO**: Casa Floriano • **PASSO FUNDO**: Dica Surf - Ecco's - Maré Alta - Via Moron • **PELOTAS**: Tim-pamp Modas • **PORTO ALEGRE**: Casa Lu - Huff - 30 Graus Sul • **SANTA MARIA**: Trapiche - Vento Norte • **SANTANA DO LIVRAMENTO**: Caggiani Modas - Sevim • **SÃO BORJA**: Preferida Shop • **TAQUARA**: B.L. Jeans

REGIONAL RECIFE

BELÉM: Jomaq - Lojas Visão - Y. Yamada • **BOA VISTA**: Tentação Modas • **CAMAÇARI**: Dikaru • **CAMPINA GRANDE**: Tropiku's • **CRUZ DAS ALMAS**: Sac • **EUNÁPOLIS**: Star Jeans • **FEIRA DE SANTANA**: Beijo na Boca - H2A • **ILHÉUS** D.K. • **IMPERATRIZ**: Tuny Modas • **JOÃO PESSOA**: Jean Surf • **JOAZEIRO**: Pedrão Modas • **MANAUS**: Play Boy • **NATAL**: Etc e Tal Sport Wear - Love Boutique Surf Shop - Opeste Surf Shop - Parafina • **RECIFE**: Pacific Shore Surf - Raket • **SALVADOR**: Correct Star - Ferramenta de Corpo

REGIONAL RIO DE JANEIRO

CABO FRIO: Loko Makai • **CACHOEIRO DO ITAPEMIRIM**: Boutique Solange • **CAMPOS**: A.R. Modas - Free Wave - New Sport - Oiu Oiu - Tioni Modas • **CARIACICA**: bagagia • **FRIBURGO**: Sensual Fashion • **ITAPERUNA**: Vila Jeans • **NITERÓI**: Fisico & Forma - Mountin Jeans • **PETRÓPOLIS**: Moustache • **RIO DE JANEIRO**: Alex Bactery - Bolt Shop - Camping Tur - Fisico & Forma - Vanesse • **SAQUAREMA**: Chanse Modas • **TEÓFILO OTONI**: Peter's Jeans • **VILA VELHA**: KGB - Liliana Confecções • **VITÓRIA**: Vila Jeans - KGB • **VOLTA REDONDA**: Span Modas

REGIONAL SÃO PAULO

GUARUJÁ: Oneill Brasil / Pitanguerias - Oneill Náutica / Enseada - Oneill Surf / Boulevard • **SANTOS**: Pant's Jeans • **SÃO BERNARDO DO CAMPO**: Know How Brasilian Surfer • **SÃO PAULO**: Dampa Sportswear - Franete Surf Shop - Gal - Gal Lifestyle - Mustabi - Natural Word - Opus Dive - Dahu Surf Shop - Sun Country - Star Point - Tasty Modas • **SÃO VICENTE**: Gustore

ESCRITÓRIOS REGIONAIS

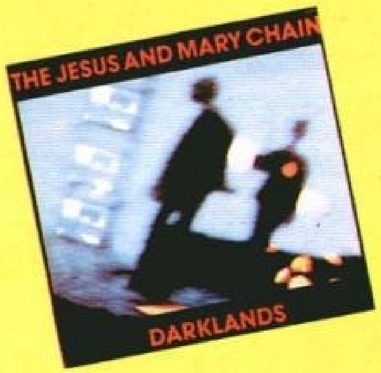
Telefones/Contato

BELO HORIZONTE (031) 225.2244 / Sr. Luiz Henrique
CAMPINAS (0192) 51.4811 / Srs. Marucci e Hélio
CURITIBA (041) 222.5770 / Sr. Mielli
PORTO ALEGRE (0512) 22.1522 / Sr. Pajek
RIO DE JANEIRO (021) 210.1351 / Sr. Marcus Vinicius
RECIFE (081) 224.1533 / Sr. Sampaio
SÃO PAULO (011) 549.9144 / Sr. Stocco

SEA CLUB
SURFWEAR

LANÇAMENTOS

A partir deste número, a seção de Lançamentos da BIZZ passa a ter seus destaques mais polêmicos comentados duplamente. Uma forma de apresentar dois pontos de vista diferentes sobre um mesmo disco e satisfazer os leitores que reclamam da parcialidade com que são tratados alguns álbuns nesta seção. Para começar vamos de...



DARKLANDS — The Jesus & Mary Chain (WEA)

O feedback ficou para a história. O segundo LP dos irmãos Reid é puro candy, cândido até as lágrimas. O doce psicótico de seu LP anterior virou balada azedinha. As notas continuam as básicas: lá, ré, sol — às vezes mi. Mas ninguém consegue tocá-las com o sentimento de frustração, a sugestão distorcida (o *buzz* e o *drive*) de decadente letargia que suspira da guitarra de William. E o vocal de Jim, apenas inigualável, sussurrando os mais resignados lamentos desafetados de sua (nossa) geração... Wow!

Darklands é um disco cinzento. "Happy When It Rains", o hit (single), é a versão anos 80 de "Singin' in the Rain". Tempo nublado também em "Nine Million Rainy Days", a ponte musical impossível entre "Ocean" do Velvet Underground e o *voodoo whoop* de "Simpathy for the Devil" dos Rolling Stones, e em "April Skies", outro hit de danças definitivas ("sacrifice myself to you", com os pulsos abertos). Lágrimas, lágrimas de chuva. Românticos decepcionados, garotos de vinte anos. Obra-prima da decepção juvenil, inspirada em Stones, Beach Boys ("Cherry Came Too" é surf music de inverno), Velvet e Lou Reed ("On the Wall" é "Walk on the Wild Side" ao lado de uma "Femme Fatale") e Pink Floyd (especialmente em "Deep One Perfect Morning"). Estilos que geram estilo. O Estilo. Perfeito, enfim, como uma balada de violão para encerrar o vinil. *Marcel Plasse*

A estimulante mistura de ruídos e anos 60 deu lugar a uma enjoada e melosa maçaroca de pop revivalista. Dispensaram as microfonias, reduziram os overdubs de guitarras, puseram paletó e gravata na bateria e William Reid aproveitou para mostrar que aprendeu mais um acorde (agora sabe três). Resultado: uma promissora banda jovem que não ligava para picos de VU (servem para controlar níveis de gravação) e escancarou o barulho como atitude típica dos anos 80 no tratamento de temas dos 60, agora se alinha aos zilhões de grupos reverenciadores do psicodelismo, que tentam soar desesperadamente como o Velvet Underground. Agora que retrocederam, eles podem até ser confundidos com outras bandas do gênero, como o Church (graças aos vocais, mais na frente, de Jim Reid) ou com bandas contemporâneas como o New Order (ouçam "April Skies") e Echo and the Bunnymen. As letras em nada ajudam, pois não saem da debilidade do "honey, look at the sky, the rain, I feel down" etc. Mas, para mostrar que não estou de mau humor, confesso que gosto do disco. Afinal, homenageiam o Velvet... *Thomas Pappon*

THE STORY OF THE BLUES — Vários (Brenno Rossi/CBS)

Paul Oliver, um pesquisador apaixonado pelo blues, é responsável por um imenso registro fotográfico e de depoimentos de suas figuras solares, tendo escrito vários livros sobre o tema (um deles, de título homônimo ao deste álbum). Ele também foi o principal consultor para a seleção das faixas deste lançamento histórico, didaticamente dividido em quatro lados embebidos da mais pura emoção. O lado 1, *A Origem do Blues*, começa com um resgate de suas raízes africanas através de uma gravação — feita em 64, pelo próprio Oliver, no norte de Gana — de um dos cantos tribais dos Fra-Fra, de estrutura incrivelmente semelhante à do blues, seguindo com pioneiros como Blind Lemon Jefferson e Leadbelly. A segunda aula, *Blues e Entretenimento*, revela a assimilação do gênero pelo *vaudeville*, ainda antes da Grande Depressão de 29. O lado 3, *Os Anos 30, Blues Rural e Urbano*, marca a transição irreversível desta música, dos campos de algodão para o espírito cosmopolitano das grandes cidades. Esta urbanização torna-se mais acentuada no lado 4, *Segunda Guerra Mundial e Depois*, que focaliza o êxodo dos grandes bluesmen do Mississipi para Chicago e Detroit. O próximo passo, o rock'n'roll... *C.P.*

Reuniu dez pepitas da música romântica brasileira recente e convenceu o comercialíssimo produtor Mazzola a aceitar o desafio. O resultado é simplesmente delicioso. Ao interpretar canções de Caetano, Lobão, Djavan e Jobim, Simone se redime e sugere que a MPB ainda tem salvação. *L.A.G.*

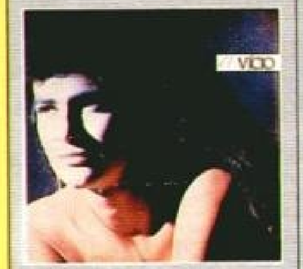
RESTOS DE NADA (Devil)

"Tenho medo de olhar nas latas de lixo/Pois dentro de uma delas eu posso me encontrar" ("Deixem-me Viver"). Os riffs de guitarra recortados com facão de açougue por Douglas, o baixo subterrâneo seguro por Clemente, dos Inocentes, a bateria raivosa de Charles e as cordas vocais apopléticas de Ariel, com músicas feitas entre 78 e 80, chegam no momento certo. Se o poder aquisitivo da população voltou aos níveis de 77, este disco é de uma atualidade feroz. *J.Y.N.*

UNSICHTBARE CHÖRE (COROS INVISÍVEIS) — Karlheinz Stockhausen (Deutsche Grammophon/Polygram)

O lançamento deste LP vem incentivar o conhecimento da obra deste inventor da música moderna. Os *Coros Invisíveis*, compostos em 1979, fazem parte da fantástica ópera cósmica *Donnerstag aus Licht (Quinta-feira de Luz)* — sobre textos sagrados da Antigüidade, cantados em hebraico e alemão — que estreou em 1981 no teatro Scala de Milão, templo da ópera romântica.

Como o próprio Stockhausen descreve, os *Coros Invisíveis* foram gravados em dezesseis canais, para reprodução em oito e dois canais. No caso deste disco, evidentemente ouvimos a versão estéreo em dois canais. O que impressiona é a qualidade sonora obtida nessa gravação, que contou com a supervisão do compositor. A música de Stockhausen caminha cada vez mais para a clareza e a economia, nunca para a simplicidade. Depois do primeiro período serial e de sua fase de pesquisa com as religiões e as músicas do Oriente, Stockhausen mergulha fundo na tradição judaico-cristã. Por mais de 30 anos a obra deste alemão continua pulsando como uma fonte de energia criativa que não conhece fronteiras. Basta ouvir a influência jazzística exercida por seu filho Markus em seus últimos trabalhos. *L.T.*



VÍCIO — Simone (CBS)

Depois de haver cometido muitos pecadilhos sonoros e apelado para uma sensualidade um tanto grosseira, Simone resolveu gravar um disco digno de sua voz e interpretação. Desvendado ao se saber que a Brasidisc comprou da gravadora Charly (inglesa) o fonograma (belga) junto com a equivocada capa e teve de lançar o álbum desta maneira por razões contratuais. Mas, dentro deste balaio de gatos, também há ótimas (e raras) gravações com os Animals originais. Ouça! *N.P.Q.*

PEGADAS — Bebeto Alves (Continental)

Desconfie daqueles que fazem fusão da música regionalista com ritmos urbanos. Eles podem estar sendo sinceros demais — o que é uma espécie de mentira. O compositor gaúcho começou a carreira com som típico, compunha rocks campeiros, cantava com sotaque. Neste LP, partiu para o subtecnopop e, numa atitude provinciana, passou a exaltar a universalidade, fazer skas e reggaes, protestar contra o apartheid. Era muito melhor como trovador de Uruguaiana, onde nasceu, irreverente e bem-humorado. *L.A.G.*

THE BEST OF THE ANIMALS — The Animals (Brasidisc)

Um lançamento misterioso... Uma coletânea do Animals que traz três faixas gravadas pela Eric Burdon Band no LP *Sun Secrets* (74). O mistério é

HYSTERIA — Def Leppard (Polygram)

Quando o batera Rick Allen perdeu um braço num acidente automobilístico no fim de 84, este disco estava praticamente pronto. No entanto, os tais "últimos retoques" levaram mais de dois anos para serem feitos. Enquanto isso, Allen se recuperava, terminando por reintegrar-se ao grupo.

Porém, apesar de o LP soar forte e pesado e os vocais serem todos bem cuidados, falta alguma coisa para se falar em evolução ou inovação no estilo do Leppard. *L.R.*

FILM MUSIC — Mark Isham (Windham Hill/ Polygram)

Reunidas as trilhas de três bons filmes: *Mrs. Soffel*, um drama com Diane Keaton e Mel Gibson; *The Times of Harvey Milk*, curta-metragem sobre o Conselheiro Municipal de São Francisco, EUA, eleito pela comunidade gay e assassinado; e *Os Lobos Não Choram*, drama ecológico de Disney (o único dos três exibido por aqui). Isham, sintetista e trompetista, trabalha os climas com temas circulares, discretos e de bom gosto, acompanhado por coro e orquestra ou músicos como Lyle Mays e Peter Maunu. Mas sua melhor trilha, a de *A Morte Pede Carona*, permanece inédita em disco. *A.A.*

EDDIE COCHRAN – THE LEGEND — Eddie Cochran (Brasidisc)

Já que nossas prateleiras, vergonhosamente, não dispoem de nada deste magistral guitarrista/compositor americano, é lamentável que o LP em questão não sirva de cartão de visita. Embora seja uma brilhante peça de colecionador (fazendo jus à série Rarity, da Brasidisc), contendo suas primeiras gravações, de 55, não apresenta as mais significativas criações do mestre. Outro pesar é a qualidade de gravação, realmente muito ruim. Assim sendo, seria uma atitude inteligente da EMI-Odeon lançar *The 25th Aniversary Album*, ampla antologia de sua obra. *F.N.*

THE SMITHS/"STRANGEWAYS, HERE WE COME" — The Smiths (Rough Trade/WEA)

Prato cheio para análises mais teóricas da cultura (?) dos anos 80, o disco de estréia dos Smiths deveria constar mais apropriadamente da seção Discoteca Básica. Suas dez faixas — "This Charming Man", listada na contra-capa, foi surrupiada do vinil não se sabe por quê — apresentam qualidade de criação poética e musical superior a tudo o que se fez naquele ano de 84, apesar dos defeitos de uma produção mal-resolvida.

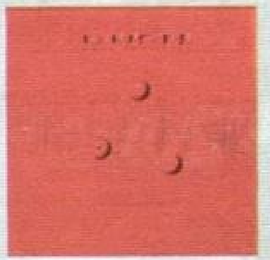
Depois do flashback, aperte a tecla *fast forward*. É impressionante a evolução das composições e do domínio das técnicas de produção conseguidos por Stephen Morrissey e Johnny Marr — assistidos por Stephen Street, sem esquecer a excelência do baixista Andy Rourke e do baterista Mike Joyce — entre o primeiro álbum e *"Strangeways, Here We Come"*, último e derradeiro esforço dos Smiths, lançado aqui com seis meses de atraso. Enquanto Marr agora também escreve arranjos requintados para cordas e saxofone, Morrissey imprime uma dramatização inédita em suas interpretações, chegando a rasgar a voz em "A Rush and a Push and the Land is Ours". Outra surpresa está nas sutis incursões pelos caminhos do rock psicodélico em "Death of a Disco Dancer" (com um delirante solo de piano do próprio Morrissey) e "Last Night I Dreamt that Somebody Loved Me". Há ainda os instantâneos pop iluminados, "Girlfriend in a Coma" e "I Won't Share You", emoção pura. Por trás dessas dez baladas e *soft* rocks singelos, o verbo venenoso de Morrissey, cínico, corrosivo como nunca.

"Strangeways..." supera todos os trabalhos precedentes dos Smiths em termos de poesia, composição e poderio emocional. O máximo de uma banda incomparável que se manteve acima das demais, definindo seus próprios padrões e impondo uma personalidade à revelia do sistema. Esses caras vão deixar saudades. *Jean-Yves de Neufville*

EGITO MADAGÁSCAR — Olodum / ARA KETU (Continental)

Olodum é um bloco da zona do Pelourinho, o *bas-fond* de Salvador, reduto da cultura afro. Este LP *Egito Madagáscar* é um *"Best of..."* dos últimos Carnavais apresentados pelo bloco, que já virou fenômeno de execução nas rádios locais (com "Faraó...", gravada pela Banda Mel). Quatro puxadores se alternam em exaltações a culturas parentes (Cuba, Madagáscar, Egito) de raízes africanas, numa impressionante combinação rítmica, em que a única referência melódica é a voz. Mais uma aula de ritmos e fusões (com ingredientes do Caribe) que a Bahia nos dá.

O mesmo ocorre com o LP do Ara Ketu, outro bloco de Salvador, só que do subúrbio de Periperi. A penetração popular do Ara Ketu também é grande (desde 80 eles estão na ativa, conquistando Carnavais), e o esquema é o mesmo do Olodum: voz e percussão. Os temas se diferenciam nas culturas abordadas (o Ara Ketu se referencia exclusivamente em divindades do candomblé). Não há citações políticas e mestiças como no Olodum, além de a postura rítmica do Ara Ketu ser mais conservadora, no sentido de fidelidade às origens. Por outro lado, o puxador Dado tem um *feeling* fora do comum e o pique do bloco em geral é envolvente — um *must* hipnótico e contagiante. *Thomas Papoon*



HOLD YOUR FIRE — Rush (Polygram)

Depois de algum tempo em silêncio, este power trio canadense lança um novo trabalho, como sempre cercado de muita técnica e eficiência, destacando-se o baterista Neil Peart (também autor das letras, com temas de ficção científica) e o baixista/tecladista Geddy Lee, responsável pelos vocais principais.

Mas em *Hold Your Fire* também temos a impressão de que já ouvimos algumas passagens e riffs nos discos anteriores do trio, além do LP parecer destinado para as FMs roqueiras. Contudo, é o melhor dentre os últimos trabalhos do Rush. *L.R.*

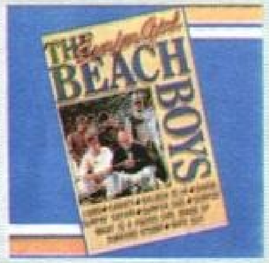
CAYMMI — Dorival, Nana, Danilo e Dori Caymmi (EMI-Odeon)

Gravado ao vivo durante um show realizado no Scala II do Rio, o LP não traz novidades. É uma reunião em família: Dori faz arranjos de ótima qualidade, Danilo canta grave e toca flauta bossa nova, Nana interpreta como poucas. Dorival, o velho, tenta acompanhar. Mas a voz já falha e aqueles lindos graves das "Canções Praieiras" não mais exis-

tem. Há, no entanto, uma alquimia mágica nesse quarteto, a tornar antiguidades — como "Marina" e "História de Pescadores" — em peças sublimes. Para que novidades se o disco comove? *L.A.G.*

ROCK FORTE — Vários (Plug)

Uma pena que pouca coisa se salve nesta coletânea de bandas mineiras, ao todo seis, cada uma apresentando duas músicas. O melhor fica por conta do Último Número, com números já conhecidos de seu LP de estréia (lançado ano passado, pela Câmbio Negro). Mas também há a interessante participação do Sexo Explícito (apesar da mixagem, feita nas coxas). No mais, falta consistência, enquanto sobram as boas intenções do Kamikaze — com um som tangenciado pelo heavy — e o pop rock rasteiro e pouco criativo, aliado a letras tipo *mamãe não quer, papai não deixa* de grupos (?) como Agência Tass, Pouso Alto e Serpente. Em vez deste *Rock Forte*, prefira um bom queijo mineiro. *C.P.*



SURFER GIRL — The Beach Boys (Brasidisc)

Apesar do título, não se trata do terceiro LP dos Beach Boys e sim de uma compilação de suas *early sessions* — inclusive as versões originais de seus hits "Surfer Girl" e "Surfin' Safari". O disco traz músicas desde sua primeira gravação, "Surfin' " (de 08/12/61, regravada no primeiro LP *Surfin' Safari*), até preciosidades da época em que os irmãos Wilson se escondiam sob o nome Kenny & the Kasuals, Carl & the Passions e The Pendletones. Marolas raras com três faixas (dispensáveis) do grupo de surf muzak instrumental The Surfin' Six. Bandeira amarela. *M.P.*

NIGHT TIME SHADOWS — Kalima (Stiletto/Eldorado)

As grandes influências deste grupo de Manchester (que conta com participações de atuais e ex-membros do grupo A Certain Ratio) vêm da música brasileira, bossa nova e o latin-jazz de gente como Airto, Flora e Deodato. Insistem também no samba (em "In Time" e "Love Suspended in Time") só que com aquele balanço de príncipe Charles dançando com mulatas da Beija-Flor. Falta criatividade nas composições e arranjos, tudo no xoxo e caduco esquema de intro/tema/improviso, etc. E a cantora Ann Quigley semitona horrivelmente. No entanto, é curioso imaginar o que um grupo brasileiro não faria num bom esquema de produção desses, padrão Factory. *T.P.*

DASTREVAS E A BANDA VERMELHA (*)

Tudo o que o mundo precisava era de um cruzamento do Roupa Nova com os piores momentos do Camisa de Vênus... A picaretagem vem a galope de Pernambuco, onde só a insolação extrema, neurônios a menos ou ganja de má qualidade pode justificar tal barbaridade — "seus olhos transmitem radiações expansivas/seu coração bate como bombas atômicas/e olho para o céu e vejo bolhas coloridas no ar"... Faixas como "Pinel Mamãe" (pode?) e "Bagaço" nos levam a clamar aos céus — Vade retro, Banda Vermelha! Para as trevas, de onde nunca devíeis ter saído. *A.G.C.D.*

WE WANT MILES — Miles Davis (CBS)

Por que Miles Davis continua na proa da criação musical por mais de trinta anos? Na verdade, por trás de todas as fases pelas quais passou sua música, Miles preservou o essencial de sua arte: a economia. Ele não toca estilos, toca um conceito, baseado em sua técnica própria e pessoal.

Este álbum duplo, gravado ao vivo, combina perfeitamente a contenção e a emoção. A banda está afinadíssima com o conceito musical de Miles. Os arranjos, elaborados a partir da bateria de Al Foster e do baixo reggae-funk de Marcus Miller, têm uma textura perfeita nas novas versões de "Jean Pierre". Em "KYX", composição de Miles, o trompete brinca de montar e desmontar em cima de uma batida reggae com frases cromáticas que lembram os tempos de *Sketches of Spain*, sem contudo soar passadista. É esta a grande força da música de Miles: sua forma de olhar sempre para frente, somando as experiências do passado. *L.T.*

VERA NEGHRI (3M)

Depois de dois compactos independentes "ilustres e desconhecidos", a cantora e compositora Vera Neghri chega ao seu LP de estréia. Sua praia é a do blues, mas ela também enveredа pelas baladas e rocks, sempre muito bem secundada pela guitarra de seu marido, Cláudio Celso — também autor dos arranjos e da maioria das composições —, e um time de convidados que inclui a bateria de Duda Neves, o baixo de Sizão Machado e a gaita de Tony Osanah. Porém, o ponto alto do disco são dois blues de autoria de Vera: "Peixe" e "Tudo Foi Dito". Um lançamento a ser conferido. *N.P.Q.*

DANDÁ — Gerônimo (Continental)

Trata-se do terceiro LP desse que é o melhor fruto da nova música baiana. Diferente de Luiz Caldas, Gerônimo não apela para os instintos mais evidentes nem faz trocadilhos fáceis. Diferente dos tropicalistas e novos baianos, não pretende conquistar o mercado ao preço da camaleonice. Pesquisa os mitos afros, cria poemas e se vale dos ritmos urbanos e tradicionais. Atinge a universalidade no próprio quintal, sem fusões confusas. Também, com um quintal como o de Salvador — a fonte mais rica de música pop do Brasil —, não poderia ser diferente. Dança e poesia nascem com naturalidade deste LP de Gerônimo. Ele cita Debussy no ijexá "Dandá", canção preguiçosa e crítica. Cita o reggae em "Tributo a Bob Marley", mostrando que a Bahia é um pouco Caribe. Também sabe ser tradicional, com a "Lambada da Delícia" e a soca "Jubiabá". Perca o preconceito e beba dessas águas claras. *L.A.G.*

IF YOU WANT TO DEFEAT YOUR ENEMY SING HIS SONG — The Icicle Works (Stiletto/Eldorado)

O baterista Chris Sharrock é muito bom e criativo, só isso. No mais, este quarto LP deste trio de Liverpool é impressionantemente inócuo. As composições beiram o heavy-progressivo ufanista ou o novo e senil Bowie, ou Fleetwood Mac, ou tanto faz... Uma música se salva, "Evangeline", com pinta de hit radiofônico. A produção também, de Ian Broudie (já trabalhou com o Echo), é limpa e competente. Mas um saco de ar fresco neste verão seria mais útil do que este LP, a primeira pisada na bola do selo Stiletto/Eldorado. *T.P.*

THE SINGLES — The Pretenders (WEA)

Fracasso sempre foi um termo ausente no léxico dos Pretenders. Em dez anos de estrada, produziram dezesseis compactos antológicos, a imensa maioria deles cravada a ferro e fogo nas paradas inglesas e americanas.

Sua munição básica — baladas amargas e rocks obstinados — os fez vingar numa época adversa, em que a auto-indulgência e arengação se faziam quesitos indispensáveis para o êxito. Na linha de frente, Chrissie Hynde, uma artista impetuosa, ocasionalmente petulante, sempre com um "fuck off" entre os dentes. Telecaster em punho, a voz angustiada em tremolo, ela capturou como poucos em sua poesia incandescente o âmago de uma geração.

Está tudo aí — os soluços da Swinging London ("Stop Your Sobbing"), sedução famélica ("Brass in Pocket"), cicatrizes nos bancos da memória ("Back on the Chain Gang"), tragédias do cotidiano ("Thin Line between Love and Hate"), visões de Oscar Wilde e Hendrix ("Message of Love"), paixões impossíveis ("Day After Day") e muito, muito mais.

Para os fãs de longa data, um bônus notável: "I Got You Babe" com o UB-40. Para os neófitos, uma coletânea imprescindível. *A.G.C.D.*

PLAYED — The Bodines (Young/RGE)

Oriundos da cidadezinha de Glossop, Mick Ryan (vocal/guitarra), Paul Brotherson (guitarra), Tim Burwood (baixo) e John Rowlands (bateria) inspirados em Jethro Bodine (personagem da TV americana) criaram em 84 os Bodines. Debutaram, em 85, com o single "God Bless", seguido por mais dois compactos no ano seguinte. Mas só vieram à tona quando foram incluídos na *Class of 86*, erupção pop que incluía bandas *anoraks* como Pastels, Primal Scream, Wolfhounds e adotava o regressive-rock como atitude. Descolaram um *label* maior (Magnet) e em agosto de 87 lançaram este LP que, dada nossa carência, já é, de cara, um dos importantes deste ano.

Como todo regressivo, os Bodines são em primeiro plano uma *guitar-band*, simultaneamente *sharp and soft*, trocando a técnica pela espontaneidade e a *fusion* pela pureza. Lembram *en passant* a luxúria pop de um Orange Juice ou Josef K, os duelos de guitarra de um Television, a melancolia de um Smiths ou Echo e, se calhar, a inocência *mod-beat-pop* dos Monkees ou Jam. São dez canções simples e bonitas, com melodias lívidas que narram *love stories* e arranjos que exalam um frescor inigualável, recuperando com bom gosto a originalidade perdida do pop. *Fernando Naporano*

THE LAST EMPEROR - Ryuichi Sakamoto, David Byrne e Cong Su (Virgin/RCA)

É mole? Bertolucci realiza um ambiciosíssimo épico sobre a vida de Pu Yi, o último imperador da China. Acerta em tudo que pretende (e que pretensão). E, de quebra, chama para compor a trilha o *whizz kid* da eletrônica, Sakamoto (que já tinha feito a de *Furyo — Em Nome da Honra*), e Byrne, a melhor cabeça do pop atual. Eles não atuam juntos. É um lado para cada um. No A, Sakamoto segue a dramática história de Pu Yi, alternando climas com uma leveza de seda chinesa, juntando as texturas tradicionais próprias à Cidade Proibida com os ultra-ocidentais programas de seus Fairlights. Ravel pinga ali e aqui, num tom geral impressionista.

Já Byrne faz um trabalho mais percussivo, onde ritmos fazem fundo a delicadas superposições de camadas sonoras. E sobram preciosidades, como a sempre agradável "Valsa do Imperador", de Strauss (de uma das cenas mais contundentes do filme), e a banda de harmônicas e o som dos pés de dançarinas da Red Guard Band — que atua na fase final do filme, em que a equivocada Guarda Vermelha de Mao ocupa o país, fechando uma tragédia que Pu Yi, ingênua e inadvertidamente, havia iniciado no começo do século. Trabalho primoroso e sério, para se ter na estante. *José Eduardo Mendonça*

20 GREAT SOUL HITS — Ike and the Ikettes (featuring Tina Turner) (Brasidisc)/ **TINA LIVE — Tina Turner** (EMI-Odeon)

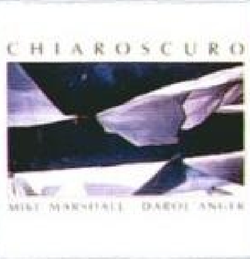
Eis duas Tinas de uma mesma moeda. A primeira é muito negra e descende do inesquecível império da Motown. A segunda é mulata, usufrui de uma maquilagem mais convencional, mas incapaz de roubar-lhe sua dádiva inerente, a voz. O lado mais enegrecido é uma compilação de hits gravados nos anos 60, encharcados de soul, blues e rhythm'n'blues, ainda ao lado de seu ex-marido Ike, autor de boa parte dessas imperdíveis canções. O outro lado traz uma Tina gravada ao vivo no auge de seu *comeback*, ocorrido em 81. É uma Tina diferente, que conheceu o sucesso e tem como mérito não ter sido absorvida por este. Assim, reveja seus infalíveis hits e as boas interpretações dadas a "Proud Mary" e "Help". *F.N.*

BOLINHO DE CARNE COM BERINJELA (**)

Arranje vozes sofríveis, misture a elas um instrumental bobo, pitadas de humor colegial, uma porção de melodias brasileiras tradicionais rasuradas de leve e letras tão longas quanto coloquiais e você terá esse Bolinho: epígono da banda Rumo. Como esta, o Bolinho pensa em experimentar a língua enchendo os ouvidos alheios de bobagens. O Bolinho, porém, vai ainda aquém. Exibe onze faixas cheias de intenções que não funcionam. Um disco que o grupo deveria ter mostrado antes aos amigos sinceros... *L.A.G.*

FROM WOMB TO THE GRAVE — Massacre (Ataque Frontal)

É punk finlandês, com material gravado de 84 a 86, lançado com exclusividade no Brasil. Um LP pesado, porém nítido (coisa rara em se tratando da linha seguida), sem ser "limpo" demais. A energia das músicas justifica o nome do grupo, que canta em inglês razoável e, lógico, em finlandês. De mais interessante, além da baixista Minnie, temos uma cover de "New York", dos Pistols. E se punk ainda vinga por aqui, este vinil é uma boa. *L.R.*



CHIAROSCURO — Mike Marshall & Darol Anger/SOMETHING OF TIME — Nightnoise/ AN EVENING WITH WINDHAM HILL/ WINTER INTO SPRING — George Winston (Windham Hill/ Polygram)

O segundo pacote do selo americano permite ir esclarecendo, com um pouco de boa vontade, mais alguns aspectos da fraude na new age music. Primeiro dispensemos a fruta podre do cacho (e, sintomaticamente, a de maior sucesso comercial). Trata-se do pianista George Winston, um execrável sub-Keith Jarret (ouça-se, entre suas composições próprias, a versão de "O Mar", de Dorival Caymmi, que ele destrói com seu pseudovirtuosismo kitsch). Já Nightnoise (um quarteto irlandês) e o duo americano Marshall/Anger demonstram, muito simplesmente, que a tal new age não existe... As faixas em que os grupos soam melhor são as que ambos, sem disfarces, remetem às harmonias de Pat Metheny e outros jazz-fusionistas legaizinhos-de-se-ouvir. Quando pretendem extrair de sua combinação de cordas acústicas e sintetizadores alguma pretensa "música para meditar" ou coisa que o valha, puff... *An Evening* é um álbum ao vivo, um quase catálogo do cast da Windham Hill, razoavelmente audível (nem Winston consegue derrubá-lo, fazendo desta vez uma versão da bela "Lotus Feet", de John McLaughlin — olha lá as manjadíssimas referências de novo). Acrescentem-se umas capazinhas tipo ECM, que engana bem. *A.A.*

LOU REED LIVE — Lou Reed (Museu do Disco/CBS)

Junto a seu gêmeo, *Rock'n'Roll Animal*, este LP também foi gravado em 74 — apesar de só ter sido lançado em 75 — durante uma série de apresentações em Nova York, que precederam a primeira grande tour mundial de Lou. No ano anterior, ele havia gravado sua terrificante obra-prima, *Berlin* (com produção de Bob Ezrin), e reuniu uma banda poderosa, que, além de ter na coesão o seu forte, possuía um afiadíssimo duo de guitarristas — Steve Hunter e Dick Wagner — revezando-se nos riffs e solos. À frente, Lou — em couro negro, cabeça semi-raspada e boca e olhos pintados — vociferando suas canções mais famosas. O lado 1 contém três impecáveis versões de faixas do LP *Transformer* (72, produzido por Bowie): "Vicious", "Satellite of Love" e a famigerada "Walk on the Wild Side". No outro, "Waiting for the Man", do primeiro LP do Velvet, em arranjo funky, e duas pérolas de *Berlin*: "Oh Jim", com um arrasador duelo de guitarras, e o *gran finale* de "Sad Song". *C.P.*

OVERKILL / BOMBER / ACE OF SPADES / NO SLEEP 'TILL HAMMERSMITH / IRON FIST / ANOTHER PERFECT DAY / NO REMORSE — Motörhead (Woodstock)

Cabeças rolando a porradas e muito sexo, drogas e rock'n'roll nestes sete relançamentos. *Overkill* é de 78, quando Lemmy Killminster, baixista e líder do Motörhead, finalmente conseguiu aperfeiçoar seu som pesado e sem frescuras ao lado do baterista Philty Animal e do guitarrista Eddie Clark e foi gravado num só dia de muito porre. *Bomber*, do mesmo ano, também foi gravado rapidamente e com muita raça. *Ace of Spades* sairia em 80, em meio a inúmeras turnês que firmariam o conceito do trio entre as hordas metálicas (principalmente pelos solos de Clark). No ano seguinte seria lançado o ao vivo *No Sleep 'Till...* contendo os maiores sucessos da banda. *Iron Fist*, de 82, foi o último trabalho deles com a presença de Eddie. *Another Perfect Day*, um grande LP, talvez o melhor da carreira do trio, foi lançado em 83 e já conta com a suave e sensual guitarra de Brian Robertson contrapondo-se ao furor da cozinha de Lemmy e Animal. Por fim, em 84, saiu a coletânia dupla *No Remorse*, contra a vontade do grupo que, depois de algumas brigas com a gravadora, ainda conseguiu incluir quatro faixas inéditas.

Hoje, esta "sonzeira" toda pode até parecer brincadeira perto do turbilhão do *speed* e do *trash* que assolou o cenário do heavy metal nos últimos tempos. Porém, é bom não nos esquecermos que o Motörhead já havia passado antes por esse caminho... *Leopoldo Rey*

ALL THE BEST — Paul McCartney (EMI-Odeon)

Resumir em antologia a obra de um artista que já conta com mais de cinco LPs é tarefa difícil. Porém, mais delicado torna-se o assunto quando se trata de alguém como Paul, que, além de carregar o karma beatle, gravou em seus LPs belezas e baboseiras, sem perder a qualidade de criar melodias insuportavelmente sedutoras. A princípio parece ter sido esse o critério para a escolha das vinte canções que ocupam esta sinopse, pois mesmo em seus momentos mais caretas e comercialóides, a inegável sedução pelo poder da melodia sempre faz-se presente... Claro que para os mais radicais este é um argumento fraco, mas, indubitavelmente, inegável, porque Macca foi e será um produto pop. As surpresas ficam por conta de uma canção inédita ("Once Upon a Long Ago", 87) e da inclusão de cinco *B-sides* de singles e LPs menos conhecidos do grande público. No mais, divirta-se com os arrenates folk-psicodélicos de "Band on the Run", as infanto-orquestrações de "We All Stand Together", o folk bucólico de "Mull of Kintyre" e, claro, as baladas linha corta-pulso ("My Love" e "Live and Let Die"). *F.N.*

TOUCH THE WORLD — Earth, Wind & Fire (CBS)

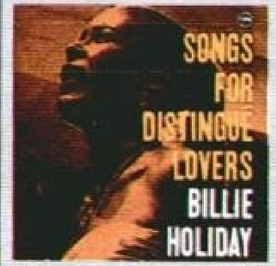
Há dezessete anos a superbanda funk Earth, Wind & Fire vem construindo uma sólida carreira, onde há espaço tanto para temas chacoalhados como para românticas canções.

A banda já se apresentou no Brasil em sua fase áurea, em meados da década passada. E apesar de ser considerada naquele determinado momento uma grande expressão da música negra, andou meio apagada nos últimos tempos.

Muita água rolou e depois de um "descanso" de quase cinco anos, no qual um de seus vocalistas — Philip Bailey — se deu bem numa rápida carreira solo, ela está de volta. Desta vez, com apenas cinco integrantes, apresentam um bom LP, no qual destacam-se "Systems of Survival", com roupagem de acordo com os novos tempos, além da faixa-título, de balanço irresistível. E "You and I", perfeita para dançar coladinho com a gata. *T.L.*

THE BLUES CAME DOWN FROM MEMPHIS — Vários (Brasidisc)

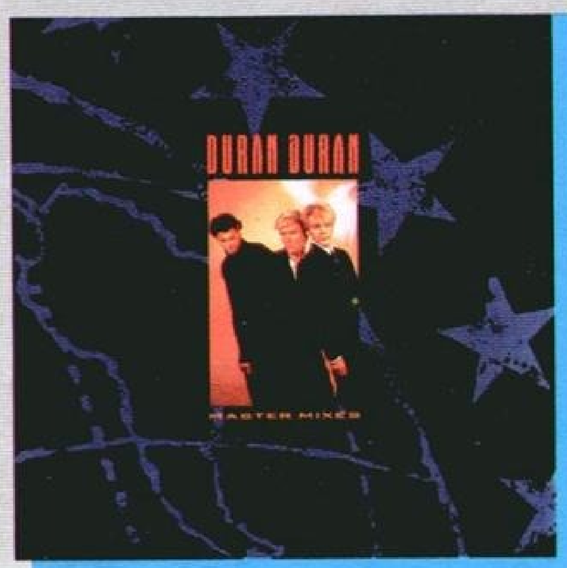
Ainda no terreno do blues, outra boa coletânea, composta de gravações efetuadas por Sam Phillips, da Sun Records, que ao lado de Ike Turner (aquele, ex-Tina), foi um dos primeiros a montar um estúdio em Memphis, Tennesse. Razões para isso não faltavam: a cidade, além de ser o local onde desenvolviam-se as primeiras rádios especializadas em música negra, também era ponto final — ou parada a caminho de Chicago — dos bluesmen que fugiam da crise que assolou o Mississipi, depois da Segunda Guerra. Nesse fértil ambiente musical, foram firmando reputação músicos como o multiinstrumentista Dr. Isaiah Ross, o gaitista James Cotton (que posteriormente viria a integrar a banda de Muddy Waters) e o guitarrista Willie "Memphis Blues Boy" Nix, além dos obscuros — mas não menos incisivos — Rufus-Thomas Jr., Jimmy DeBerry e Sammy Lewis, todos presentes neste precioso LP, que vem enriquecer o panorama do blues que está sendo revalorizado com os recentes (e ótimos) lançamentos no estilo. *C.P.*



SONGS FOR DISTINGUE LOVERS — Billie Holiday/LET IT BE ME — Nina Simone/IT IS LOVE — Marlena Shaw (Verve/Polygram)/ **WHAT A DIFF'RENCE A DAY MAKES! — Dinah Washington** (Mercury/Polygram)

A idéia de juntar quatro cantoras românticas americanas soa interessante. Mesmo porque cada uma delas possui um traço específico. Billie e sua morbidez, Dinah tornando o blues algo solar, Nina negra até a raiz dos cabelos, Marlena irônica de *night club*. São gravações que abrangem trinta anos de história da canção americana, de Billie em 57 a Marlena em 87.

Essa história, porém, mostra mais involução do que transformações. Em três décadas, houve uma certa adaptação ao gosto pop, o romantismo tornou-se mais irônico e a interpretação mais distanciada. Daí o disco de Billie soar mais sincero. Gravado pouco antes da morte da cantora, ele traz seis clássicos, como "A Foggy Day", de George e Ira Gershwin. Billie cantava grunhindo por essa época, intoxicada do corpo à alma. Mas grunhia genialmente. O disco de Dinah ocupa um segundo lugar e já marca uma degeneração. A "Rainha do Blues" canta bem, mas os arranjos para cordas são *kitsch* demais. Nina Simone, com voz de tenor, impressiona ao piano e na melodia negra. E Marlena não passa de diluidora de todas as anteriores. Por que os começos têm de ser sempre melhores? *L.A.G.*



RÁPIDO & RASTEIRO RÁPIDO & RASTEIRO RÁPIDO &

Dos últimos lançamentos, alguns acabam assassinados por falta de espaço, outros já deveriam ter sido assassinados antes de ser transformados em vinil. De qualquer forma, neste beco de registros todos acabam, ao menos, notados. ⊗ Na ala nacional o destaque vai para **25 ANOS DE BOSSA NOVA** (3M), de **Carlos Lyra**, exímio menestrel do género, que, sob um clima intimista, espalha dezoito significativas composições. ⊗ Já com **RUBI GRENÁ**, da cantora **Guadalupe, CARA LAVADA**, de **Bena Roberto**, e **VIDA REAL**, de **Tadeu Mathias** (todos os três da Continental), o significado cai como que pela lei da gravidade, ou seja, a primeira não apresenta nenhuma diferença das maçantes crooners que ocuparam nossos anos 70, enquanto o segundo o máximo que consegue é ser um aspirante a Moraes Moreira e o terceiro é um pastiche apopalhado. ⊗ Mas, pior que dar vassourada na mãe, surge também, via Continental, o primeiro LP da **Bandabsurda** e o EP da **Bandaliera, NOSSO LADO ANIMAL**. Dois trabalhos que apenas reafirmam os gastos clichês dos anos 70. ⊗ Na realeza brega, **Michael Sullivan** e **Paulo Massadas** prometem tentar alcançar o trono com seu LP de estréia (RCA), ao passo que **Roberto Carlos**, em seu último LP (CBS), insinua que seu reinado é irreversível. ⊗ Mudando de conversa, o **Cólera** em seu EP **É NATAL?!** (Ataque Frontal) continua fiel ao *rebel hardcore*. ⊗ No setor internacional, a começar pelas vozes negras, temos, embora sob arranjos pasteurizados, a sensual garganta de **Smokey Robinson** em **ONE HEARTBEAT** (RCA), a moleteira língua de **Barry White** em **THE RIGHT NIGHT & BARRY WHITE** (Polygram) desfilando nas mesmas posições de sempre e o trio disco funk Surface (CBS) em dez faixas sem graça. ⊗ Fechando esta seção, o supra-sumo do pop ortodoxo em alto estilo: **MÃSTER MIXES** (EMI-Odeon), que é como atendem os seis hits (ultra-extra-remixados) do **Duran Duran.**

Fernando Naporano

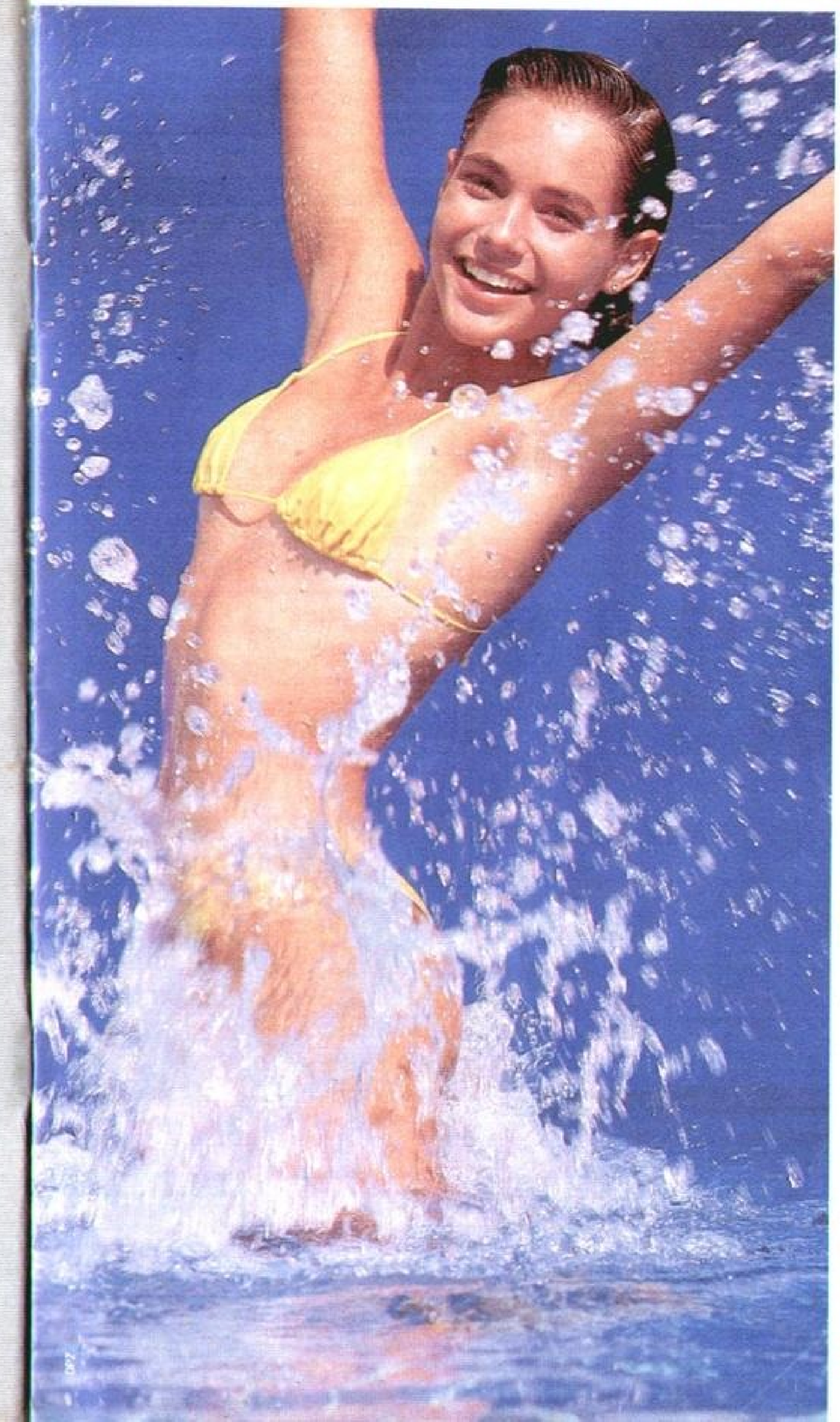
GRAVADORAS INDEPENDENTES: Ataque Frontal — *Cx. Postal 54217. São Paulo (SP) - (011) 257-3518* / Brasidisc — *R. Beneficência Portuguesa, 53. São Paulo (SP) - (011) 227-4999* / Devil — *Av. São João, 439, lojas 343 e 345. São Paulo (SP) - (011) 221-2142* / Woodstock — *R. Dr. Falcão, 157. São Paulo (SP) - (011) 35-3976* / (*) *R. Pedro Lesse, 35, apto. 407. Rio de Janeiro (RJ) - (021) 571-4752* / (**) *São Paulo (SP) - (011) 299-6164 e (011) 202-6701.*

BOLSA DE DISCOS

	BEFORE AND AFTER SCIENCE Brian Eno (Virgin/RCA)	QUE PAIS É ESTE 1978/1987 Legião Urbana (EMI-Odeon)	NEW GOLD DREAM Simple Minds (Virgin/RCA)	VIRGEM Marina (Polygram)	CHARACTERS Stevie Wonder (RCA)	BIG GENERATOR Yes (WEA)
Alex Antunes	Bom	Bom	Bom	Interessante	Razoável	Interessante
Bia Abramo	Bom	Bom	Interessante	Razoável	Razoável	Interessante
Luis Antônio Giron	Bom	Bom	Interessante	Interessante	Bom	Interessante
Marcel Plasse	Bom	Bom	Bom	Bom	Ótimo	Ótimo
Leopoldo Rey	Interessante	Bom	Bom	Bom	Razoável	Razoável
Thomas Pappon	Bom	Bom	Bom	Razoável	Ótimo	Ótimo
Celso Pucci	Bom	Interessante	Bom	Ótimo	Razoável	Ótimo

Ótimo · Bom · Interessante · Razoável · Lixo

Um dia desses você também vai usar o.b.*.



É verão. O dia amanheceu como você gosta. O sol, o mar, aquela piscina e tanta alegria esperam por você. Mas você ficou menstruada.

É um dia desses que você não precisa perder, se você usar os absorventes internos o.b.*. Só o.b.* é tão seguro, confortável e discreto, que ninguém, nem mesmo você, percebe que está usando. E isso você consegue apenas colocando o.b.* corretamente.

Antes de sair coloque o.b.* corretamente.

Escolha a posição que mais se adapta a você: de pé com uma das pernas apoiadas, sentada ou agachada. Depois é só relaxar e usar toda a extensão do seu dedo indicador. Ele é a medida exata para você encontrar a região não sensitiva da vagina. O lugar certo de o.b.*, onde você não sente a sua presença. Você pode sentir alguma dificuldade no início, mas não desista na primeira tentativa. Seguindo as instruções direitinho você certamente vai conseguir. Depois de colocar o.b.*, o que você vai sentir é que tem uma linda manhã para aproveitar.

Algumas horas depois.

É hora de você trocar seu o.b.*. Porque enquanto você nadou, mergulhou, jogou, agitou, o.b.* absorveu o fluxo expandindo-se apenas lateralmente. Assim, o.b.* não saiu do lugar, apenas você.

Nos dias de maior fluxo, troque a cada 4 horas, nos de menor fluxo a cada 8 horas.

Agora você tem uma tarde inteira.

E os 30 dias do mês

É por tudo que o.b.* proporciona, que um dia desses você certamente vai usar o.b.* Mini, se você for experimentar pela primeira vez; médio ou super, se você já está acostumada a usar.

10 Absorventes Internos o.b.* MINI

Produtos Pessoais

Para receber amostras de o.b.* e o livreto "O maravilhoso espetáculo da vida: seu corpo", envie este cupom para o Depto. de Serviços Educacionais - Johnson & Johnson S.A. Caixa Postal 94.719 - CEP 01051 - São Paulo, Capital

Nome _____ Idade _____

Endereço _____

Cidade _____ Estado _____ CEP _____

©J&J do *Marca de Inst. e Com.

POLICIAL

MEU NOME É COOGAN (Coogan's Bluff, EUA, 1968)

Direção: Don Siegel. Com Clint Eastwood, Lee J. Cobb, Susan Clark, Tisha Sterling. CIC.

O título procede: "Meu nome é Coogan" é o que Coogan (Eastwood) diz toda hora. Todo mundo insiste em chamá-lo de Tex, Cowboy, essas coisas. E lá vai ele, do Arizona a Nova York, com a missão de capturar um fugitivo na metrópole e colocá-lo novamente atrás das grades.

Gaiá (e jovenzinho), ele dá soco em marmanjos e lambidas nas peruas — come três ao longo do filme, uma no Arizona e duas em Nova York. O seu maior problema na metrópole é a burocracia pra conseguir a custódia do prisioneiro. O outro problema é que ele nunca muda o terno. Finalmente, seu grande problema é que ele não consegue convencer as pessoas de que o nome dele é Coogan (vai ver que foi por isso que a série inspirada no filme trazia outro ator — Dennis Weaver —, que desistiu do nome Coogan para adotar o de McCloud. Consta que mais gente acreditou no nome do caipira). Atenção: Não leia a sinopse que vem na capa do vídeo. Ela, de uma inteligência sobrenatural, conta o fim do filme. Você corre o risco de se decepcionar antes de assisti-lo. *E.B.*

AVENTURA

O DESTEMIDO SENHOR DA GUERRA (Heartbreak Ridge, EUA, 1986)

Direção: Clint Eastwood. Com Clint Eastwood e Marsha Mason. Warner.

Produtor, diretor e ator. O velho Clint é tudo isso em mais um de seus filmes, que mostra que o mundo é dos durões. Ele é Tom Highway, sargento explosivo da marinha americana que devido ao seu temperamento é afastado de suas funções. Mas a boa marinha lhe dá uma chance como treinador básico de *mariners*, com o objetivo de fazer de um grupo de panacas um batalhão de primeira. De poucas gentilezas, ele possui a sutileza de um orangotango. Um sujeito "curto e grosso", cujo lema é a disciplina sem compaixão. De repente, seu batalhão é designado para uma missão: salvar americanos "em risco de vida" na ilha de Granada. Lembram-se? Pois é... trata-se daquela velha patriotada. *W.S.*

RUAS DE FOGO (Streets of Fire, EUA, 1984)

Direção: Walter Hill. Com Michael Paré, Diane Lane, Rick Moranis, Willem DaFoe. CIC.

"Uma fábula de rock'n'roll", anuncia o letreiro inicial. Uma rock star é raptada por uma gang de motoqueiros e o único que se dispõe a trazê-la de volta é seu ex-namorado durão — mas isso tem um preço. Tudo acontece fora do tempo e do espaço conhecidos. O visual estilizado esquenta topetes, jaquetas de couro e carrões dos anos 50, combinados com um vistoso glitter anos 80. Como um filme B dos 50 ou uma história em quadrinhos da Metal Hurlant, tudo é excessivo. E cai muito durante os shows da estrelinha — a imagem vira clip. Ainda assim, há uma estrela de verdade na trilha: Ry Cooder, que além de suas próprias composições toca pérolas instrumentais de Duane Eddy e dos Link Wray ("Rumble", clássico da surf music). *M.P.*

ALCATRAZ, FUGA IMPOSSÍVEL (Escape From Alcatraz, EUA, 1979)

Direção: Don Siegel. Com Clint Eastwood, Patrick McGoohan. CIC.

Alcatraz, a prisão de onde ninguém supostamente jamais escapou. Ainda assim, Clint Eastwood pretende tentar o impossível. E o faz com competente determinação — e não como *tough guy* canastrão. Baseado na história verídica dos últimos prisioneiros que ousaram uma fuga da "Rocha", em 1962, se não conta com a intensa ação das costumeiras incursões no gênero, ou mesmo a dos ícones *White Heat* (1949, de Raul Walsh, com James Cagney) e *Papillon* (1973, de Franklin J. Shaffner, com Steve McQueen), recria a tensão e o cotidiano da prisão com realismo e integridade raros sob os refletores. *M.P.*

DRAMA

O CONFRONTO FINAL (Southern Comfort, EUA, 1981)

Direção: Walter Hill. Com Keith Carradine, Powers Boothe, Fred Ward, Franklin Seales. VTI.

A guarda nacional americana vai se exercitar nos pântanos da Louisiana e cruza com os nativos barra-pesada da Cataboula — os cajuns —, que, diante da "folga" dos "alfacinhas", pegam suas canoas e respondem com chumbo grosso. Surpreendidos por resposta tão contundente, sem bússola e pouca munição, os soldados mergulham num tenso clima psicológico, tornando-se presas fáceis dos adversários que não poupam armadilhas, nem humor negro. Uma clara alusão ao Vietnam: know-how militar x sagacidade nativa. Fácil demais descobrir quem ganha essa parada. Confira. *L.Rm.*

ANIMAÇÃO

TINTIM E O TEMPLO DO SOL (Le Tempie du Soleil Bélgica/França, 1969)

Direção: José Duuillier (baseado em história em quadrinhos de Hergé). América.

Tintim é um super-herói sem superpoderes. Um jovem jornalista careta e arrumadinho que acabou se tornando herói nacional francês, apesar de ter sido criado pelo belga Hergé (1907-1983). Por que tanto sucesso? Talvez porque Tintim corresponda ao desejo oculto de todo cidadão pacato, que no fundo sonha poder viver aventuras emocionantes nas terras mais exóticas sem despentear o topete e sem amassar a roupa. E é isso o que Tintim faz o tempo todo, com seu inseparável cachorro Milu. Neste desenho bem produzido ele vai ao Peru para libertar os maiores cientistas da Europa de uma maldição lançada pelos incas. Colonialista, sim, mas delicioso. *J.G.C.*

WESTERN

OS ABUTRES TÊM FOME (Two Mules for Sister Sara, EUA, 1970)

Direção: Don Siegel. Com Clint Eastwood, Shirley MacLaine e Manolo Fabregas. CIC.

Entenda por que os franceses da *nouvelle vague* transformaram em cult as produções B de Don Siegel. Um estranho sem nome, durão mas justo (Eastwood), escolta pelo deserto uma freira (MacLaine) envolvida com rebeldes da resistência mexicana à ocupação francesa na segunda metade do século XIX.

Siegel mistura western típico com toques épicos e ainda salpica por cima ares psicodélicos característicos dos anos 70, o que poderia parecer esdrúxulo não fossem as soluções criativas e a montagem com um ritmo todo particular que costuram a trama. Eastwood está onde se sente mais à vontade e MacLaine, graciosa e engraçada. A abertura é um curioso exercício de estetização do deserto e a trilha de Morricone é soberba. *B.A.*

O ESTRANHO SEM NOME (High Plains Drifter, EUA, 1972)

Direção: Clint Eastwood. Com Clint Eastwood, Verna Bloom, Marianna Hill, Mitchell Ryan, Geoffrey Lewis. CIC.

Um homem de muitos tiros e poucas palavras é a personagem interpretada por Clint nesta sua segunda incursão pela direção, basicamente uma homenagem aos westerns spaghetti.

Ele é um forasteiro que chega ao aprazível vilarejo de Lago — um cenário berrantemente artificial, montado no que mais parece ser um local de veraneio — e, poucos minutos depois, já matou três e arfastou uma das damas do local para um celeiro nas cercanias. Não menos absurdos são os habitantes dessa cidadezinha, que passivamente esperam o retorno de três bandoleiros que haviam assassinado o antigo xerife local a chicotadas. Para detê-los, eles contratam os serviços do estranho, ao preço de torná-lo o "rei" da cidade. O "rei" rechaça os bandidos, além de semidestruir a vila, antes de prosseguir em seu caminho tranqüilamente pitando sua cigarrilha... *C.P.*

COMÉDIA

O INCRÍVEL EXÉRCITO BRANCALEONE (L'Armata Brancaleone, Itália, 1965)

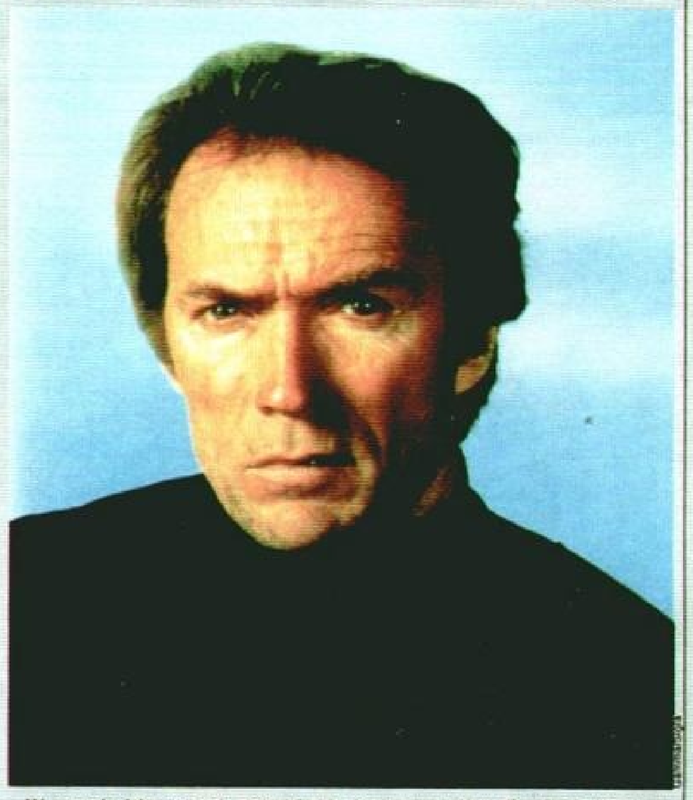
Direção: Mario Monicelli. Com Vitorio Gassman, Catherine Speak, Gian Maria Volonté. Hipervideo.

Risos e mais risos é o que se pode esperar deste Monicelli. Gassman é o cavaleiro Brancaleone, sem terras e sem dinheiro, que reúne um exército de estropiados dos mais variados tipos e parte em busca de um feudo que teria herdado. A habitualmente sombria Idade Média, com seus leprosos, bruxas, mendigos, empesteados, se torna objeto de impagáveis e impiedosas gozações. Gassman construiu um tipo engraçadíssimo nesta hilariante paródia, ao estilo de *Don Quixote*, dos romances de cavalaria. *B.A.*

FILMOGRAFIA COMPLETA

(os filmes com sinal * são disponíveis em vídeo): *A Revanche do Monstro (Revenge of the Creature*, 55), *Francis na Marinha (Francis in the Navy*, 55), *Lady Godiva* (55), *Tarântula!* (55), *Barcos ao Mar (Away All Boats*, 56), *Nunca Deixei de Te Amar (Never Say Goodbye*, 56), *Crimes Vingados (Star in the Dust*, 56), *Mulheres, Sempre Mulheres (The First Traveling Saleslady*, 56), *Torturados pela Angústia (Escapade in Japan*, 57), *Lutando Só Pela Glória (Lafayette Escadrille*, 57), *Emboscada no Passo Cimarron (Ambush at Cimarron Pass*, 58), *Rawhide* (série para a TV americana, 58/64), *Por um Punhado de Dólares (Per un Pugno di Dollari*, 64), *Por Alguns Dólares a Mais (Per Qualche Dollaro in Più*, 65), *Três Homens em Conflito (Il Buono, il Brutto, il Cattivo*, 66), *As Brutas (Le Streghe*, 66), *A Marca da Forca (Hang 'Em High*, 67), *Meu Nome é Coogan (Coogan's Bluff*, 68)*, *O Desafio das Águias (Where Eagles Dare*, 68), *Os Aventureiros do Ouro (Paint Your Wagon*, 69), *Os Abutres Têm Fome (Two Mules for Sister Sara*, 69)*, *Os Guerreiros Pilantras (Kelly's Heroes*, 70), *O Estranho que Nós Amamos (The Beguiled*, 70), *O Perseguidor Implacável (Dirty Harry*, 71)*, *Perversa Paixão (Play "Misty" for Me*, 71, também como diretor), *Joe Kidd* (72), *O Estranho sem Nome (High Plains Drifter*, 72, também como diretor)*, *Magnum 44 (Magnum Force*, 73), *Interlúdio de Amor (Breezy*, 73, só como diretor), *O Último Golpe (Thunderbolt and Lightfoot*, 74), *Escalado para Morrer (The Eiger Sanction*, 75, também como diretor), *Josey Wales, o Fora-da-Lei (The Outlaw Josey Wales*, 76, também como diretor), *Sem Medo da Morte (The Enforcer*, 76), *Rota Suicida (The Gauntlet*, 77, também como diretor), *Doido para Brigar... Louco para Amar (Every Which Way But Loose*, 78), *Alcatraz, Fuga Impossível (Escape from Alcatraz*, 79)*, *Bronco Billy* (80, também como diretor), *Punhos de Aço (Any Which Way You Can*, 80), *Firefox, Raposa de Fogo (Firefox*, 82, também como diretor), *Honkytonk Man* (83, também como diretor), *Impacto Fulminante (Sudden Impact*, 83, também como diretor), *Cidade Ardente (City Heat*, 84), *Um Agente na Corda Bamba (Tightrope*, 84), *O Cavaleiro Solitário (Pale Rider*, 85, também como diretor), *O Destemido Senhor da Guerra (Heartbreak Ridge*, 86, também como diretor), *Bird* (88).

CLINT EASTWOOD



Há cerca de dois anos atrás, o proprietário do restaurante Hog's Breath Inn ("Bafo de Porco") em Carmel-by-the-Sea, pequena cidade na costa californiana, indignado com a prefeita que o havia proibido de ampliar seu estabelecimento, resolveu candidatar-se às eleições municipais. Obteve uma vitória esmagadora sobre sua adversária e, devido a seu bem-sucedido mandato, o prefeito Clinton já pensa em concorrer ao senado ou à presidência dos EUA, pretensões muito mais difíceis de conseguir do que um punhado de dólares.

Porte atlético, rosto impenetrável, o olhar frio como aço e os lábios cerrados, raramente abertos para rosnar algumas palavras; características que consagraram nas telas a figura de Clint, nascido em São Francisco em 31 de maio de 1930. De origem humilde na adolescência, começou a destacar-se no basquete e, durante certo tempo, ganhava seus dias fazendo trabalhos braçais, chegando a ser lenhador. Logo depois, entrou no exército, mas não pegou em armas para ir à Coréia, servindo apenas como instrutor de natação.

Ao voltar à vida civil, ele arriscou sua sorte em Hollywood. Mas o máximo que conseguiu foram pontas insignificantes em inúmeras produções B nos anos 50. Projetou-se na série de TV americana *Rawhide*, onde trabalhou sob contrato exclusivo até 64, quando, a convite do diretor italiano Sergio Leone, foi filmar na Espanha. Com ele, Clint fez três fitas que se tornaram precursoras do gênero western spaghetti.

Ao retornar aos EUA, em 67, Clint começou a acumular sucessos, reafirmando sua imagem de durão, principalmente sob a direção de Don Siegel, e a partir de 71 passou a dirigir, e às vezes até a produzir, grande parte dos filmes em que atuou.

Casado com Sandra Locke desde 80, depois de terminar um casamento que durou vinte e seis anos e custou-lhe um divórcio de cinqüenta milhões de dólares, o prefeito Clint atualmente só pensa em lançar seu filme mais recente — uma biografia do saxofonista Charlie "Bird" Parker — e conseguir tornar-se o segundo cowboy a cavalgar para a Casa Branca. Pode? *Celso Pucci*

RPM

A CHAMA QUE NÃO SE APAGA

Para alegria dos fãs, eles estão de volta! Depois de um longo silêncio, desde que resolveram acabar com a banda de maior sucesso na história do rock brasileiro, eles quebraram o jejum com Sônia Maia. *Dias depois, um telefonema de Los Angeles: eles estavam lá, mixando o novo LP e virando a cidade de pernas para o ar.* Ana Maria Bahiana *foi agraciada com uma audição especial do disco e conta aqui as suas experiências como cicerone de popstars...*

Fotos Rui Mendes/Azul

São Paulo, 23 de dezembro de 1987

BIZZ — *Queria que vocês falassem um pouco sobre as reflexões do retorno...*

Paulo — Aconteceu o seguinte: em dezembro, quando fizemos o último show, estávamos de saco cheio dessas músicas, de saco cheia da equipe, de saco cheio um da cara do outro e das nossas próprias caras. A gente encheu o saco do RPM, como todo mundo! Não agüentávamos mais! O RPM era um dinossauro monstruoso, que tinha vendido mais que todo mundo e que precisava vender para c*, precisava gerar grana, precisava sustentar o mito.

Deluqui — Tesão, não tinha mais.

Paulo — "Fale com meu advogado...", aquele clima. A banda era uma instituição — era como ir ao trampo.

Deluqui — Só faltava bater cartão. Legal mesmo era o sonzinho que a gente fazia no meio das músicas quando estávamos ensaiando.

Paulo — E nós voltamos por causa desse sonzinho. Bem, a gente estava de saco cheio de ter que preencher essas expectativas. Não tinha a menor graça, estava o maior sacão — muita unanimidade, pouco desafio.

BIZZ — *E como foi trabalhar esse karma?*

Paulo — Foi que nem doido! Trabalhamos que nem operário, mas tudo bem! Não foi nada demais — foi um trabalho normal que acho que todo mundo deveria fazer. Você vai, lança um disco, divulga e faz shows. É só fazer isso aí bem feito. Chegar lá foi mole. Mas, e daí? E agora, José? Nós passamos a ser mais importantes para nós mesmos que para o RPM.

Schiavon — Ficamos dois anos em que eram *cinco* pessoas, na verdade — nós quatro e o RPM. O RPM era uma outra entidade, um ser vivo que sugava da gente para c*. Porra, no primeiro momento que a gente pode olhar para nós mesmos de novo, foi para descobrir o que queríamos fazer.

BIZZ — *Na volta, qual era a expectativa do público, dos fãs, da banda?*

Deluqui — Não adianta você querer agradar o público se você não agrada a si mesmo. O público é uma decorrência...

Schiavon — A gente ponderou antes de acabar com a banda. Pô, o público adora a gente e a gente adora essa banda. Mas não adianta. Ou a gente toca para ganhar dinheiro ou porque gosta de tocar...

Paulo — Sem gostar de tocar você não ganha dinheiro.

BIZZ — *E como é atingir milhões de pessoas?*

Paulo — É igual a atingir pouquinho, só que num lugar maior. O importante é o seu trabalho e a relação dele com as pessoas, só isso. Se tem dez caras assistindo ou dez milhões não muda absolutamente nada. Você só é um pouco mais procurado. Em vez de você ser procurado pelos caras do Fanzine, você é procurado pelos caras da Manchete. Ao contrário, quanto mais você faz sucesso, mais livre você fica para fazer o que bem entender.

BIZZ — *Bem, vocês voltaram. Mas, eu sei, existem trabalhos que foram desenvolvidos paralelamente que estavam até quase prontos* (como foi o caso de Deluqui e P.A.). *Como vocês resolveram isso?*

Paulo — Pintaram várias opções e nós pegamos a nata da nata de cada um. Pode escrever aí que esse é o disco The Best of RPM, RPM Greatest Hits...

BIZZ — *Como estão as músicas, o disco?*

Paulo — (*irônico*) Tem muitos sons legais, os ritmos estão tchap-tchura, os arranjos estão do c* e as letras são geniais. Isso é um absurdo! São adjetivos vazios... O primeiro disco teve a preocupação de emplacar. Aí, depois que você emplacou, tem outra preocupação. Passar de ano você já passou.

Deluqui — Aquele tesão do rock'n'roll — de chegar e tocar. Nós fomos para Búzios e, no primeiro dia, já fizemos uma música.

Paulo — Ficamos (*na época da separação*) cada um fazendo um trabalho e, quando nos encontrávamos a gente perguntava: "E aí? Está tocando com que baixista. E vocês? Estão tocando com que guitarrista?"... "Beltrano? Ciclano? Blergh! Irrgh! (*em falsete*)" Todos uma bosta! No fim, porra, fizemos essa banda porque era a banda que depois de 20 e tantos anos de neguinho se procurando, achou os caras e a banda deu certo. E dá saudade... É como aquela coisa: estou solteiro, vou comer todo mundo... Aí vai uma, duas e na terceira você já sente falta daquela coisinha que ela fazia, começa a achar todas elas burras, começa a dar uma puta angústia...

Schiavon — E a gente ia participar um do disco do outro. E, porra, já que um vai participar do disco do outro, então vamos nos juntar de novo e fazer *um disco só*.

Deluqui — Essa coisa da gente ter se separado, feito outras coisas, serviu para sabermos exatamente o que a gente queria.

Paulo — E para exibir o que é o RPM para cada um. Tem o RPM, que somos nós quatro, e tem as outras coisas que cada um pode fazer a vida inteira. Não precisava acabar o RPM por causa de alguma coisa que não fosse intrínseca à banda. A gente zerou, e recomeçou do zero mesmo. Foi legal, porque a gente passou um mês (*em Búzios*) vivendo junto, acordando junto, só tocando e ouvindo o que a gente gravava. Aí voltou tudo. Banda de rock é gostoso por causa da bagunça.

BIZZ — *Fale sobre isso.*

Paulo — Depois que eu fiquei sozinho, ficou tudo tão chato! Parecia que eu tinha crescido: "Fiquei adulto! Saco! E agora? Não tem mais bagunça!" Ser solo é um pé no saco, pô. Careta! Imagina! Estaria só aqui dando entrevista para você. Muito chato! Todo esse sapo que você tem que pagar, e sozinho! Horrível! E quando está em banda é uma bagunça. Resumindo tudo, tá legal para c*. Nunca foi tão bom.

BIZZ — *Vocês vão lançar o disco no exterior, tem esse foto-mix... Quais são as estratégias de atuação, agora?*

Paulo — A gente ficou muito envolvido com negócio de mercado e o c*, e foi por isso que f*. A gente está de saco cheio de mercado, de saco cheio de tudo. A gente só quer fazer um som aí, ô meu! Dane-se o mercado internacional. A gente está fazendo o nosso discão e está ficando um tesão! Aí a gente vai lá na CBS e tudo acontece naturalmente. E, pode deixar, se a gente crescer, arruma-se um espaço para a gente caber dentro dele.

Schiavon — Quanto a esse negócio de foto-mix, é bom as pessoas ficarem sabendo que a qualidade de som não é das melhores. É uma edição limitada, cinco mil, para fãs mesmo.

Deluqui — Para pendurar na parede!

Paulo — A única coisa que vai ter no foto-mix e que não vai ter no disco é o remix de "4 Coiotes". Na verdade o foto-mix é um sanduíche: são dois vinis transparentes com uma foto dentro. Então é mais grosso, não fica tão sensível na agulha.

BIZZ — *Isso vai ser vendido a que preço?*

Paulo — A preço caro. Mas é a primeira vez que esse produto rola no Brasil. Lá fora custa o preço de um LP.

BIZZ — *Pelo que eu estou percebendo, existia uma preocupação de marketing que agora está sendo deixada para um segundo plano.*

Deluqui — É que esse lado encheu tanto o saco da gente... quase destruiu a banda, na verdade. A gente ficou armando tanto — não-sei-o-quê, o filme, não-sei-o-quê, o advogado... Ah, o mercado internacional e o contrato com a gravadora...

BIZZ — *Vocês iam fazer uma casa noturna, com local para ensaio, vídeos, shows...*

Paulo — Meu, isto é coisa que você faz quando é um moleque duro, e não tem um puto e de repente fica cheio da grana. Você fica com vontade de fazer tudo que você quer. "Qual é o problema? (*em tom mafioso*). O problema são as gravadoras? (*bate na mesa, agora falando em falsete*). Faço minha gravadora, gravo meus primo tudo (sic) e dane-se todo mundo". Papo de chega de se ferrar, o mundo é meu. Agora a gente está duro de novo e está louco para ganhar grana. Precisamos vender disco para c* para pagar todas as dívidas. Gastamos tudo! Enfim, como empresários somos uma boa banda de rock!

BIZZ — *Tem uma questão que está no ar e acho bom ser colocada. O Cabine C está movendo advogados para processar o selo RPM, porque eles estão atrelados ao selo RPM.*

Paulo — Eles pegaram 800 barões de adiantamento e eles têm que pagar. Não vendeu! A gente tem um contrato de que quando eles saírem da nossa gravadora e forem para outra, que por acaso os queira — e espero Deus que role, claro... — aí eles começam a vender, pagam a gente e, pronto, estão livres... É isso que rola, é essa a real. Prefiro passar para outro tópico...

BIZZ — *Vocês gravaram com o Milton e me lembro, quando entrevistei Deluqui e P.A. — na época em que vocês estavam separados — falaram da influência do Milton no trabalho que eles estavam desenvolvendo. Isso continua? O que vocês estão ouvindo agora?*

P.A. — Estamos ouvindo a gente para caramba.

Deluqui — A gente ouve rádio ondas curtas.

Paulo — Rádio árabe, rádio indiana, francesa...

BIZZ — *E o Milton?*

Paulo — Milton foi do cacete! Tem esse lance da música brasileira, esse lado mineiro, Beto Guedes, Lô Borges... Inclusive eu acabei de fazer uma participação na disco que o Lô vai lançar... O Milton extrapolou o grupo mineiro e é um dos quatro grandes pilares da MPB contemporânea, junto com Caetano, Chico e Gil. Então ele é tão MPB aos olhos do público e fica engraçado, porque a gente é tão rock. E a gente acha o cara legal, gosta dele. Ele canta para c* e é uma das pessoas mais bonitas que conhecemos nesse meio todo, o que é raro! Ele, Caetano, são pessoas iluminadas e não são assim por acaso... E foi super feliz esta oportunidade de aprender com o mestre.

BIZZ — *Vocês não acham que essa fusão com a música nativa brasileira é que pode tornar o pop daqui diferenciado com o do resto do mundo?*

Paulo — Mas é muito sutil! A gente aprendeu com isso também. Tem certos pontos que são conflitantes entre nós e o Milton. As gravações do Milton privilegiam a voz dele, que já é privilegiada. Mas a gente já deu a volta nisso. A volta do RPM já é em cima do fato de nós termos trabalhado com o Milton e, depois disso, ter visto claramente que o tesão da gente era fazer rock'n'roll. A gente gosta disso para c*. "Não tira a distorção da minha guitarra!" (*com voz chorosa*)... A gente pega um pelinho do progressivo, um pelinho legal do punk, um pelinho legal de funk, do rock pauleira, do blues e, com esse monte de pelinhos, faz uma peruca nova.

Patrícia Abdalla Azul

"A gente encheu o saco do RPM, como todo mundo" (Paulo Ricardo). "Tesão, não tinha mais" (Fernando Deluqui). "O RPM era um ser vivo que sugava a gente" (Luiz Schiavon) — os campeões de vendas descobrindo o lado amargo do sucesso

Schiavon — Quando você tenta fazer a fusão rock/MPB você dança. Não é isso! Então você usa elementos do rock na MPB, que está cheio agora, e elementos de MPB no rock, e tem que saber como usar essas informações.

Paulo — O caminho para isso é só musical, e não conceitual. Nós trabalhamos muito numa música que era uma coisa de rock/blues com sambão, e tiramos do LP porque deixou a desejar... Estamos fazendo um disco com dez músicas do RPM que são completamente RPM. Você não fala que é uma fusão de a + b. É som, é rock.

Schiavon — A velha zona!

Paulo — As bandas têm que desenvolver seu som de dentro para fora. Conceituar você até conceitua. O difícil é você fazer o som correspondente ao rótulo que você deu previamente.

BIZZ — *Mas ainda acho que esse elemento brasileiro seria o "pelinho" que diferenciaria a "peruca" da música pop brasileira das demais.*

Paulo — Eu acho que diferencia. É que se fica muito nítico, você provavelmente está sendo postiço! Pô, minhas letras não têm nada de rock. C* para o Dylan. Minhas influências principais são totalmente da língua portuguesa — Chico, Caetano, Fernando Pessoa, Vinicius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade... Não tem rock'n'roll: "Oh, baby, I love you, come on, come on, let's go, yeah, everybody, yeah!" Rock'n'roll é paupérrimo! Acho que você tira do Brasil o que está sentindo falta em outra parte. Um ou outro truquinho aqui, um elemento esparso e uma musicalidade geral de quem é brasileiro, de quem canta bossa nova e tem melodia na voz.

BIZZ — *Mandem mensagens para os fãs...*

Deluqui — Valeu a pena esperar!

Paulo — Você pediu, você escreveu, você ligou para nós... Acho que o sucesso da gente foi como um orgasmo, tanto para a gente como para o rock Brasil. Depois que você goza sempre dá aquele cansaço. Agora já estamos prontos para mais uma. E vamos lá! Esse é o recado para as fãs. O pior de um grupo acabar, o que isso significa para as pessoas e para a gente também...

BIZZ — *Ah, finalmente você vai falar o que eu estava querendo ouvir desde o início em relação à banda.*

Paulo — O efeito psicológico é muito ruim, porque é como você ver acabar uma coisa de união, de música... E, quando acaba, parece assim: o mal venceu mais uma vez.

Schiavon — O que sobra é uma coisa sórdida, tipo o dinheiro venceu, era uma armação...

Paulo — E a tristeza mesmo, para a gente mesmo, de ter de encarar que *the dream is over*. A era do individualismo! O c*! Esse negócio de rock'n'roll é super anos 60, mas é do c*. Esse papo de anos 80 pré-apocalipse eu não tô afins. Prefiro o flower power. Eu já estou no pós-apocaliptico — para mim o RPM já acabou, já voltou e, pô, acho que tudo é válido. Uma vez que você tem o RPM, porque vai mandá-lo embora da tua casinha? Pô, vai lá, dá um prato de Bonzo para ele toda a noite. *S.M.*

Los Angeles, 11 de fevereiro de 1988

A ligação não estava exatamente ruim, porque não existe ligação ruim nos telefones high tech da Califórnia — mas a voz vinha acompanhada de ruídos estranhos, como se seu usuário estivesse num lugar público. "Estamos num hospital em Beverly Hills, Cedars-Sinai... Não, comigo tudo bem, o P.A. foi internado, e... direto do avião, uma loucura, ele gritava de dor, nunca vi um homem crescido chorar assim, viemos direto pra cá, ele gritava no táxi..." Paulo Ricardo Levy de Medeiros, o cover-boy, o objeto de desejo, o *lead singer* da banda de rock campeã absoluta de vendagem e popularidade da cena brasileira, ex-crítico de rock, baixista e vocalista por compulsão absoluta, estava na recepção da emergência de um dos hospitais mais caros e bem equipados do mundo, tentando pôr no lugar uma cabeça tonta de *jet lag* (excitação de viagem) e susto diante da dor incontrolável de seu amigo Paulo Pagni, o P.A. baterista do RPM.

Com uma agudíssima crise de pancreatite, na base do soro e da aspirina, P.A. ficou cinco dias internado no Cedars-Sinai, mas não foi o único RPM a baixar enfermaria em Los Angeles — dois dias depois da fatídica quinta-feira de fevereiro que os levou ao hospital, Luiz Schiavon resolveu ir de moto ao parque de diversões Magic Mountain e ficou no meio do caminho, caído na freeway com uma perna e um joelho escoriados. Nada grave, disseram os médicos depois das radiografias.

Os quatro RPMs concordavam que aquilo tudo não era acaso, não. "Isso é olho, mesmo", rosnava o habitual pacífico Fernando Deluqui. "Vudu", completava Paulo Ricardo. "Vuduzagem mesmo. Por isso é que a gente escondeu tudo, o disco, nossa volta, tudo. Porque a gente sabia, sentia que se abrisse ia pintar vuduzagem, como está pintando. É inevitável. Somos a banda mais famosa do Brasil, estamos aqui mixando um puta disco... Neguinho não agüenta mesmo, manda aquela vibração pesada..."

Paulo hesita um pouco em tirar da mala as fitas cassetes onde estão as músicas do novo disco — muitas faixas gravadas diretamente no estúdio de oito canais que levaram para uma casa em Búzios onde cimentaram sua re-união e gestaram o novo repertório. "Sabe o que é, não está mixado, falta detalhe...", ele resmunga. Mas a vontade de dividir a experiência é mais forte: depois de vários arranjos para plugar um walkman num guetto blaster, o terceiro LP do RPM começa a rolar pela madrugada de Los Angeles. Paulo Ricardo saca de um caderno e de uma pasta repleta de notas e textos — são as letras, suas correções e as primeiras versões para o inglês. O disco será lançado no mercado americano entre o final de 88 e o início de 89, e uma das tarefas dos quatro, aqui, é gravar estas versões para o inglês (feitas pessoalmente por Paulo — "não confio em ninguém para traduzir o espírito das letras"). As letras em inglês precisam de alguns retoques para se transformarem em fala corrente, mas, no geral, estão em pé de igualdade com qualquer coisa que se escute no rádio americano.

A primeira impressão é de um disco muito intenso e com alguma coisa vagamente psicodélica. Paulo afirma as duas idéias. "É um disco que tem alguma coisa a ver com o Album Branco dos Beatles. No início nós pensamos no mesmo esquema, quer dizer, cada faixa ter a cara de um de nós, como nos Beatles. Mas no final acabou todo mundo colaborando em tudo, e resolvendo o que era o grande problema dos últimos tempos do RPM, quando cada um de nós tinha uma porção de idéias mas queria fazer as coisas sozinho, sem o grupo". Três dias, muitas madrugadas, latas de Budweiser, designer pizzas (uma espécie de pizza "chique", com ingredientes sofisticados como queijo de cabra, rúcula, abacaxi; típica de L.A.) e papos furados depois, as fitas estão rolando de novo numa preguiçosa noite de domingo.

Mesmo sem a mixagem e os "retoques finais" que Fernando tão ansiosamente quer fazer, o disco começa a revelar suas reais proporções e contornos. O tom da maioria das letras é francamente delirante: bem menos explícitas que as de *Revoluções Por Minuto*, bem mais alucinadas, pontuadas de odaliscas, sereias, beija-flores em alto vôo, ruas transformadas em canais de pedra e pó, e a palavra "deserto" aparecendo uma meia dúzia de vezes ("Ih, essa eu não tinha notado, que loucura, e nós estamos no deserto...", Paulo se surpreende).

Lá estão as canções mais lentas, como o blues "Partners", "Um caso de Amor Assim..." e "Ponto de Fuga". É um instrumental construído a partir dos verdadeiros "ruídos da comunicação"; o metralhar de máquinas de escrever, clics, blá-blá-blá de televisões — chama-se "O Quarto Poder" e nele Paulo não canta, propriamente, mas fala, com o discurso cuspido e contínuo dos locutores ("eu gravei essa faixa sentado no estúdio do lado, falando num walkie-talkie", ele conta). Mas há também um "objeto não identificado", um cruzamento de rock e pagode que tem a participação de Bezerra da Silva no vocal e na percurssão ("ele tocou todos os instrumentos", Paulo conta),

Estava tudo em cima para a melhor das viagens: mixar num estúdio hightech em Los Angeles. Aí começaram os reveses: P.A. ficou doente no avião, Luiz sofreu um acidente de moto e Deluqui teve problemas na coluna. Paulo (na foto, gravando a participação de Bezerra) foi o único que permaneceu incólume: "a gente tem proteção à beça"

chama-se "O Teu Futuro Espelha Essa Grandeza". Paulo e Bezerra cantam num esquema chamada-e-resposta louvando (ou gozando) o que os tropicalistas chamariam de "as relíquias do Brasil": mulatas, latas e uma porção de palavras num falso inglês digno de Lamartine Babo pontuam esse verdadeiro chiclete-com-banana que conclui com Bezerra, discretamente apocalíptico — "foi Deus". As canções que um ouvinte mais cínico poderia chamar de "tipicamente RPM" estão, elas também, substancialmente mudadas, e a segunda, terceira audição confirmam a primeira: há algo definitivamente *sixties* e alucinado (no sentido de sonho, *altered states*) lá pelo meio. "Sete Mares" conta uma história trágica com imagens vagas, às vezes absurdas. "4 Coiotes", que será o primeiro compacto do álbum, foi composta, literalmente, num estado febril: Paulo estava adoentado num hotel em Teresina "aquele calorão, eu super congelado, meio delirando", ouvindo, ao longe, a zoeira dos fãs lá embaixo. "Levantei meio cambaleando e escrevi isso aí. Depois é que eu vi que era o retrato da gente na estrada".

Mas nenhuma canção é mais bandeirosa dos novos horizontes do grupo, sua recém-encontrada dinâmica interna e suas inesperadas fontes de inspiração, quanto a última faixa do disco, "Show it to Me", eleita por unanimidade a mais querida de Paulo, P.A., Fernando e Luiz, tocando sem cessar no toca-fitas do Toyota alugado no qual eles disparam pelas freeways de Los Angeles. Composta e gravada num único dia, em Búzios, ela está no disco exatamente como ficou no gravador de oito canais, com a única adição da percussão absolutamente delicada e colorida de Paulinho da Costa. "Eu tinha dado uma saída nesse dia, e tinha deixado o pessoal no estúdio trabalhando numa coisa que ninguém sabia bem o que era", Fernando conta. "Quando eu voltei, senti uma coisa no ar... um clímão, sabe?" "A gente botou pra gravar e eu comecei a falar umas coisas em inglês", Paulo continua. "Eu nem pensava direito no que estava falando, mas só saíam palavras em inglês. A única coisa que ficou em português foi o meu grito de — 'agora', que era pra avisar o P.A. da virada. A letra foi assim, de primeira, eu cantando tudo em inglês sem perceber. Foi a coisa mais estranha que me aconteceu. Parecia que tinha baixado um troço na gente". Quando acabaram de gravar, Fernando conta, eles saíram, sem dizer uma palavra e ficaram por longo tempo contemplando um por do sol inteiramente alaranjado sobre as águas de Búzios. "Show it to Me" deve ser a primeira canção do RPM lançada no mercado americano, ainda este ano — com direito a vídeo clip promocional exibido na MTV e tudo mais. "A Dália Negra", uma faixa pesada, quase metal, inspirada no livro homônimo e James Ellroy — que, por sua vez, se inspirou num dos crimes mais famosos de Los Angeles — e "A Estratégica do Cão", pontuada pelo berimbau de Paulinho da Costa — "berimbau em rock dá o maior pé", diz Paulo — completam o disco.

Entre uma e outra sessão de mixagem e gravação — Fernando impressionado com o "vozeirão" de Siedah Garrett, que fez vocais em "Partners", e sem saber que ela é a autora e co-intérprete de "The Man in the Mirror", atual sucesso de Michael Jackson — os RPM exploram a cidade dos anjos. P.A., liberado enfim dos tubos e soros, recupera a cor na piscina, aproveitando o exótico inverno da Califórnia, com dias de 30 graus e sol forte, e investiga com cautela os prazeres da culinária da fronteira, a mistura de *nouvelle cuisine*, comida/saúde e tempero mexicano que faz a delícia dos gourmets da cidade. Fernando e Luís Carlos Maluly — produtor do disco — perdem-se nas gigantescas lojas de instrumentos e aparelhagem, como a exuberante *guitar shop* de Hollywood, verdadeiro supermercado eletrônico. Luiz vai manso, na incerteza de estar ou não com uma costela quebrada — "parece que quebrou, sim, mas me disseram que tudo o que eu preciso fazer é esperar". Paulo faz compras: uma pilha de CDs de seis "super favoritos, os clássicos, os indispensáveis" — Led Zeppelin, Jimi Hendrix, Rolling Stones — e algumas seletas novidades — Sinead O'Connor, Red Hot Chili Peppers —, óculos novos na chique L.A. Eyeworks, onde todos os popstars quatro-olhos se abastecem — e mais de cinco mil dólares com roupas para o novo trabalho, incluindo um terno negro e dourado de Jean Paul Gaultier, calças de Yohji Yamamoto e um casaco de feltro branco coberto de tachas, correntes e alfinetes que ele disputa dos olhos gulosos do cantor da banda Animotion, na ainda mais chiquérrima loja Maxfield, prontamente batizada "Ao Popstar Elegante". "Eu ficava meio com culpa de gastar tanto dinheiro em roupa", Paulo desabafa no quarto, depois, abraçando feliz as sacolas negras de Maxfield. "Mas, porra, é isso que eu vendo, eu mesmo, minha imagem, isso é parte do meu negócio, do meu trabalho. Passei a encarar essas compras como um investimento. E sabe do que mais? Vai só dar ainda mais raiva na galerinha, porque, além de super bem sucedidos, nós somos também a banda mais bem vestida, a que tem mais bom gosto".

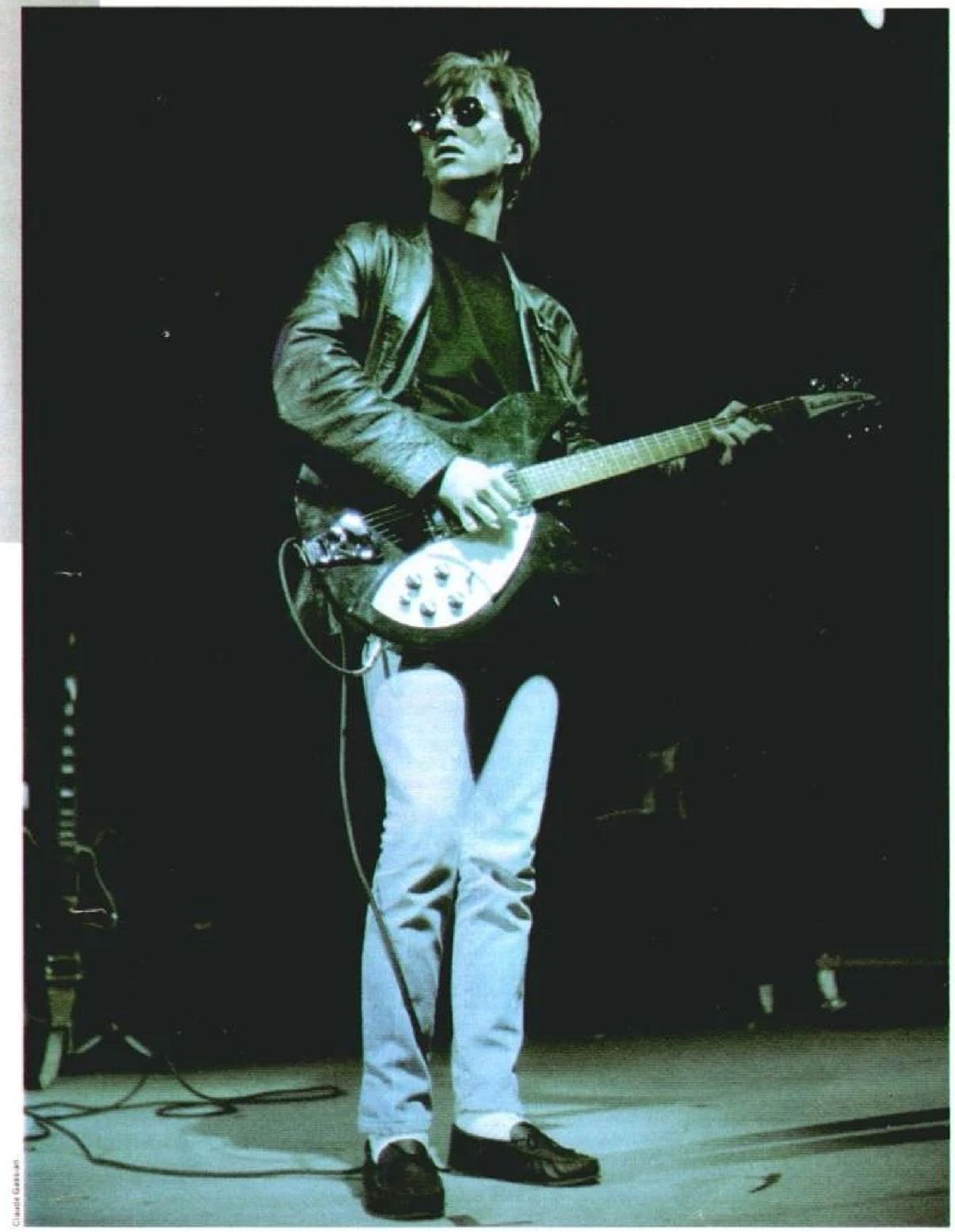
E como naquela piada do sujeito que descansa carregando pedra, Paulo se diverte na noite de sábado, em Westwood Village... gravando um disco. É uma dessas lojinhas de souvenirs como aquela que se perdeu na história em Memphis onde Elvis deixou seu primeiro recado de amor a mamãe, que tem um karaokê com gravador onde, promete o letreiro, "qualquer um pode ser um astro do disco". Paulo escolhe o acompanhamento de "I Saw Her Standing There" dos Beatles, e o técnico pergunta se ele não quer ensaiar primeiro. "Não", ele responde, "pode ir de primeira".O técnico se assusta:"então você é profissional?". "Mais ou menos", Paulo ri, e ataca "I Saw Her Standing There" num deliberado cover de Paul MacCartney. "Sai da loja feliz, abraçando o compacto onde está escrito: agora você é um astro do disco, ninguém vai poder dizer que eu nunca gravei um disco nos Estados Unidos...", ele gargalha. *A.M.B.*

JOHNNY MARR

APENAS UM GUITARRISTA

Caso raro este em que um músico acompanhante consegue ser mais famoso e mais destacado do que o líder da banda — no caso, uma tigresa chamada Chrissie Hynde, capaz de botar fogo em qualquer circo. Nas entrevistas coletivas do Hollywood Rock, em janeiro, Marr ficou na sombra, provavelmente evitando as inevitáveis perguntas sobre os Smiths. Mas na exclusiva concedida a *Jean-Yves de Neufville* e *José Augusto Lemos*, ele soltou o verbo...

Jean-Yves — *Como você se encaixou nos Pretenders?*
Marr — Após a primeira formação, quando acabaram os Pretenders originais, o grupo se tornou apenas um veículo para as canções de Chrissie. No que eu não vejo nada de mal, porque ela tem muito a dizer. Para mim, isso foi ótimo — é um grupo no qual posso continuar no meu estilo; não precisei mudar muito. Em termos de ensaio, é verdade que ainda não ensaiamos juntos o suficiente. Ainda estou tentando ver como dá para me encaixar e tocar a maior parte de ouvido, *really*.
Jean-Yves — *Você vai ficar com eles ou...*
Marr — Bem, sou um compositor. Sempre fui um compositor. Tenho muitas canções e, se elas não se encaixarem nos Pretenders, terei de fazer o meu disco. Serei obrigado a fazê-lo, mas Chrissie e eu já estamos compondo algumas músicas juntos. E desse jeito vou acabar ficando com os Pretenders por um tempo. Chrissie não estava acostumada a compor em parceria, por isso não tinha certeza se ia funcionar. Mas *(baixa o tom da voz)* já fizemos uns dois petardos!
Jean-Yves — *Você participou também da gravação do último LP de Bryan Ferry. Com aquele jeito de alquimista de estúdio que ele tem, multimisturas que ficam um tempão no laboratório antes de verem a luz do dia, o que você achou do resultado final?*
Marr — Para falar a verdade, foi uma surpresa muito agradável. O disco demorou um tempão para ficar pronto e — no fim — já estava me perguntando se a visão que ele tinha ao final era a mesma de quando começamos. Tenho as mixagens originais e as finais — não são muito diferentes! Basicamente ele foi chamando mais alguns músicos. Fiz a minha parte, e, quando voltei dezoito meses depois para gravar mais, ainda soava exatamente do mesmo jeito. Ele não muda nada. O tempo que ele demora não é por incerteza em relação a sua visão, pois ele começa com uma visão muito precisa do que quer — aí está o grande perigo em se ficar tanto tempo para terminar um disco: acabar perdendo os critérios! Ele se concentra só nos detalhes e sutilezas. É um cara muito sofisticado. Como fã de Bryan, acho que é a melhor coisa que ele fez em um bom tempo... com certeza desde *Avalon* ou *Flesh + Blood*. Acho-o melhor até que esses dois, pela força das canções.
Jean-Yves — *Quantas faixas tem a sua participação?*
Marr — Seis ou sete. "The Right Stuff", "Limbo"... Não participei de "Bête Noire", claro, não tem guitarra... Toquei em "New Town" e mais umas... três.
Lemos — *Vi ontem o clip de "Right Stuff". Você está ali...*
Marr — No meio de todas aquelas garotas! *(Começa a rir).*
Lemos — *E a sensação especial de estar tocando com alguém de quem você já era fã?*
Marr — Uma grande honra! Bryan foi uma grande influência para mim, e conservo essas idéias até hoje. Os Smiths sempre foram muito influenciados pelo Roxy Music — detalhezinhos que aparecem e desaparecem no começo e no final de cada faixa, nas capas dos discos, em toda a concepção da banda.
Lemos — *E os outros com quem você trabalhou...*
Marr — Keith Richards!
Jean-Yves — *Você gravou em estúdio com ele?*
Marr — Não, ele ainda está começando a gravar sozinho algumas coisas de seu LP. Eu só toquei com ele.
Lemos — *É comum na Inglaterra os*



Claude Gassian

Ciclano/Azul

"Eu não deixei os Smiths para me tornar o maior. Pelo contrário, saí para tentar manter os pés no chão"

músicos se encontrarem para ficar "jamming" assim — improvisando sem maiores compromissos?

Marr — Não, não é. E eu sou meio impopular justamente por fazer isso!

Lemos — *Você acha que o Morrissey se encheu disso e daí...*

Marr — Não; eu é que fiquei cheio dele e saí da banda. Não, esquece... Isso foi uma piada.

Lemos — *O que foi publicado aqui no Brasil como causa do fim da banda foram suas colaborações paralelas...*

Marr — Não mesmo, isso nunca o perturbou e ficaria muito surpreso se ele tivesse dito isso...

Lemos — *Que a genta saiba, nunca apareceu entre aspas, citado mesmo. Foram suposições.*

Marr — A verdadeira razão é que eu senti que a banda devia terminar. Tínhamos dado o máximo e íamos acabar compondo canções sobre o ato de compor! Ficamos juntos o tempo todo durante uns quatro, cinco anos. Tenho um orgulho extremo do que fizemos, mas precisava sair das luzes para clarear a cabeça. Adoro o último disco, continuo amigo de todos e tenho certeza que o disco do Morrissey — que ele já está terminando — vai fazer muito sucesso, está muito bom mesmo. E, voltando ao papo de tocar com outras pessoas, não consigo entender por que isso possa ser perigoso. Gosto de tocar, gosto de aprender. Só que passei um bom tempo pensando diferente disso — tenho que admitir. Mas eu tinha 17 anos quando os Smiths começaram, e quando fiz 23 já tinha mudado muito. Como todo mundo.

Lemos — *Os Smiths são muito populares no Brasil. Vocês chegaram a ser convidados para tocar aqui, não?*

Marr — Fomos. Mas nunca viajávamos muito para fora da Inglaterra...

Jean-Yves — *Vocês tinham idéia do grau de sua popularidade aqui?*

Marr — Realmente, eu não esperava. Chegamos ao hotel, no Rio, e eu fui passear, na minha, e pensando: "Bom, sou o novato da banda, posso dar umas voltas pela rua". Aí começou: "Joooohhnny! Joooohhnny!!!"

Lemos — *É engraçado esse sucesso dos Smiths em países latinos, geralmente mais machistas...*

Marr — Posso estar completamente errado, mas tive a impressão de que os latino-americanos gostam de coisas que têm uma boa melodia. As músicas que as pessoas citaram para mim, aqui... "This Charming Man", "The Boy With the Thorn on His Side", "Heaven Knows I'm Miserable Now", "William..." São das mais melodiosas e leves que fizemos, melodias de verão mesmo. O ritmo também. E realmente fiquei surpreso ao ser reconhecido na rua. *Great!* Eu queria deixar claro que não deixei o grupo por uma manobra carreirista. Não deixei o grupo para que Johnny Marr se tornasse o maior. Pelo contrário, saí do grupo para tentar manter meus pés no chão. Nosso sucesso na Inglaterra foi obsessivo, uma sobrecarga. Não era o tipo de sucesso de que eu gostava.

Lemos — *Explique melhor.*

Marr — É difícil lidar com pessoas obsessivas e obcecadas por você, que enxergam sua carreira fora de qualquer perspectiva. Se houvesse grupos melhores aparecendo junto com a gente, talvez tivesse sido melhor. Fui me sentindo desconfortável. Também percebi que tínhamos chegado a um ponto em que podíamos lançar qualquer coisa, que ia vender bem.

Lemos — *Não terá sido pelo fato dos Smiths terem dado, com sua música, apoio emocional a pessoas difíceis ou que passavam por momentos difíceis? Isso é algo que muita pouca gente conseguiu ou consegue fazer.*

Marr — Você tem razão, mas não gosto dessa responsabilidade. Foi uma coisa muito desequilibrada a natureza desse sucesso. E agora... vocês já ouviram Sinead O'Connor?

Jean-Yves — *Ouvimos falar. (N. da R. — A moça já foi capa do* Melody Maker, *em dezembro de 87.)*

Marr — Mike Joyce e Andy Rourke estão na banda dela, e estão muito contentes. Acho, sinceramente, que nos separamos no momento certo. Poderíamos ter acabado uns seis, sete meses antes, quando a barra realmente pesou. Primeiro por causa da imprensa musical. Segundo — e mais decisivo — por causa das pessoas que giravam em torno da banda. Foi como se eu tivesse traído os *boys*, saindo de fininho pela porta dos fundos para tocar com Keith Richards, Bobby Womack, Paul McCartney... gente até com quem eu nunca me encontrei na verdade. Eu só queria manter a lucidez, e estava ficando difícil.

Jean-Yves — *Você acha importante que continuem existindo bandas independentes, como os Smiths foram?*

Marr — Acho que sim. O problema é que atualmente não funciona tão bem quanto funcionava em 82. Assim que um selo começa a crescer, começa a querer mais e mais bandas de sucesso, e as outras bandas vão sendo deixadas de lado. Não acredito que tenha sido bom para os outros grupos da Rough Trade terem que ficar esperando entrar os lucros com os Smiths para que eles pudessem gravar seus discos... O que mais impressiona é que eles cometem os mesmos erros que as grandes companhias, e não têm grana para queimar à toa, assim desse jeito. Exatamente os mesmos erros. Talvez chegue um dia em que haja cabeças pensantes nas grandes gravadoras... O monopólio, afinal, é delas. Foi muito importante, sem dúvida, nós termos começado assim. Mas, quando você fecha um ciclo, tem que dar o passo seguinte. Não necessariamente cair nos braços de uma multinacional, mas rever o idealismo que há por trás das gravadoras independentes, quando já se teve experiências concretas de como ele funciona na prática. A indústria fonográfica funciona em cima de tanta grana — um absurdo tão incalculável —, que os selos independentes têm sorte em simplesmente sobreviver! Com o New Order, porém, deu certo. Só que agora eles têm os discos deles, no mundo todo — fora da Europa —, distribuídos por multinacionais corporativas.

Jean-Yves — *Eles acabaram mesmo?*

Marr — *(Irônico)* Eles nunca vão rachar, estão rachando desde sempre!!! Sempre foram assim.

(Após breve interlúdio para questões técnicas — ver box Meu Instrumento Especial *—, a conversa voltou a descambar pela música, via os violonistas brasileiros, "caras em quem vocês talvez não achem nada demais").*

Jean-Yves — *O que você ouviu no rádio provavelmente não é representativo do que há de melhor aqui...*

Marr — Por isso fiquei tão assustado com aquele papo de "invasão do rock" *(Johnny refere-se à entrevista coletiva dos Pretenders, ocorrida logo antes).* A situação pode piorar, pois, junto com os grupos bons, também virão muitas porcarias...

Lemos — *Por outro lado, é importante — se as pessoas realmente querem fazer rock'n'roll aqui — conhecer os originais. Uma das melhores coisas da vinda do Cure ao Brasil foi o fato de os imitadores terem de voltar aos ensaios, para tentar criar um estilo pessoal.*

Marr — Bem, a pior coisa do rock'n'roll, eu acho, é a síndrome do "garotinho bonitinho". Se ele canta, vende. Enquanto o que realmente tem importância cultural não desce, é complexo, porque tem substância demais! As pessoas não gostam de substância. Preferem um fundo musical, como o lanche que acompanha a televisão... E, ainda por cima, vocês não têm mercado de compactos! *(Outra referência à coletiva.) Jeeesus!* Então, se eu montasse uma banda aqui e fizéssemos uma *great song*, não seríamos contratados porque não se lançam compactos?

Lemos — *Exatamente.*

Marr — Tanta gente até hoje sobrevive por causa de uma *great song!*

Lemos — *Geralmente, a gravadora escolhe a música que as rádios vão executar maciçamente, e, se o cara quiser, vai ter que comprar o LP. Os compactos de 12 polegadas que ocasionalmente são lançados aqui acabam vendidos praticamente pelo mesmo preço do LP. Bom...*

Marr — Um dia, talvez... quem sabe. Há muita gente velha nas grandes gravadoras. Nos Estados Unidos não é tão ruim, pois já há mais jovens em postos de decisão. A indústria fonográfica norte-americana era muito mais saudável nos anos 60. Na Inglaterra, são caras mais velhos que não têm idéia do que tem acontecido ultimamente. E espero que daqui a no máximo dez anos haja uma renovação. Até a limpeza desses *old bastards*, é difícil que certas bandas tenham realmente uma chance! Eles não têm a menor idéia do que as pessoas gostam, sempre chegam por último. Nos Estados Unidos, a imprensa musical é ditada pelos discos. Na Inglaterra, a indústria é ditada pela imprensa! Caras mais velhos, executivos que chegam a encostar bandas por causa de uma crítica. Gente sem ouvidos e sem culhões. Enquanto que, nos Estados Unidos, há gente que... eu conheço um cara chamado Gerald Smith, há também Seymour Stein *(diretor do selo Sire, que contratou, entre outros, os Ramones, Talking Heads e Madonna, e começou a distribuição nos EUA de independentes ingleses como os Bunnymen e os próprios Smiths).* São caras que têm gosto, têm opinião!

Jean-Yves — *Quais as influências que você teve quando começou a tocar?*

Marr — No começo ouvi gente como Richard Thompson — aquele que era do Fairport Convention —, Neil Young, Patti Smith — principalmente o LP *Horses* — ...no começo era basicamente Neil Young e... Can, eu gostava muito do Can! Como guitarrista, eu ouvi coisas diferentes. Sempre fui muito ligado em canções, nunca quis ser um *guitar hero*. Queria ser um compositor, alguém que fizesse canções de três minutos, *compactos!* Para ser sincero, meus ídolos eram Gerry Goffin & Carole King, Lieber & Stoller *(duplas americanas de* hit-makers *que atingiram seu auge no início dos anos 60)*, Lesley Gore, Phil Spector *(produtores)*, as Shangri-Las, todos os *girl-groups*...

Lemos — *Está para ser lançado, pela* primeira *vez no Brasil, uma coletânea das Shangri-Las...*

Marr — *Shhhiiit!* Provavelmente com "Leader of the Pack", que foi a pior coisa que elas fizeram... Já foi relançada umas *cinco* vezes. *(N. da R. — A música é de 64.)* É sempre entra nas paradas. Você está brincando!

Lemos — *E estamos em 1988.*

Marr — Em 1988! É engraçado, por que há uns dois, três anos, quando pintou esse convite para os Smiths tocarem no Brasil, a gente falou: "Brasil? Ninguém toca no Brasil!" Uma pena não termos vindo, porque aí vieram Siouxsie e os Banshees, o Cure etc. Daqui a uns dois ou três anos, muito mais bandas terão tocado aqui e as coisas talvez melhorem.

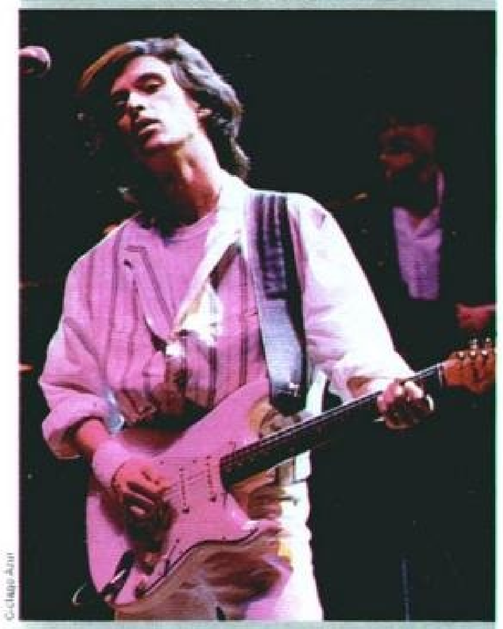
Jean-Yves — *Após o show, vocês voltam imediatamente ou vão conhecer um pouco do Brasil?*

Marr — Infelizmente voltaremos no ato. Tenho uns trabalhos a fazer. Quero ir a Nova York ouvir o disco dos Talking Heads em que eu participei, para ver como ficou. Gravei em duas ou três faixas...

Jean-Yves — *Quantos anos você tinha quando começou a tocar a sério?*

Marr — Doze, treze anos. Mas a intenção principal era aprender a tocar para poder compor. Guitarra era mais prática e charmosa que um piano...

FICHA TÉCNICA ESPECIAL



Ciclano/Azul

Ao vivo, com os Pretenders, Johnny Marr tem usado uma Fender Strato 63 acrescida de captadores Hot Rail da Seymour Duncan. Mas, no estúdio, segundo ele, é "sempre uma Rickenbacker", seja o modelo 360, de doze cordas (ano 62) ou o 330 de seis cordas (82). De vez em quando, a semiacústica 355 da Gibson. Destas, só a Strato foi "mexida", o resto permanece com as peças originais.

Ele diz preferir efeitos de *rack* — basicamente o SPX 90 da Yamaha, o SD 3000 da Korg ou um Space Echo. Não gosta de pedais, ou como ele mesmo diz, "distorção pré-fabricada, efeitos pré-fabricados".

Quanto aos amplificadores, o preferido é o Twin Reverb da Fender (ele tem dois), mas também gosta de seu JC 120 da Roland e de um Mesa Boogie. Sempre estes, seja no palco ou no estúdio.

As cordas são Ernie Ball's número 10 e, em vez de palheta, uma dedeira no polegar, como muitos violonistas brasileiros.

SINAL DOS TEMPOS

CAZUZA

Ele trocou a vida boêmia pela tranqüilidade de sua cobertura na Lagoa, que tem uma visão de fazer inveja ao mais cético notívago. Seu novo LP, Ideologia, ***provavelmente será o mais coeso e o mais forte de toda sua carreira como artista solo.***

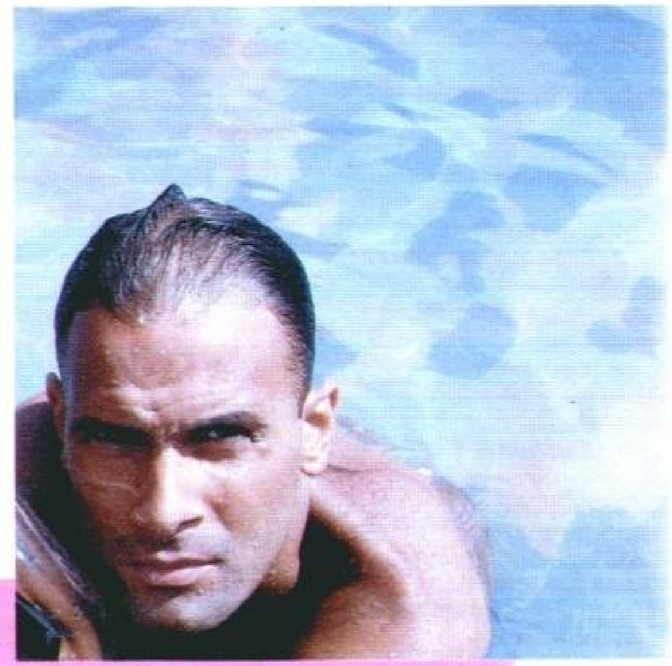
Cazuza trocou as festas pela lua, a música pelo silêncio, e palavras como "bar", "noite", "bebedeira" — temas comuns em seus discos anteriores —, deram lugar a outras como "flor", "ingratidão", "fé"... Esta também é a primeira vez que Cazuza aparece como compositor e não apenas como letrista e intérprete — pelo menos três composições inteiramente suas entram no novo disco.

Dentre as oito canções que fazem parte do LP, destaque para "Blues da Piedade", sem dúvida uma letra forte, piedosamente cruel: o hino de uma época!

Fotos Marcelo Faustini / Azul

Por Sônia Maia

BIZZ — *Eu queria que você falasse um pouco dessa coisa de boemia, arte e poesia andarem juntas.*
Cazuza — Acho que o poeta é um insatisfeito. Então a noite, a vida noturna, a vida da boemia, da farra, são geralmente freqüentadas por pessoas insatisfeitas... Senão, sei lá, elas estariam em casa, por exemplo. Quando uma pessoa vai para o circuito é porque está a fim de viver suas fantasias, de mostrá-las para os outros... Acho que é a própria insatisfação do artista que o leva a ter uma vida desregrada. Eu parei com isso, mas entendo. O artista não é um operário, que bate ponto e tal. Por mais que digam que ele é um operário da arte — a dona Fernanda Montenegro disse isso... — eu não acredito que ninguém possa ser operário da arte, porque a arte é contra a transformação do homem numa máquina. Como a religião, ela é uma coisa para tirar a pessoa daquele vazio... Para mim, como poeta... Você diz que eu sou poeta, mas eu me considero um letrista, gosto de falar que sou letrista, porque eu acho que tem uma distância entre poesia e música popular...
BIZZ — *Fale um pouco sobre isso, então.*
Cazuza — Não sei se algum dia eu vou ser um poeta, realmente. Quando me vem uma idéia na cabeça, ela já vem musical. É um processo criativo meu; escrevo cantarolando uma coisa na minha cabeça. Por isso que é fácil para os meus parceiros colocarem música — qualquer ritmo vai caber ali, porque eu já fiz pensando em música. Eu vejo a poesia como um trabalho com a palavra mesmo. Todas as possibilidades que você pode tirar da palavra, da gramática. Acho que faço uma coisa mais ligada à música do que à palavra e por isso não me considero poeta. Fico orgulhoso quando falam "o poeta Cazuza", mas eu, na verdade, me considero um letrista.
BIZZ — *Talvez porque a música seja, hoje, o melhor canal de expressão para a poesia...*
Cazuza — Acho que isso no Brasil é uma questão mais política e econômica. A música é o veículo — qualquer favelado tem um radinho de pilha. Aqui não é como em qualquer país da Europa, onde todo ser humano tem direito a biblioteca pública e pode ler tudo. O acesso para as pessoas aqui é a televisão e o rádio. Acho que é por isso que toda pessoa interessada em poesia acaba chegando na música, porque ninguém quer ficar escrevendo para meia dúzia.
BIZZ — *Posso ver as letras do novo LP?*
Cazuza — Ah, adoro mostrar minhas letras!
BIZZ — ... *(repórter lendo uma letra).*
Cazuza — ... (atento).



"A pesar de parecer que não levo nada a sério, tenho um lado muito sério. O que me salva é que não consigo levar esse lado sério tão a sério"

BIZZ — *Bonito isso: "Dizem que estou louco... em perder noites de sono/ Só pra te ver dormir/ e me fingir de burro/ pra você sobressair" (da música "Minha Flor, Meu Bebê").*
Cazuza — Acho essa música super carinhosa. Fiz para um casal de namorados, amigos meus. Tem umas coisas cruéis... Porque, porra, é aquele relacionamento onde você mais cuida da pessoa, que é mais frágil que você, e você fica cuidando, mimando, fingindo. Isso pinta muito em casal — às vezes tem a pessoa que é mais forte, e se prende um pouco para o outro poder brilhar quando os dois estiverem juntos. São regras de quando se ama.
BIZZ — *"Vida Fácil"... (em parceria com Frejat).*
Cazuza — Esta é velha. Eu me lembrei dessa música quando uma menina entrou no estúdio de gravação e falou que tinha várias fitas de shows do Barão. E ela mostrou "Vida Fácil" ao vivo, no morro da Urca ou Circo Voador. Sabe aquelas pessoas que vão ao show com gravador e têm as coisas mais geniais, que você nem imagina? A música é meio essa coisa "comando anti-gay", só que é *pró-gay*, porque é a história de uma "tia velha" que dava a maior guarita para os garotões da rua, entende?
BIZZ — *"Blues da Piedade"... É velha também?*
Cazuza — É novíssima! Nem a música está pronta. O Frejat está fazendo, ainda. Adoro, é a letra que eu mais gosto do disco. Acho que foi a penúltima coisa que eu fiz, e... não sei... foi um momento de sacação que eu tive muito forte e saiu uma coisa muito verdadeira — a impressão do que eu acho bom na vida, do que é ser feliz. É muito a visão que eu tenho do mundo, e de você conviver com a mediocridade das pessoas, quando não se é medíocre. Tem muita gente boa no mundo. Mas tem muita gente menor e você tem de aprender a transar a vida, apesar delas.
BIZZ — *..."Direi milhares de metáforas rimadas..." (da música "Boas Novas").*
Cazuza — Eu tenho um lado que leva as coisas muito a sério. Eu pareço ser uma pessoa que não leva nada a sério! E o que me salva na minha vida é que eu não consigo levar esse meu lado sério tão a sério. Mas eu tenho esses rompantes, de dizer coisas definitivas — eu vi, eu sei, eu quis, eu vi a cara da morte, não sei o quê... A coisa de você dar testemunho...
BIZZ — *"O Assassinato da Flor"...*
Cazuza — Tem uma coisa nesse disco que eu conquistei de um tempo para cá. Foi uma coisa que vem me acrescentando — fui relaxando mais no meu trabalho de escrever letra. Comecei a fazer coisas mais irresponsavelmente. De pegar um papel e colocar idéias, simplesmente. No Barão eu tinha que ser o maldito, o roqueiro, tinha de falar daquelas coisas: os becos escuros do Rio, a bebedeira sem fim, as loucuras cariocas. Estou há quatro meses sem beber e isso foi uma vitória porque, realmente, a bebida não estava me fazendo bem. Eu era um alcoólatra, bebia há muito tempo, muita droga, muita coisa. E desses meses para cá eu tenho feito as coisas de forma mais relaxada — tenho ficado em casa, olhando para o céu. Aí eu canso, pego meu carro, vou para a rua, passeio, fico andando na Lagoa, fico vendo a cara das pessoas na rua... Tenho feito esses programas. Estou mais "baseático" — tenho dado uns tapinhas e fico assim: Ah!... *(faz uma expressão de quem está com a cabeça nas nuvens)* ...Entendeu? Bem, eu falei tudo isso para chegar na letra. *"O Assassinato da Flor"*. Essa letra é um exemplo disso. A letra "A Orelha de Eurídice", que você não leu ainda, é um exemplo disso. São muito soltas... Essa das flores é uma coisa assim: você mata uma flor quando você a colhe, mas você está colhendo para dar à pessoa que você ama. Então é isso, misturado com imagens de uma coisa que sangra... Enfim, é uma brincadeira, um estudo sobre flores e amor *(risos)*.
BIZZ — *"Obrigado/ Pelos dias de cão muito obrigado/ Pelas frases feitas/ por esculhambar meu coração/ viciado e careta/ e me trair e me dar inspiração para ganhar dinheiro"... [da letra "Obrigado (Por Ter se Mandado)"]...*
Cazuza — Fim de caso total, e a pessoa ter elegância, no final do caso, de sair bonito... Ela é bem Nelson Cavaquinho. Essa música é engraçada porque a palavra ingratidão" *(que aparece no final da música: "obrigado.../... Também por não ter dito obrigado/ por ter levado a ingratidão bem guardada)* é uma palavra que não se usa na música dita não-brega. Ingratidão é uma coisa cafona, fora de moda. Não existe mais ingratidão: tudo é numa boa! E gosto de dizer coisas assim, de repente. Quando eu vi essa palavra no papel, falei: "Meu Deus! Que coisa cafona! Como eu posso ser tão cafona?!" Mas eu adoro: *ingratidão!*
BIZZ — *"Orelha de Eurídice"...*
Cazuza — *(orgulhoso)* Essa também é música e letra minha. Ela tem uma história ótima. Foi um sonho que eu tive e, ao acordar, praticamente psicografei o sonho. Porque, sempre que eu faço uma letra, demoro uma semana — sou super quadradinho para trabalhar. E essa veio em cinco minutos — pá! Sentei, bati a máquina... E saiu essa letra louca, do sonho misturado com coisas super espontâneas, super sem rima mesmo, super loucas. Para o arranjo vou fazer uma coisa meio história de terror, porque ela é quase um conto — é uma alma de outro mundo que chega, a alma de uma pessoa que já morreu e vem trazer uma orelha para ele; a orelha da pessoa que ele ama, a prova de que o amor dele é real. Como num rapto — você rapta uma pessoa e manda a orelha para os pais saberem que a pessoa está viva...
BIZZ — *Cruel, heim?*
Cazuza — Eu adoro essa letra! Essa coisa meio transcendental da procura do amor, que é a história da Eurídice, do Ulisses. É uma chanchada de terror. Bem, aí teve uma história com o Renato Russo. Toda vez que encontrava com o Renato, falávamos: "Pô, vamos trabalhar juntos!" Aí mandei a letra para ele botar a música. Liguei para o Renato um mês depois, e ele: "Não fiz a música ainda. Estou com a maior dificuldade, primeiro porque eu não estou acostumado a trabalhar botando música em cima de letra...". E ele não achou a música pop: "Eu sou pop, Cazuza, e, além disso, não consigo me conformar com uma música cujo tema seja orelha..." Quer dizer, coisas do Renato. Acho genial, respeito ele porque ele é um puta poeta. Mas eu fiquei pensando: "Meu Deus! Que será isso? ...Ah, não! Orelha! Orelha! Rima com pentelho, rima com espelho ...Orelha!!!" Aí comecei a gritar: "Orelha!!!!" Acho interessante uma música chamar "orelha". Eu tenho mania de orelha...
BIZZ — *"Guerra Civil", parceria com Ritchie?*
Cazuza — Eu vou regravar essa. O Ritchie gravou tecnofunk e eu vou gravar rock e funk. Ela tem uma ginga... Essa música tem uma história, também. O Ritchie não teve coragem de cantar o verso "freiras lésbicas assassinas". Ele cortou isso da versão dele. Agora, na versão integral, com Cazuza *(em tom de apresentação)*...
BIZZ — *Apesar de o Brasil estar como está, você acha que essa nova geração de artistas — Renato Russo, você, Humberto Gessinger —, que sabe usar a sinceridade como arma, você acha que essa geração vai vencer os caretas?*
Cazuza — Acho que a gente conseguiu, com esse pessoal que você falou e mais outras pessoas que você esqueceu, sedimentar realmente uma coisa bacana. O rock já não é uma coisa da qual se possa debochar. Nenhum caretão pode chegar e dizer que o rock é uma merda porque se o Maracanãzinho fica cheio três dias é por causa dos roqueiros. É inegável! A gente está com uma força de palavras, as pessoas estão ouvindo o que o Renato Russo fala, o que o Lobão fala... Por mais que cada um tenha caminhos loucos, eles estão falando. Somos uma geração muito mal informada — não tivemos participação política alguma; estamos chegando aos tropeções... É a tal coisa que eu falo da ideologia, título desse meu disco. A gente nunca teve ideologia... E a gente precisa dessa coisa agregada. Eu me sinto muito mais feliz em saber que tem um Renato Russo, um Lobão, um Arnaldo Antunes — pessoas da minha geração, que tropeçaram em todos os vazios, em todos os becos sem saída — agregados numa coisa bacana. Os poderosos, os caretões descobriram que tem uma coisa muito consistente, muito verdadeira nisso. Por isso as gravadoras abriram as portas e, agora, é o máximo! Todos viraram roqueiros...
BIZZ — *Cazuza, você está mais calmo, largou a boemia... Qual a fonte de inspiração dentro de uma vida regrada?*
Cazuza — Olha, eu estava virando um personagem... Todo dia tinha festa — a estréia de um show, uma pessoa expondo quadros numa galeria, um amigo teu conversando sobre poesia... Tudo acontece, aqui no Rio, pelo menos. Aí você vai, chega lá, encontra todo mundo, sai para jantar e a tua vida vira meio que um circo. E eu estava nesse circo há dez anos! Chegou uma hora em que percebi que estava vendendo menos discos e pondo menos gente em shows do que as vezes que eu aparecia em revista de coluna de fofoca. E isso estava me incomodando, me podando como artista — eu não tinha mais assunto. Agora, sei lá, estou com mais tempo — tenho saído para a rua, olhado para a cara das pessoas, tenho ido para o sítio e pensando na vida, olhando para a lua... Isso deve transparecer nesse disco, embora muitas das letras sejam de um ano atrás...
BIZZ — *Então vamos falar do disco propriamente dito.*
Cazuza — Esse disco surgiu com umas de-

BLUES DA PIEDADE
(Frejat/Cazuza)

"Agora eu vou cantar para os miseráveis
Que vagam pelo mundo derrotados
Para essas sementes mal plantadas
Que já crescem com cara de abortadas"

Para as pessoas de alma bem pequena
Remoendo sempre pequenos problemas
Para quem não tem fé, vive sofrendo
Querendo sempre aquilo que não tem

Para quem vê a luz mas a luz nunca chega
A iluminar suas mini-certezas
Para quem vive contando dinheiro
Para quem não muda quando é lua cheia

Para quem não sabe amar e vive esperando
Chegar alguém que caiba no seu sonho
Como varizes que vão aumentando
Como insetos em volta de uma lâmpada

Vamos pedir piedade, Senhor
Piedade
Para essa gente careta e covarde
Vamos pedir piedade, Senhor
Piedade
Lhes dê grandeza e um pouco de coragem

Agora eu vou cantar só para os mais fracos
Que estão no mundo e perderam a viagem
Quero cantar o blues da piedade
Como o pastor e o bumbo na praça

Vamos cantar o blues da piedade
Porque há um incêndio sob a chuva rala
Porque nós somos iguais em desgraça

Vamos cantar o blues da piedade
Vamos pedir piedade...

"A coisa de que mais sinto falta é a época em que andávamos em tribo. Hoje em dia trabalho muito sozinho — cada vez eu me vejo mais só"

mos que eu fiz com o Nilo Romero *(baixista e produtor musical deste LP)*, no estudiozinho de oito canais que ele tem em casa. Comecei a mostrar umas músicas para ele — por coincidência umas músicas e letras minhas — meio com vergonha... Eu sempre compus, uma coisa ou outra, mas sempre mandava para os parceiros, porque era mais fácil. Nesse disco eu comecei a trabalhar mais sozinho, fazendo letra com violão. Aí fizemos essa demo e eu achei um barato, fiquei apaixonado, adorei... Eu ia entrar em estúdio dia 15 de outubro, mas fiquei doente, fui para os EUA, e o projeto do disco atrasou três meses. Quando voltei, a primeira pessoa que eu procurei foi o Nilo, e "vamos continuar...!" Eu já tinha o conceito do disco: era *Ideologia* — o título que estava definido —, já tinha feito a música para o Frejat. Essa música bate com o momento em que a gente está vivendo... Aí a gente definiu o seguinte: eu pedi para ele que o disco não tivesse teclado. "Quero um disco de trio, muita corda, muita guitarra, muito som de baixo, um sax aqui, outro ali, mas não quero usar teclado, e sim cordas". Nesse disco eu queria uma coisa mais crua... Encasquetei na minha cabeça e estou fazendo, pronto. Além do Nilo tem o Zeca, claro, sempre peruando por fora, o Della Monica na bateria e o Ricardinho Palmeira nas guitarras — porque vai ter guitarra em cima de guitarra. E eu estou muito satisfeito de trabalhar com o Nilo, porque ele é um músico, tem esse lado que é difícil — a música é matemática e eu sempre fui péssimo em matemática —, mas com ele eu não fico tímido. Eu falo: "Nilo, faz isso". Aí eu faço uma coisa com a boca e ele entende o que eu quero dizer com aquilo. Isso é importante para mim — esse entendimento que eu tenho com ele musicalmente. E o Nilo está me dando isso de presente — está conseguindo traduzir as coisas que eu faço chegar a ele com arranjos lindos, para minha voz, para mim.

BIZZ — *Você comentou que sua personalidade tem vários lados. Fale dos mais marcantes...*

Cazuza — Eu sou muito romântico e me defendo muito com o meu lado agressivo. Eu estou deixando essa faceta de criança, ingênua, bobão, puro mesmo, aflorar bastante. Como eu estou sem defesa, estou sem biritar — a bebida era uma coisa que me defendia um pouco das pessoas; eu tomava três uísques e virava o meu herói. E eu fiquei muito fraco, doente, exposto, frágil, muito feminino, muito yin... Isso tudo ficou muito forte e é muito legal. Nesse disco, por exemplo, têm coisas fortes e agressivas, mas eu estou cantando as músicas de um jeito mais *cool*, berrando menos, usando mais a melodia das músicas. Vou fazer coisas nesse disco que eu nunca fiz: colocar eco na voz, dobrar a voz, cantar junto com outra pessoa numa terça... Engraçado, porque o Alceu Valença me falou uma vez que eu era o único roqueiro que ele conhecia que dizia a letra de uma maneira super samba, super brasileira, que é um jeito de corpo... Por mais que você seja roqueiro, você passa uma coisa brasileira... E o rock para mim é assim: eu sou uma pessoa da cultura rock, fiz minha cabeça ouvindo rock, fui feliz com a filosofia do rock... Eu era uma pessoa infeliz e com 14 anos fiquei super feliz, virei um adolescente feliz porque comecei a ouvir o que o John Lennon dizia, o que Raul Seixas dizia, o que a Rita Lee dizia... Caetano Veloso. E eles só mandavam mensagens ótimas — faça o que quiser, vamos à loucura...

BIZZ — *Antes de aparecer o Barão Vermelho, você já sabia que seria um cantor de rock?*

Cazuza — Eu sempre soube que se eu tivesse algum tipo de trabalho, seria ligado ao rock. Se fosse escrever, seria escritor de rock, seria pintor de rock, seria bailarino de rock *(risos)*. Qualquer coisa que eu fizesse ligado à arte seria rock... Com 15 anos eu pesquisava Janis Joplin. Por outro lado, pesquisei coisas como Dalva de Oliveira, Lupicínio Rodrigues, Billie Holiday...

BIZZ — *Você se ligava em ídolos?*

Cazuza — Totalmente! Eu tenho uma personalidade muito camaleônica — sempre teve um cara que eu achava o máximo na turma e eu mais ou menos imitava. Sempre fui muito de ler biografias. Então, claro, meus heróis — James Dean, Mick Jagger, Caetano; as pessoas que fizeram minha cabeça —, eu tentava imitá-los de alguma maneira e tentava levar uma vida parecida com a delas. Em 72, com treze anos, eu ficava olhando aquelas pessoas loucas, maravilhosas, se beijando, no maior escancaro mesmo, e lembro que com 14 eu ia com um amigo meu para os lugares, acendia um baseado e ficava esperando para ver se alguém pedia um tapa para mim. Ninguém pedia, as pessoas nem me viam! Era uma época louca no Rio. Em plena ditadura, a gente fazia coisas muito loucas mesmo — saíamos na rua viajando de ácido, uma época fechada, anos 70, quando ninguém falava nada. E éramos presos; éramos uma ameaça...

BIZZ — *Tinha uma coisa de tribo mais forte...*

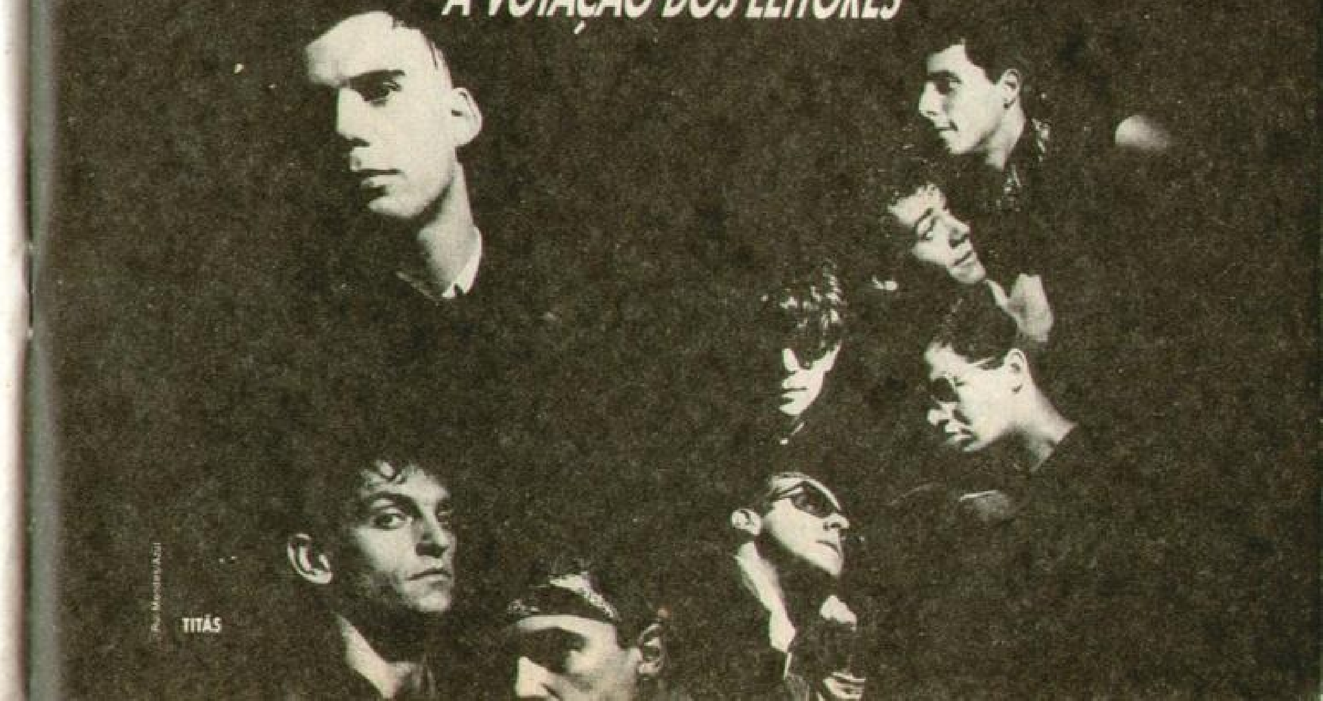
Cazuza — Tinha. A gente só andava em tribo, para nos protegermos da polícia, inclusive. Porque era uma época em que a gente apanhava da polícia por qualquer coisa. Tinha blitz para pegar filhinho de papai com baseado no bolso... A coisa que eu mais sinto falta hoje em dia é disso. A coisa que eu tenho mais nostalgia daquela época é que era *tudo, todo mundo*... Hoje em dia eu trabalho muito sozinho — cada vez mais eu me vejo mais sozinho no que eu estou fazendo. Estou mais dono da bola, mas mais sozinho. Já dividi mais as coisas...

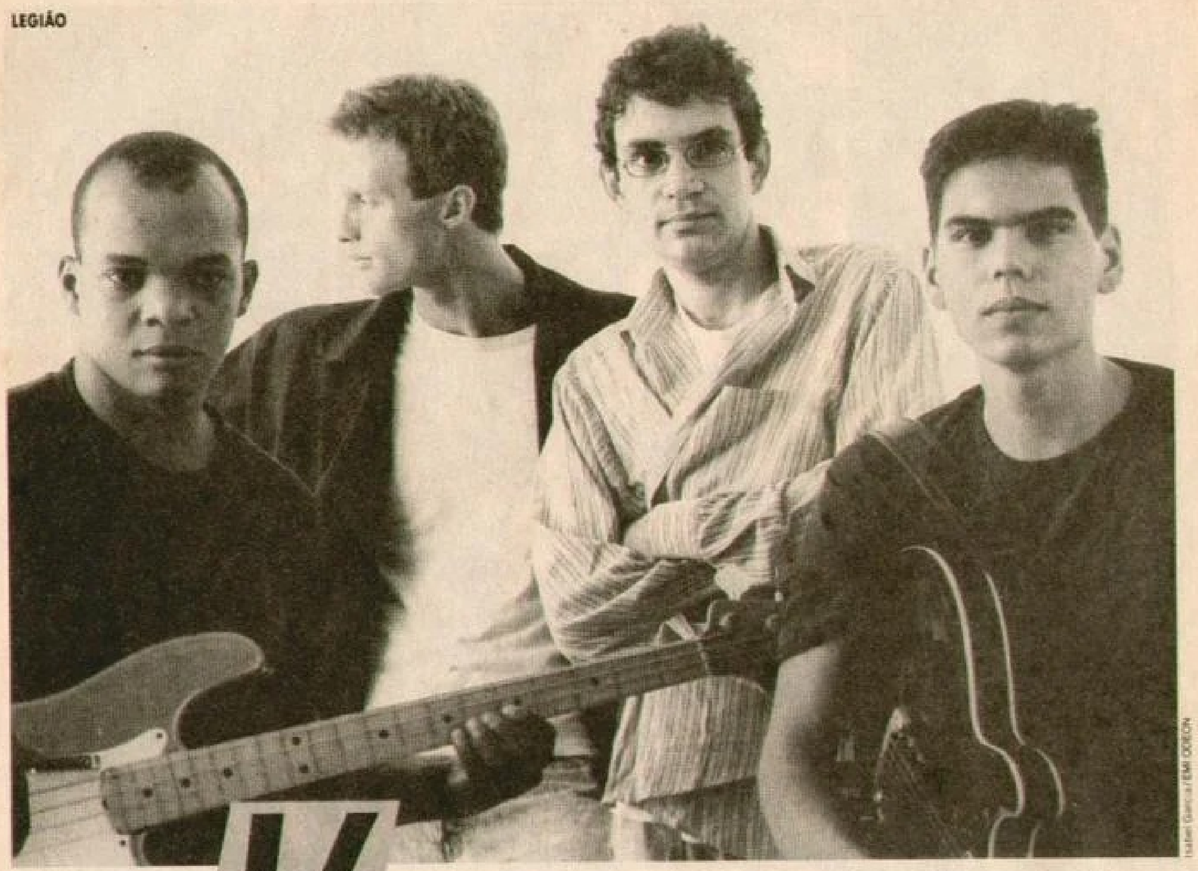
BIZZ — *Que tempo é esse, Cazuza?*

Cazuza — Acho que a revolução é na vida da gente. Com 18 anos você quer mudar o mundo e com 40 não quer mais. Por que isso? A *gente* muda! Tem uma coisa de época, também. A gente está vivendo uma época careta agora. Teve uma época de distensão, de abertura de costumes, que foram os anos 60 e 70. Agora estamos voltando ao moralismo. E estamos vivendo uma época chata...

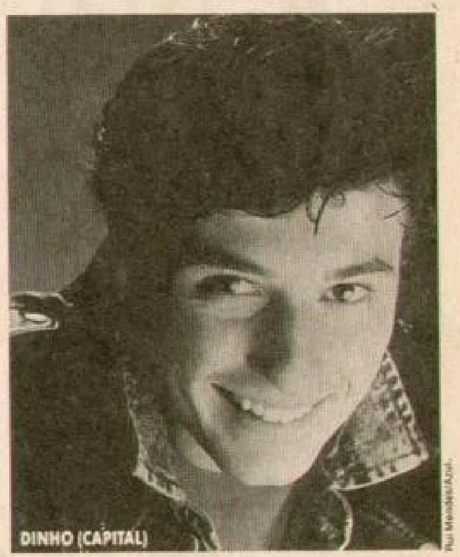
MELHORES DE 87

A VOTAÇÃO DOS LEITORES



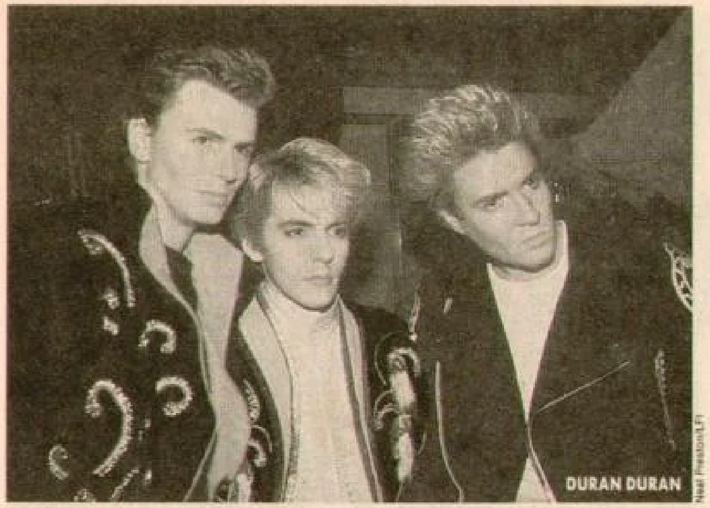

LEGIÃO

Isabel Garcia/EMI ODEON


DINHO (CAPITAL)

Rui Mendes/Abril

Você votou, eles venceram! Titãs e Legião (unanimidade com a votação da crítica!), U2 e Duran Duran (em franca discordância: veja os resultados na BIZZ 31...) monopolizaram as principais categorias — Grupo, LP e Música —, fora uns quebrados em Vocalista, Letrista, Instrumentista, Clip e Capa... Destaques individuais para Renato Russo (melhor Vocalista e Letrista) e Lobão (segundo Instrumentista e Vocalista, terceiro LP, quarta Música). Entre os nacionais, também deu Capital Inicial (bem em Grupo, Vocalista e LP).


DURAN DURAN

Neal Preston/LFI

A-HA

Neal Preston/LFI

Internacionais: sobrou algum para Sting (pintando em LP, Vocalista e Clip, além do melhor Show) e para o A-ha (bem em Grupo, Música, LP e Capa e o melhor em Clip). No rescaldo, ainda apareceram os nacionalíssimos Ultraje, Marina e Plebe Rude, e o New Order e o Cure, de leve. Um caso à parte: a estreante Suzanne Vega, a quem voltaremos já...

GRUPO

1 TITÃS	39,7%
2 LEGIÃO URBANA	22,3%
3 CAPITAL INICIAL	7,1%
1 U2	21,8%
2 DURAN DURAN	15,7%
3 A-HA	11,7%

MÚSICA

1 "QUE PAÍS É ESTE" — LEGIÃO URBANA	15,2%
2 "LUGAR NENHUM" — TITÃS	11,5%
3 "INDEPENDÊNCIA" — CAPITAL INICIAL	8,5%
4 "RÁDIO BLÁ" — LOBÃO	7,6%
5 "A IDA" — PLEBE RUDE	5,1%
1 "WITH OR WITHOUT YOU" — U2	16,6%
2 "A MATTER OF FEELING" — DURAN DURAN	9,7%
3 "LUKA" — SUZANNE VEGA	8,9%
4 "BIZARRE LOVE TRIANGLE" — NEW ORDER	
"HUNTING HIGH AND LOW" — A-HA	8,0%

LP

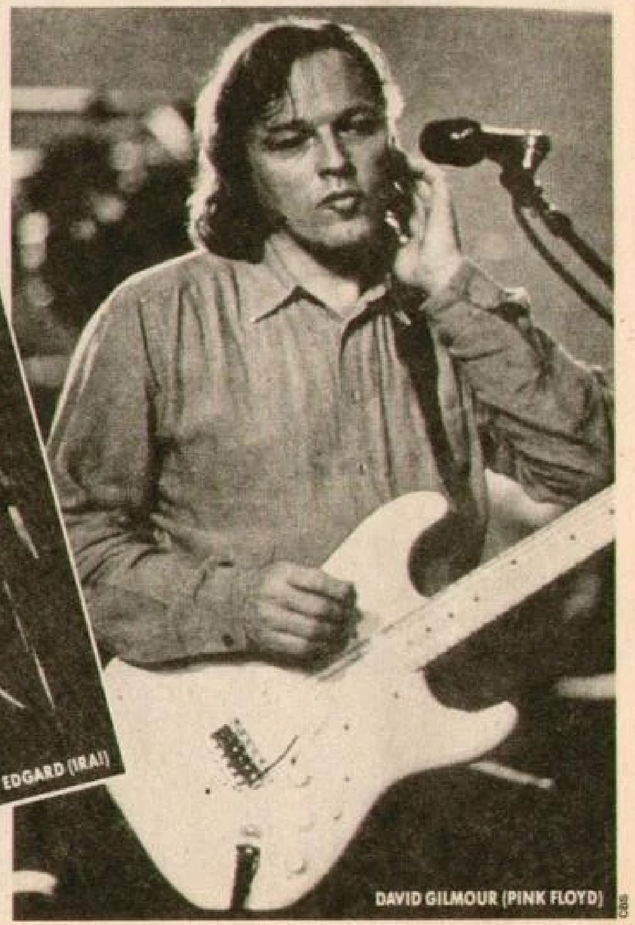
1 *JESUS NÃO TEM DENTES...* — TITÃS	20,3%
2 *QUE PAÍS É ESTE* — LEGIÃO URBANA	16,4%
3 *VIDA BANDIDA* — LOBÃO	12,5%
4 *INDEPENDÊNCIA* — CAPITAL INICIAL	4,7%
5 *VIRGEM* — MARINA	
SEXO!!! — ULTRAJE A RIGOR	4,4%
1 *THE JOSHUA TREE* — U2	17,4%
2 *NOTORIOUS* — DURAN DURAN	9,9%
3 *...NOTHING LIKE THE SUN* — STING	6,1%
4 *KISS ME KISS ME KISS ME* — CURE	
SCOUNDREL DAYS — A-HA	5,5%

NEW ORDER

Warner Bros

EDGARD (IRAI)

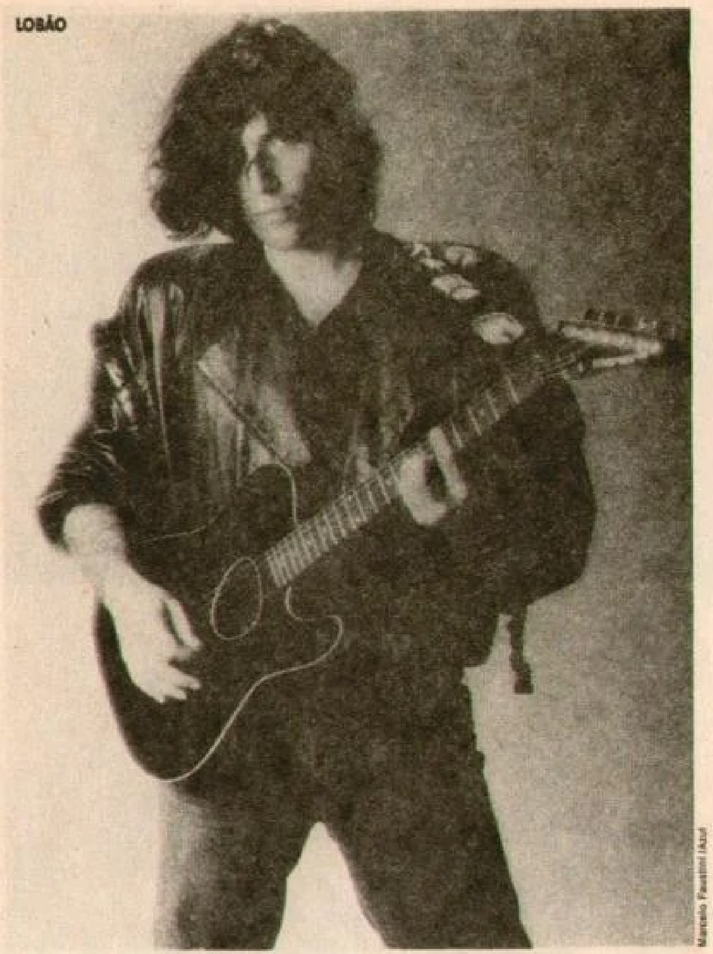
Wu Maninari/Azul



DAVID GILMOUR (PINK FLOYD)

CBS

LOBÃO



Marcelo Pavanini/Azul

De Edgard Scandurra, guitarrista do Ira!, já nem se fala: depois de monopolizar por três anos a categoria de Instrumentista na votação da crítica, em 87 ele é também o melhor segundo os leitores! E isso num ano em que a banda não lançou disco. Um forte candidato a hors concours em 88 — assim é covardia, Edgard! Em Instrumentista internacional, além da presença do simpático Johnny Marr (leia entrevista na página 36), reaparece o mítico guitarrista David Gilmour, à frente de um Pink Floyd em boa forma. E Herbert Vianna mantém a tradição: há sempre um Paralama entre os grandes instrumentistas. Entre os letristas, Antonio Cícero, parceiro e irmão de Marina, faz companhia ao titã e ao legionário regulamentares...

HERBERT (PARALAMAS)

VOCALISTA

1 RENATO RUSSO (LEGIÃO URBANA)	24,7%
2 LOBÃO	11,7%
3 DINHO (CAPITAL INICIAL)	9,4%
1 BONO (U2)	19,2%
2 SIMON LE BON (DURAN DURAN)	9,6%
3 STING	9,2%

INSTRUMENTISTA

1 EDGARD (IRAI)	21,7%
2 LOBÃO	18,7%
3 HERBERT VIANNA (PARALAMAS)	15,2%
1 JOHN TAYLOR (DURAN DURAN)	18,7%
2 JOHNNY MARR (SMITHS, PRETENDERS)	15,1%
3 DAVID GILMOUR (PINK FLOYD)	13,1%

LETRISTA

1 RENATO RUSSO (LEGIÃO URBANA)	51,7%
2 ARNALDO ANTUNES (TITÃS)	14,2%
3 ANTONIO CICERO (MARINA)	5,5%

FAUSTO

D. Gabrielli/Kaz

BON JOVI

Mundo LP's

AFRODITE

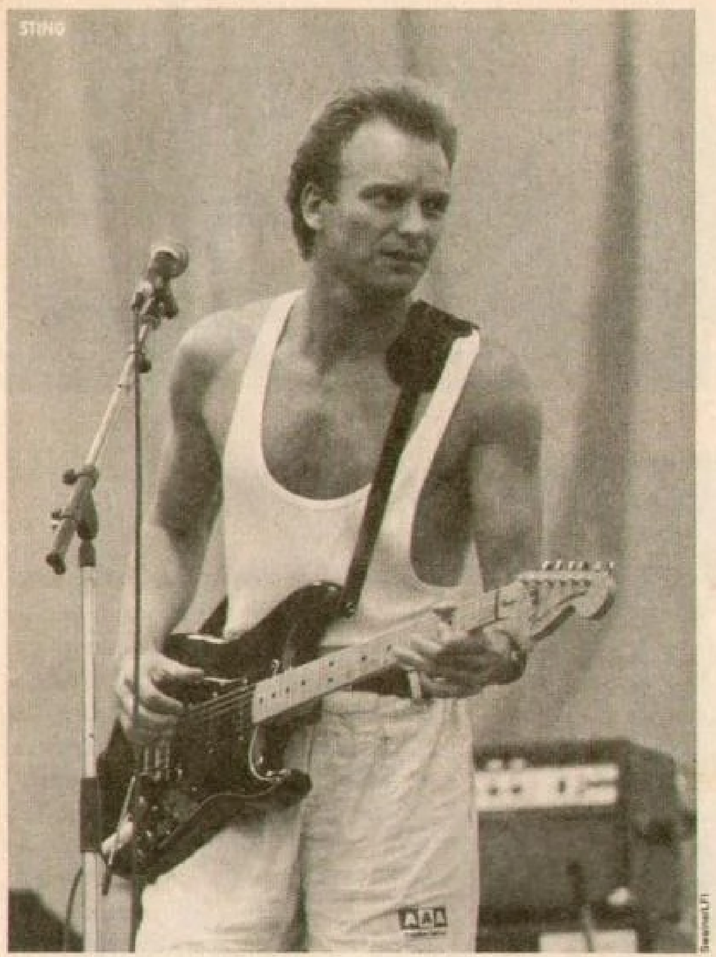
Polygram

SUZANNE

Ebet Roberts/LF1

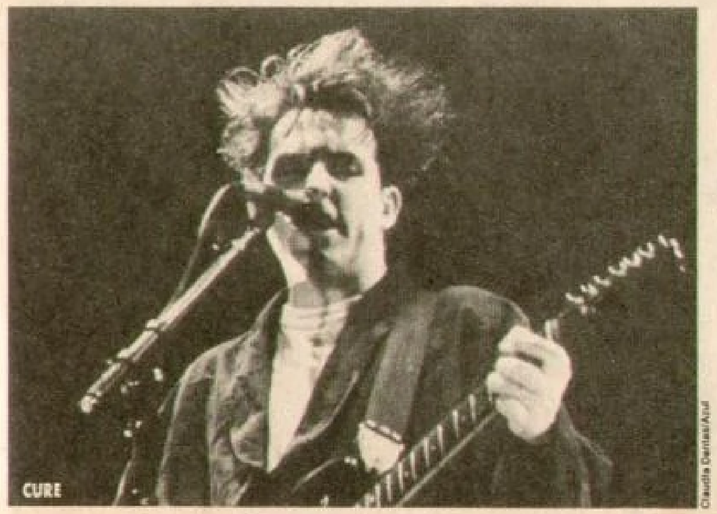
ECHO

Luiz Dantas/Abril



STING

Sawnes/LF1



CURE

Claudia Dantas/Azul

Revelações irresistíveis, Fausto "Calcinha" Fawcett e a suave Suzanne Vega estiveram entre os mais ouvidos do ano ("Luka", a canção de Suzanne, também aparece entre as melhores Músicas), seguidos das garotas de Afrodite Se Quiser e dos rapagões do Bon Jovi. E se o Mission não surpreende tanto por sua aparição na lista, esse não é o caso dos gauchinhos do TNT, que têm futuro... Shows do ano: Sting arrasou, mas Cure e Echo também marcaram época. E todos prometem voltar. Na Categoria Capa, valeram as concepções inquietantes do Pink Floyd e dos Titãs, e a linha mais comtemplativa do Violeta e do U2, seguidos dos primorosos trabalhos gráficos dos LPs de Lobão e do A-ha.

REVELAÇÃO

1 FAUSTO FAWCETT	23,8%
2 AFRODITE SE QUISER	19,5%
3 TNT	8%
1 SUZANNE VEGA	25,1%
2 BON JOVI	19,3%
3 THE MISSION	12,8%

SHOW

1 STING	34,7%
2 CURE	14,1%
3 ECHO & THE BUNNYMEN	11,4%

CAPAS

1 *JESUS NÃO TEM DENTES...* — TITÃS	36,5%
2 *VIOLETA DE OUTONO*	13,5%
3 *VIDA BANDIDA* — LOBÃO	12,3%
1 *A MOMENTARY LAPSE...* — PINK FLOYD	23,5%
2 *THE JOSHUA TREE* — U2	19,8%
3 *HUNTING HIGH AND LOW* — A-HA	12,7%

"LUGAR NENHUM" (TITÃS)

Z. Vivenzo/ Azul

"HUNTING HIGH AND LOW" (A-HA)

Kati/Azul

INTOCÁVEIS

Globo/Reprodução

ANJOS DA NOITE

Super-Filmes

ALIENS

Bob Penn/Dips Press

Clip: na área da competência visual, Titãs e A-ha continuam dando as cartas. Mas a fórmula simples e vigorosa dos vídeos dos Paralamas e do U2 também têm vez, seguidos de boas realizações nacionais como "Cara Pálida" (Gang 90) e "A Ida" (Plebe Rude) e das brincadeiras do Sting ator em "We'll Be Together". Finalmente, cinema. O intrigante Anjos da Noite *bisou o primeiro lugar entre os Filmes nacionais: leitores e crítica concordaram de novo. A pouquíssima distância,* Vera *e* As Sete Vampiras, *drama e comédia em duas boas produções. E os três sensacionais Filmes estrangeiros —* Os Intocáveis, Aliens *e* Coração Satânico *— deixam água na boca, à espera de um 88 também cheio de boas surpresas...*

CLIP

1 "LUGAR NENHUM" — TITÃS	27,4%
2 "SERÁ QUE VAI CHOVER" — PARALAMAS	10,3%
3 "A IDA" — PLEBE RUDE	
"CARA PÁLIDA" — GANG 90	5,5%
1 "HUNTING HIGH AND LOW" — A-HA	24,1%
2 "WITH OR WITHOUT YOU" — U2	14%
3 "WE'LL BE TOGHETHER" — STING	9,1%

FILME

ANJOS DA NOITE — WILSON DE BARROS	12,5%
VERA — SÉRGIO TOLEDO	12,2%
AS SETE VAMPIRAS — IVAN CARDOSO	12%
OS INTOCÁVEIS — BRIAN DE PALMA	13,9%
ALIENS, O RESGATE — JAMES CAMERON	12,2%
CORAÇÃO SATÂNICO — ALAN PARKER	9%

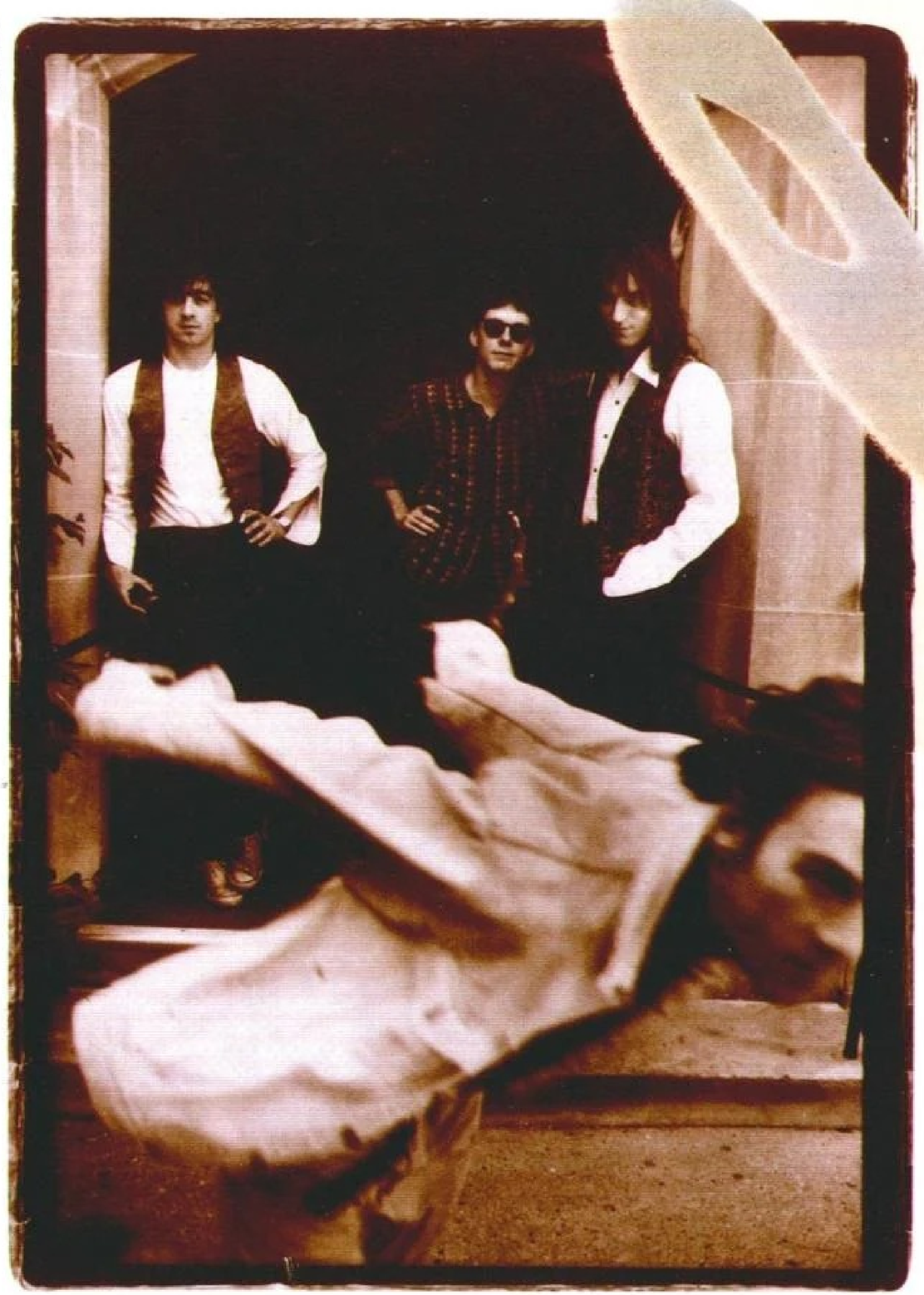
Michael Jackson não ganhou nenhum Grammy...

MICHAEL JACKSON

EM DISCO, FITA E COMPACT DISC

CBS

PEPSI



Paula Court/LRS

BEM VINDOS À OCUPAÇÃO

A voz da América rebelde rompeu as linhas da maioria conservadora. E avança firme, paradas acima, na explosão tardia — e, de certa forma, inesperada — do quarteto surgido da pequena e profícua Athens, na Georgia. E agora, moçada?

Por Ana Maria Bahiana, de Los Angeles

Não adianta — de qualquer ângulo que você olhe, com qualquer desculpa que você invente, de qualquer jeito e maneira —, eu gosto do R.E.M. há mais tempo que você. Gosto porque sou uma pessoa muito velha e, na segunda metade dos anos 60, ouvi e amei uma banda americana chamada The Byrds — um imenso som de guitarras entretecidas umas sobre as outras ao infinito, um oceano de eletricidade sobre o qual a voz frágil de Roger McGuinn cantava os prazeres absurdos de estar oito milhas acima do chão. Mais de uma década depois, eis que o mesmo som imenso e poderoso, que tinha sido banido por sintetizadores gélidos, reemergia, insolente, num diabo de um compactozinho *under* chamado "Radio Free Europe", gerado e atirado ao mundo a partir da improvável cidade de Athens, Georgia. A Hippielândia havia se dissolvido na estratosfera dasagradável das drogas pesadas ou no colo confortável do sucesso profissional. O rock havia entregado sua cabeça a prêmio — mais uma vez — e mais uma vez havia sido assassinado e ressurgido. Não se tratava mais de *Drop In - Drop Out - Be Free*: tratava-se de *D.I.Y., Do It Yourself*, o semi-articulado salve-se quem puder do fim do século. E a banda tinha o nome que os cientistas dão ao fenômeno fisiológico que ocorre durante os sonhos: R.E.M., *rapid eye movement*, o movimento rápido e incontrolável dos olhos.

Agora mais uma metade de década se passou, e o R.E.M. está no palco propositalmente escuro do centro de eventos da luxuosa Universidade da Califórnia, em Irvine, ao sul de Los Angeles. Universidades são seu território: desde seu primeiro disco, o EP de cinco faixas *Chronic Town*, de 82, sua música tem encontrado seu eco primeiro nas rádios universitárias. Sem comerciais, programadas e operadas por estudantes, são as vozes mais eficientes e poderosas na definição do futuro musical da América. Mas agora, no final de 87, o raio de ação do R.E.M. cresceu muito: há um compacto seu, "The One I Love" ("uma das canções mais cruéis que já fiz", disse seu autor, o vocalista Michael Stipe), entre os 20 primeiros da parada de sucesso, e um outro a caminho de idêntico posto — o mui adequado "It's the End of the World as We Know It (And I Feel Fine"). O novo LP, *Document*, já saiu para as lojas com quinhentas mil cópias, disco de ouro, portanto — um feito que seu antecessor, *Lifes Rich Pageant*, levou um ano para conseguir. Agora é a apoteose duvidosa, o momento cruel de emergir dos subterrâneos para o mundo *glitter* do sucesso em larga escala, com seu cortejo, dinheiro e armadilhas.

Como o R.E.M., quintessência da banda americana independente, *darling* permanente da crítica, trovão das universidades, sobreviverá a isso? Por enquanto, aqui em Irvine, está tudo como antes, ou quase — e a vontade de comparação com os tempos psicodélicos dos vovós desta companhia, os Byrds, é irresistível. Agora, como lá atrás, há uma América subterrânea, sob uma maioria ultracareta, conservadora, que subsidia as contra-revoluções do mundo (algo que o R.E.M. canta em "Welcome to the Occupation"), que se embriaga de dinheiro fácil, poder e consumo e desenvolve paranóia intensiva com relação a sexo, drogas e rock'n'roll (ou melhor, com relação a todo o rock'n'roll que não é o rock'n'roll deles, o clássico).

A triste ironia é que essa maioria silenciosa, nos 80, é quase sempre a minoria barulhenta dos 60. Agora é como o final dos anos 50, o início dos 60: o pêndulo da história batendo pique no extremo da direita, antes que...

Michael Stipe, de short e camiseta depois de despir meia dúzia de camadas de roupa ("uso como proteção emocional, sou muito tímido", é sua explicação), está contando uma história de terremotos antes que a banda, com um fogo de rangar os dentes, ataque "It's the End of the World"... *Ah, é o fim do mundo, todo o mundo sabe disso, mas eu me sinto bem, eu me sinto*

Sandra Lee Phipps / I.R.S.

***Mike Mills, Bill Berry, Peter Buck e Michael Stipe: a melhor banda de rock'n'roll da América segundo a revista* Rolling Stone**

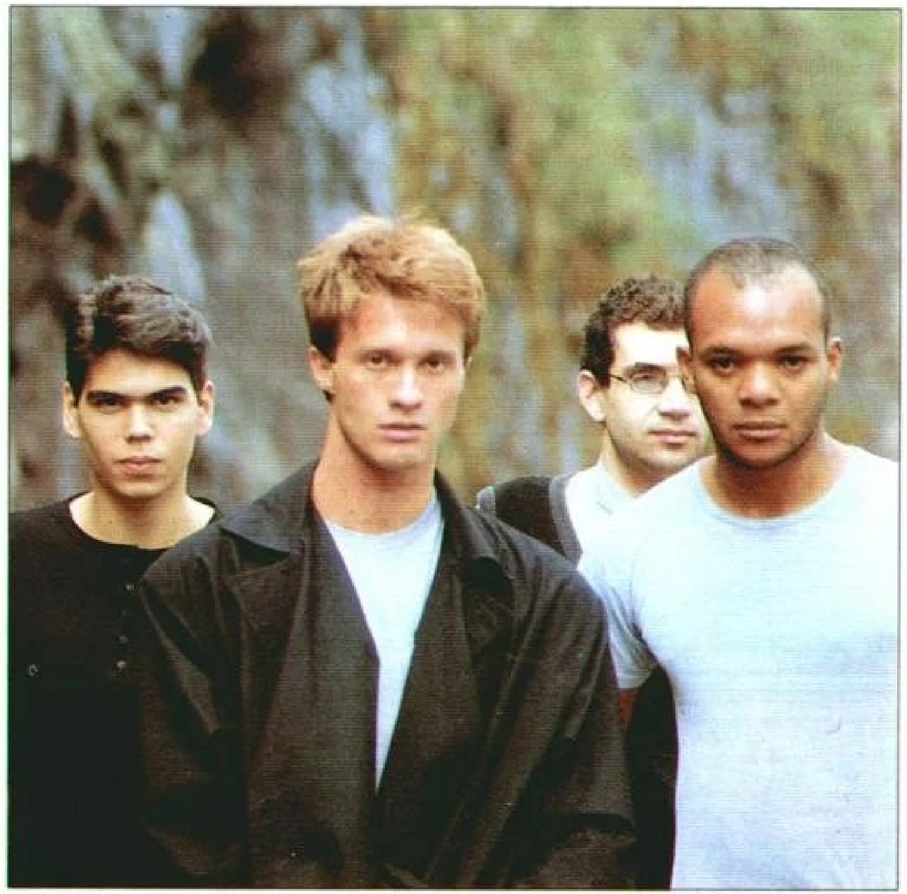
bem... Bem-vindos à ocupação. Qual a revolução possível?

As origens do R.E.M. estão exatamente numa universidade não muito diferente desta aqui, em Irvine. A Universidade da Georgia, em Athens, é rica como quase toda boa universidade americana: oficialmente é uma entidade estadual, mas na realidade mantida pelas gordíssimas doações de indústrias e milionários locais mais as salgadas anuidades que os pais esperançonsos pagam, sem pestanejar, para que seus filhos tenham o melhor quinhão do sonho americano. Lá foram parar, exatamente na virada da década, Bill Berry, nativo de Macon, também na Georgia, e seu melhor amigo, Mike Mills, emigrado do Norte, da mesma Hibbing, Minnesota, de Bob Dylan. Os dois haviam se encontrado e tocado juntos no ginásio — Berry na bateria, Mills no baixo — e construído uma amizade sobre uma sólida base de antipatia mútua, como costuma acontecer com as ligações duradouras. Berry achava Mills "um caretão idiota", Mills tinha um certo medo da fama barra-pesada de Berry. Ambos estavam decididos a estudar Direito e se tornarem advogados e/ou empresários de rock. Mas na universidade, além de aulas e livros, encontraram outro par de bons amigos, o ávido colecionador de discos Peter Buck e o erudito e temperamental Michael Stipe, cujos interesses, além de rock, abrangiam filosofia, artes plásticas e manuscritos medievais.

Na falta de coisa melhor para fazer (e estimulados pela atmosfera da cidade, que, em torno da universidade, tinha desenvolvido uma ativa cena local, com bandas como o B-52's e Pylon), Berry na bateria, Mills no baixo, Buck na guitarra e Stipe nos vocais, começaram a tocar juntos. Em pouco tempo o hobby tinha se transformado em obsessão, e os quatro decidiram rachar um mesmo alojamento e trabalhar juntos *full time*. O repertório passou dos covers iniciais — coisas dos Sex Pistols, Velvet Underground, Stooges, soul dos anos 60 — às novíssimas composições da dupla Buck/Stipe: intrigantes canções em tom menor sobre as quais flutuavam letras desconexas como as do mais alucinado Dylan, imagens fragmentadas como as de... bem, como as de um sonho. Com a ajuda de mais dois amigos, os advogados recém-formados Jefferson Holt e Bertis Downs, mais 1 250 dólares tomados emprestados usando como garantia seu único bem — uma velha camionete — os quatro registraram o nome R.E.M. (sábia precaução, já que, naquela época, existiam dois outros grupos com o mesmo nome) e fundaram sua própria produtora e editora musical.

Em 82, Downs — guindado ao posto de empresário oficial do R.E.M. — amarrou um contrato com o selo independente I.R.S., que, liderado pelo irmão de Stewart "Police" Copeland, Miles Copeland, estava arrebanhando a melhor safra emergente dos Estados Unidos. Uma remixagem de "Radio Free Europe" em compacto, o EP *Chronic Town* (com material que a banda já havia gravado num estudiozinho doméstico de Athens) e o LP *Murmur* apresentaram o R.E.M. à América. E a América — pelo menos a América das rádios universitárias, dos fanzines — apaixonou-se pelo R.E.M. O resto é, por assim dizer, história: cinco anos de excelentes LPs, em que as visões apocalípticas de Stipe vão-se aclarando gradativamente, passando do delírio a uma imaginativa consciência, focalizada em temas como intervencionismo ("Green Grows the Rushes"), ecologia ("Cuyahoga"), choque de gerações ("Begin the Begin"), embaladas por uma sonoridade ampla e poderosa que paga tributo tanto ao psicodelismo dos Byrds quanto à dinamite de Pistols e Stooges. E tudo é gravado segundo uma política estrita de produção — se no segundo *take* não está como querem, a canção não vale a pena: "Não tem essa de ficar retocando — se precisa retocar tanto, como é que vamos tocar ao vivo?", diz Buck. Cinco anos de elogios da crítica, e muitos shows em teatros pequenos e ginásios universitários. Cinco anos solenemente ignorados pelas rádio "oficiais", mas maciçamente executados pelas rádios "alternativas". E aí, meio que de repente, o sucesso, em 87, com o LP *Document* puxado pelo single "The One I Love". Encruzilhadas e uma certa perplexidade. "Não consigo entender", confessa Buck, "é um disco igualzinho a todos os nossos outros, não mudamos em nada o nosso *approach*, é um disco bem estranho, nada comercial..." "Eu ainda não acredito", Stipe admite. "Nós na parada. Eu não acredito. Ao lado de Bruce Springsteen e essa gente toda... Não sei... É verdade que sinto um peso maior nos meus ombros, uma responsabilidade maior agora, não com relação ao trabalho, mas com as coisas que faço e falo. Fora isso... mamãe! É, mamãe ficou muito contente."

QUE PAÍS É ESTE
1978/1987
LEGIÃO URBANA



EM DISCOS E FITAS

EMI

Red

THE COMMUNARDS

OS APOLOGISTAS DA "GLASNOST"
NÃO PARAM DE OUVIR, DANÇAR
E CANTAR NA PRAÇA VERMELHA,
PRAÇA DA SÉ, PRAÇA 15
E, EVIDENTEMENTE, CENTRAL PARK,
HIDE PARK, E PRAÇA DE MAYO.
OUÇA E SAIBA POR QUÊ.

EM DISCOS E FITAS

PolyGram

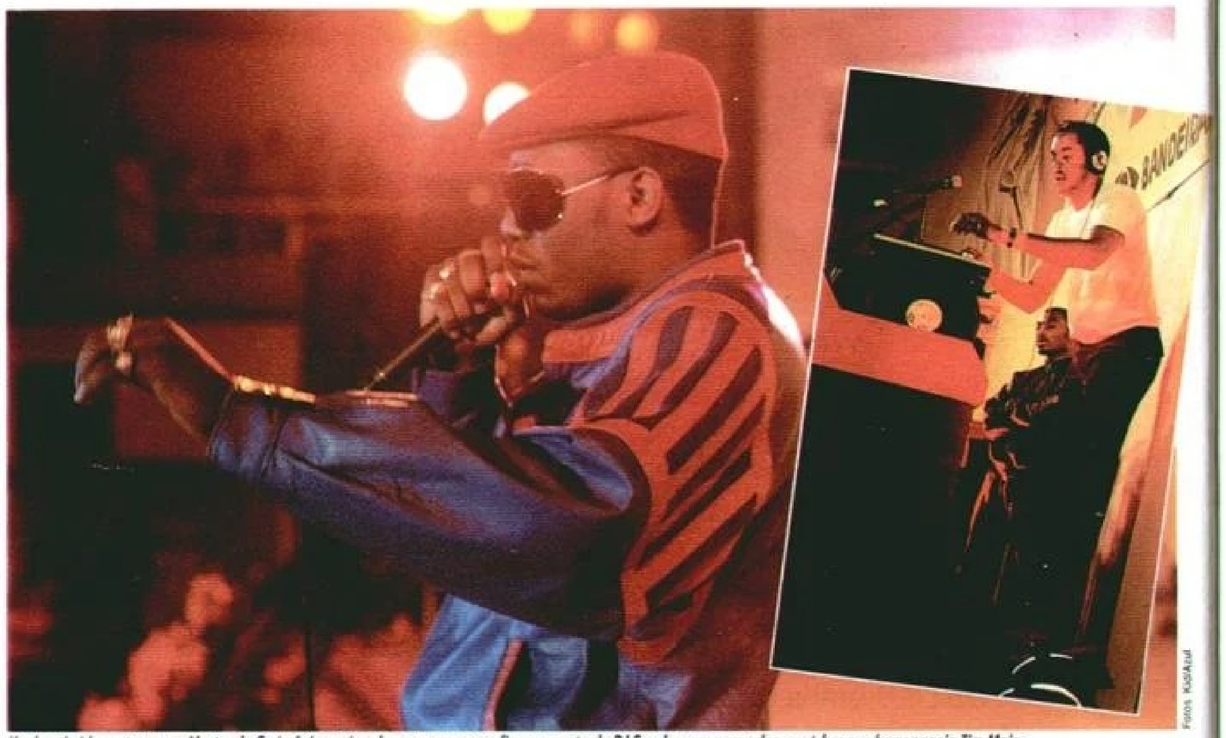
HISTERIA COLETIVA

O grupo **Def Leppard** entrou nos Estados Unidos como um vento encanado. A faixa **Animal** está entre as mais executadas nas FMs e o LP **Hysteria** virou histeria coletiva.

Conheça **Hysteria** do **Def Leppard** e deixe o resto por conta da adrenalina.

Em discos e fitas PolyGram

KOOL MOE DEE



Kool, o tímido, se torna um Mestre de Cerimônias animado mas a surpresa fica por conta do DJ Easylee, um mago dos scratches que homenageia Tim Maia

Fotos Kadu Azul

Hip hop hurrah!

S. E. Palmeiras (SP) 15 e 16/01/88

Kool Moe Dee, um ex-estudante de Comunicações, não imaginava o que lhe esperava — quando desembarcou em Cumbica, no dia 13 de janeiro, foi recebido pelas gangs dos breakers de São Paulo. Entre giros e contorsões, os garotos expressaram a satisfação de ter um sonho realizado: ver de perto um autêntico rapper diretamente saído das ruas de Nova York.

No primeiro dia, o público não chegava a lotar o salão de festas do Palmeiras. Depois de três horas de funk, soul e baladas, no baile que antecedeu a apresentação de Kool, surgiu no palco a figura do DJ Easylee — o braço direito e esquerdo do rapper —, que colocou no prato do toca-discos um beat pesado e mixou no outro toca-discos uma frase de metais. A platéia presenciava um espetáculo inédito — a arte de um mestre da mixagem, que, enquanto balançava o corpo, saíam dos toca-discos scratches e efeito cortantes. Arrepios percorriam a espinha da platéia: a performance de Easylee ia num crescendo — às vezes, ele manejava os dois aparelhos ao mesmo tempo —, esquentando a moçada para a entrada do mestre-de-cerimônias Kool Moe Dee.

Óculos escuros que ocupavam a metade do seu rosto e um tênis Nike que fez todos os breakers presentes babarem de inveja, Kool se revelou um MC bem diferente do tímido que esteve na entrevista coletiva. A imediata e entusiasmada receptividade de um público que ele nem sequer suspeitava que existisse deixou-o certamente surpreso. Em "Do You Know What Time It Is", "Rock Steady", "Go See the Doctor", a moçada acompanhava dançando, cantando e berrando as palavras de ordem do tipo "Say ho, say yeah!!!". Atrás de Kool, o DJ Easylee continuava sua destruição de agulhas magnéticas, muitas vezes chamando mais atenção do que a estrela da noite.

No show do dia seguinte a pauleira se repetiu. Easylee abriu o show com a mixagem de uma música que o público só identificou quando ele soltou uma frase inteira de Tim Maia cantando "Você Mentiu". O salão, no qual quase não havia espaço algum para respirar, pegou fogo com um Kool Moe Dee mais solto.

A primeira empreitada do Chic Show com o hip hop deixou duas certezas: uma que a verdadeira estrela dos shows foi o DJ Easylee. Outra, que poderiam continuar insistindo: agora com L.L. Cool J. Ou Mantronix. Ou ainda Grand Master Flash? Public Enemy? Que venha a nós o hip hop! *Scowa*

WHITESNAKE

Está vivo!

Meadowlands Arena (Nova Jersey) 31/01/88

Heavy Metal tem que ser tocado em estádio, evidentemente. A altura do som e o brilho das luzes destruiriam qualquer espaço menor do que uma arena para trinta mil pessoas. O Whitesnake na Meadowlands Arena é uma combinação perfeita, não só pelo espaço, mas também porque a região é fortemente metaleira. Pelo menos metade da audiência se vestia de couro com tachinhas, calça justa e botas pontudas, os cabelos pós-Farah Fawcett (deles e delas) flutuando no calor. Esses shows são tão enlouquecidos que até é proibido vender cerveja, numa tentativa baldada de manter os ânimos baixos.

David Coverdale tem uma belíssima voz, talvez a mais próxima do saudoso Robert Plant nesta quarta geração do estilo. E as músicas do Whitesnake são ainda tentativas de repetir o pique de "Whole Lotta Love". Bem, talvez não seja justo dizer isso de uma banda que vendeu 4 milhões de bolachas nos EUA. "Superstitious", por exemplo, é uma música original e poderosa, como também são "Still of the Night" e "Is This Love".

O show é um contínuo de som e entusiasmo pessoal do Whitesnake sempre rolando de um lado para o outro — bendita seja a eletrônica, que inventou as guitarras sem fio. Já quase nem lembro como era antes, com aqueles fios cruzando nas pernas e se embaraçando nas tachas.

Uma coisa que eu não entendo são as declarações de David Coverdale. Ele diz que Whitesnake é hard rock, não é heavy metal. Hard rock é outra história — qualquer pessoa na Meadowlands diria sem pestanejar que estava curtindo heavy metal. Depois, ele diz que não se interessa pelo lado estético do grupo: talvez seja por isso que quatro dos cinco componentes pintam o cabelo de loiro e fazem permanente. Finalmente, ele diz que quer rock de qualidade. Ouvindo os solos de Vandenberg e Campbell (guitarras) e Aldridge (bateria) a gente fica se perguntando a que raio de qualidade ele está se referindo.

Whitesnake é um baita espetáculo, cheio de pique, e o heavy metal continua bem vivo. Agora, o que Coverdale diz, deve ser porque ele é inglês: o humor britânico também continua vivo, sim senhor. *J. N.*

JOHN CALE

Frio na espinha

Bottom Line (Nova York) 10/01/88

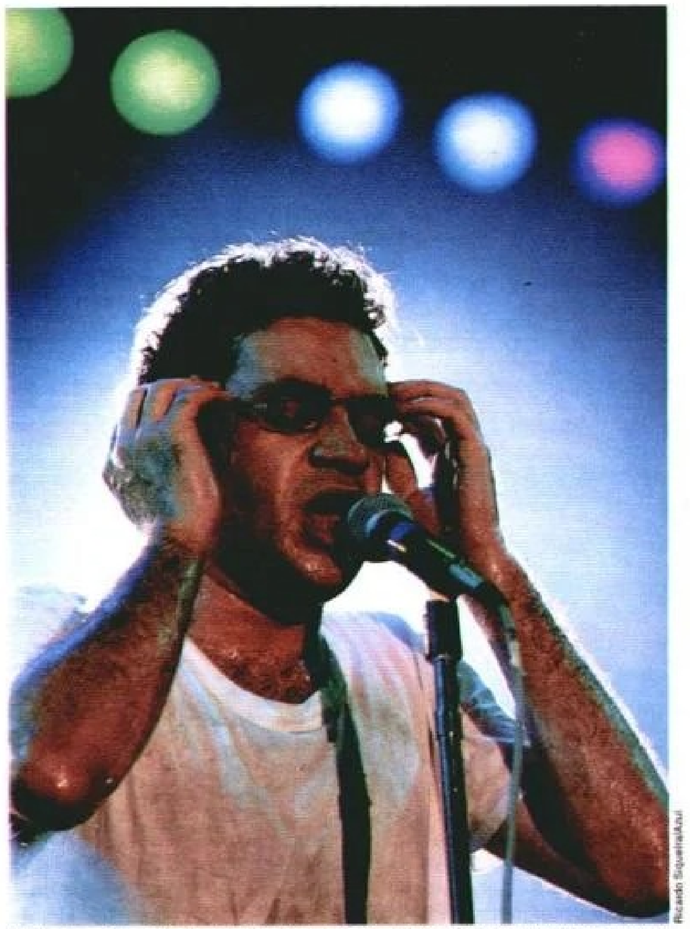
John Cale foi um dos fundadores do Velvet Underground, o grupo que nos anos 60 já anunciava a barra dos 70, enquanto todo mundo ainda estava no "paz e amor". Foi também o primeiro a sair, em 68 — Lou Reed saiu em 70, acabando com o legítimo Velvet. Desde então, Cale tem feito uma carreira solo que inclui 14 LPs, além de produzir álbuns e fazer música para filmes. E continua tocando em público, aparições discretas em lugares pequenos, para os fãs que não precisam de discos de ouro para manter os ouvidos abertos. É que a arte de Cale não é fácil: sua música tem um pique dramático e abissal, contrapondo com uma batida de rock que lhe dá leveza e festividade. A gente se diverte mas sente uma iminência de desastre, como se fosse a uma festa que acabasse mal. As letras são verdadeiros poemas, de construção complexa e angústia dilacerada. Enfim, nada para espíritos frágeis.

Cale, que é um músico de formação clássica, toca teclados maravilhosamente, e guitarra, que dá para o gasto. Ultimamente tem se apresentado com Chris Spedding, o que dá um novo pique à música — Spedding é sem dúvida um dos melhores guitarristas do Universo, que só não faz mais sucesso porque não compõe com o mesmo brilho com o qual toca. Mas Cale no piano e Spedding na guitarra é um time de fazer descer frio pela espinha.

Os espetáculos dos dois são sempre imprevistos — nunca se sabe se vai ser uma noite de apocalipse ou um show de perversidade musical. Pelo sim pelo não, as casas estão sempre lotadas, e desta vez a Bottom Line tinha fila na rua, pessoas querendo entrar e pedindo pelo amor de Deus para ficar de pé. O baixista e o baterista eram desconhecidos — pelo menos por mim — mas sabiam o que estavam fazendo. Dizem que Cale é exigente com os músicos, mas que eles consideram um privilégio aturá-lo. John Cale estava sério, a voz grave; sempre que ele levava o público para as profundezas, Chris Spedding puxava para cima com solos rápidos e brilhantes. Chris é intuitivo — está na cara que nunca ensaia mas, quando está no palco, é como se a guitarra fosse uma extensão dos nossos nervos.

Saí de lá com os sentidos completamente exaustos e com a cabeça a mil. Isso é o que eu chamo de uma experiência de rock'n'roll. O resto é apenas passatempo. *J.N.*

LEGIÃO URBANA



Ricardo Siqueira/Azul

Um Renato endiabrado fez da volta da Legião uma catarse coletiva. Até os seguranças se comoveram

O filho pródigo

Maracanãzinho (RJ)
24/01/88

Ainda bem que o show começou apenas com meia hora de atraso. A situação já estava ficando insustentável. Vários portões já tinham sido arrombados. Lotação esgotada dois dias antes da estréia. Os cambistas vendendo a mil e quinhentos cruzados os ingressos que custavam duzentos na bilheteria. Barbárie total e irreversível.

Como nos velhos tempos, a Legião pisou o palco do Maracanãzinho como se ainda tocasse num pequeno night club — esnobando qualquer artifício e abusando da simplicidade e eficiência. A impressão que dava, nas três primeiras músicas particularmente, é que eles não tinham noção do que estava acontecendo. Como se despertasse de um sonho — ou tivesse acabando de entrar nele —, Renato Russo explodiu toda sua carga emotiva numa atitude corporal que mereceu ser registrada.

Além da sua já conhecida dança ritualística, ele travou, durante a canção "Ainda É Cedo", um duelo com sua mão esquerda, semelhante àquela de *Uma Noite Alucinante*. Irrequieta e possuída, a mão tentava agarrar-se ao jovem relutante. Foi detida aos poucos pela mão direita que, por fim, fez uma alusão masturbatória. Levaria, com certeza, o "Molliére do Rock", se existisse tal prêmio. Depois do show, ao ouvir os comentários a respeito de sua inspirada interpretação, ele confidenciou-me que tinha feito tudo de improviso.

Talvez seja essa característica peculiar — querer chegar bem perto, lá no íntimo das emoções e sentimentos do público de maneira natural, aberta e sincera — que faz da Legião um grupo tão estimado. Afinal, somos tão jovens... Renato não poderia ter sido mais explícito quando se atirou ao chão e, rastejante, tentava alcançar os fãs com as mãos. Fez de tudo e muito mais. Jogou dinheiro — notas de 500 —, marchou, sambou, transformou seu corpo num pêndulo, lavou as mãos com sua própria saliva. Em seu discurso político-social, esbravejou contra a fraude do vestibular, os cambistas, "o surfista calhorda e assassino" e o serviço militar, convidando todos a caírem fora deste país. Foi mais longe ainda e fez da bandeira brasileira um tapete. Depois desse ímpeto, veio o arrependimento. Dedicou-lhe, então, a música seguinte: "Índios".

Dado, Renato Rocha e Bonfá desempenharam suas funções serenamente, aumentando o contraste com o intrépido vocalista. O público, famélico — já que a banda não se apresentava ao vivo há mais de um ano —, recebeu o que tanto aguardava: 23 canções memoráveis, incluindo a quilométrica "Faroeste Caboclo", músicas do recente LP *Que País É Este?* e outras mais antigas como "A Dança" e "O Reggae", numa retrospectiva mais que adequada para marcar essa triunfal volta aos palcos. Ao terminar, Renato Russo aconselhava os presentes a exigirem eleições diretas.

"Que Deus abençoe a todos", foram sua últimas palavras. Na platéia, uma cena curiosa se passava. Todo o discurso proferido por Russo acabou contagiando até os seguranças, que, num gesto humanitário, serviam água para os copos erguidos atrás das grades de proteção. Água benta... *Lorena Calabria*

PERE UBU

O pai da matéria

ICA (Londres)
31/01/88

Alfred Jarry inventou o teatro moderno, no fim do século XIX, com seus *Ubu Rei* e *Ubu Acorrentado*. O Père Ubu (Pai Ubu) e seu método "patafísico" de conhecimento do Universo prefiguraram, entre outras coisas, o dadaísmo, o surrealismo e a explosão da demência high-tech do hipercapitalismo. Depois de um século no mínimo patafísico, Père Ubu foi ressurgir — logo onde... — na América, a "Terra dos Bravos". Mais exatamente em Akron, Ohio (mesmo celeiro de Chrissie Hynde), cuja única reivindicação para um "hall of fame" planetário consiste na sua condição de capital mundial da borracha.

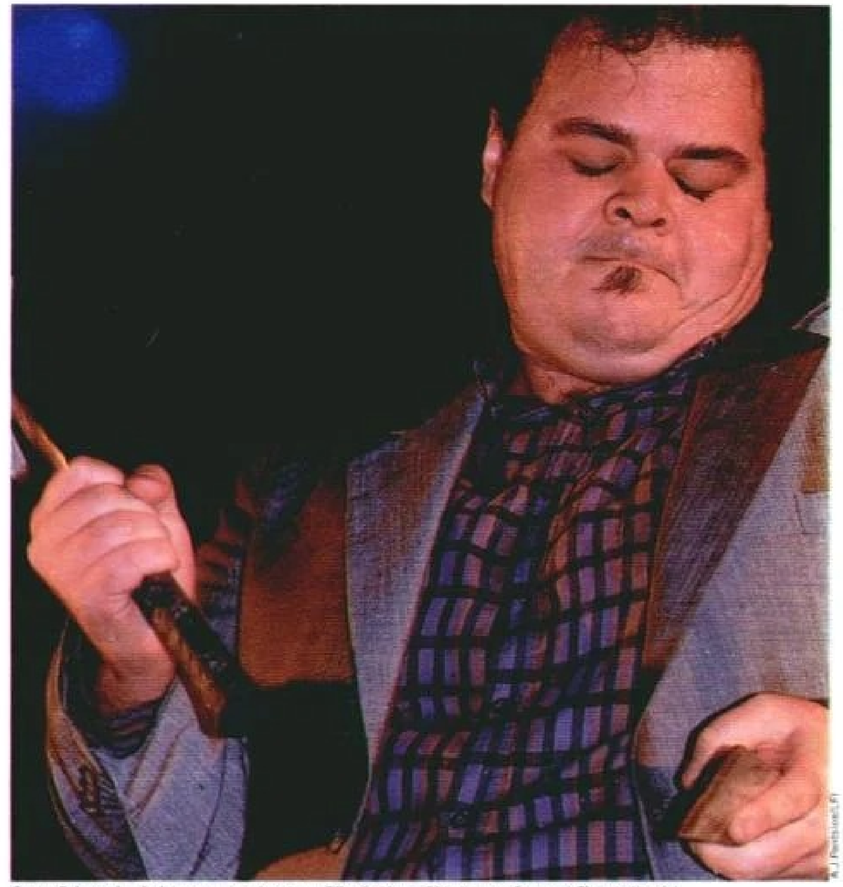
Ubu só poderia ressurgir como um fenômeno punk. Isso, em 77/78, não era exatamente "vanguarda". Era "underground" — uma garantia de transgressão que ainda existia naqueles tempos, absolutamente oposta à indústria do entretenimento.

Ouvi e vi Pere Ubu em sua versão *middle demential America* nessa época — em uma Londres fascinada pela energia pós-punk de uma nova invasão americana, onde os mais visíveis e incensados eram Talking Heads, Television e Blondie. David Thomas — também conhecido como Crocus Behemoth —, o vocalista e mestre de cerimônias patafísicas do Ubu, logo incorporou-se em todos os círculos de *vás* (ou *em*) guardas como uma figura de peso. Saiu o álbum *The Art of Walking* — logo cult, com suas cripto-implicações na teoria da evolução. "30 Seconds Over Tokyo" virou um hino tão pós-punk quanto "Marquee Moon" do Television — em um registro, claro, mais carregado de paranóia e exterminação.

O tempo passou, Pere Ubu dissolveu-se nas brumas de Akron, e seu fantasma virou — mesmo em hibernação — uma preferência seleta das ditas *vás* (ou *em*) guardas, ao lado de descontrutores típicos como Cabaret Voltaire, Nick Cave, Neubauten, Lydia Lunch, Psychic TV, Mark Smith do Fall — agora popíssimo; seu último single é um remake de "Victoria", dos Kinks —, Sonic Youth — e vamos em frente —, 23 Skidoo, Throbbing Gristle, Residents (com sua recuperação bate-estacas de Gershwin e James Brown), Coil, os incestuosos Foetus/Wiseblood...

Dez anos depois de um tempo mais ou menos heróico, o retorno de Pere Ubu poderia ser arquivado na habitual gaveta "se não fosse o Dada e o Velvet nada disso existiria", mas...

...Mas, o que tivemos em dois shows no "vanguardístico" ICA foi, pelo menos, boa e simples diversão. Crocus Behemoth — ou um holograma de si mesmo dez anos depois, olhar demencial, gordo como Moby Dick e movimentando seus pedaços de ferro percussivos — reuniu um bando de leviatãs em fúria, incluindo Allen Revenstine e Chris Cutler, o baterista do Henry Cow, para o mais terminal ataque de feedback-synth-punkadaria já registrado no "underground" (opa!) de Londres na era Thatcher. Duas noites de frenesi, pau na portaria, semióticos em transe, ativistas lésbicas e *social workers* militantes pedindo mais bombas em cima do pesadelo neo-monetarista. Pere Ubu/88 não negou nada, dos standards de "Dub Housing" e do quase-clássico "The Modern Dance" às favoritas de terroristas contra-culturais de todas as facções, como "Non-Alignment Pact", "Final Solution" e a magnífica "30 Seconds Over Tokyo". Tem um novo álbum na praça: *Tenement Years* (Phonogram. Exijam similar nacional). Pere Ubu, os patafísicos de Akron, ainda são capazes de fazer sentido no caos. "Merdre", com "r", como diria o Ubu primordial de Jarry. *Pepe Escobar*



R.J. Parchuski/L.F.

Crocus Behemoth, a baleia assassina, é mais um filho de Akron, Ohio (a outra famosa é Chrissie Hynde)

KID ABELHA & OS ABÓBORAS SELVAGENS

Ricardo Siqueira/Azul

Metamorfoses ambulantes de Paulinha: espanhola, de cachos negros e rosas vermelhas, e um detalhe (?!) do modelito sei-que-eu-sou-bonita-e-gostosa

Giclan/Azul

Garota materialista

Maracanãzinho (RJ)
23/01/88

Todo mundo sabe — ou pelo menos imagina — o que acontece durante uma apresentação do Kid Abelha: lotação máxima, platéia cantando todos os sucessos sem cessar, mãozinhas para cima etc. Para quem "coleciona" discos de ouro, isso não é mais novidade. Consciente de sua empatia popular, o grupo resolveu investir na produção dos seus shows, o que incluiu, além de um *mise-en-scéne* pomposo, o acréscimo de cinco músicos encarregados da percussão, teclados, baixo, trombone, trompete e backing vocal, sustentando o desempenho do quarteto. É a sofisticação do pop, em todos os sentidos.

A constante troca de figurinos, adereços e outros aparatos cênicos ilustraram apropriadamente cada música e aumentaram o brilho do espetáculo. E cumpriram outra função importante: fisgar pelo visual aqueles que não simpatizam com o "áudio" do grupo. *Meno male*. Vestida *a la* Carmen, ostentando uma peruca de cachos negros, Paula Toller entra em cena para cantar "Me Deixa Falar", seguindo com "Educação Sentimental 2" e "Alice, Não Escreva..." Atrás de um guarda-chuva, foi feita a primeira modificação no vestuário. Surgiu, então, a platinum blondie de bustiê e saiote — a comparação com Madonna foi inevitável. Principalmente porque a moça mesclou recato com ousadia, ganhando todas as atenções e domínio completo do palco. Em "Tomate", por exemplo, ela veste um sobretudo porque "papai mandou", mas não deixou de arriscar gestos eróticos, apontando mais de uma vez para a própria genitália!!! Só falta agora alguns pais proibirem suas filhas de assistir ao show da "abóbora selvagem"...

O grupo lembrou o frutífero ano de 83 com "Como Eu Quero" e "Nada Tanto Assim", esta ilustrada por dois relógios que giravam freneticamente. A próxima canção foi um funk (?), que ganhou corpo com os metais, mas esvaziou-se quando Paula dividiu os vocais rapeados com o saxofonista George Israel. Não funciona. Mas a minissaia com luzes pisca-pisca que Ms. Toller vestia devolveu o brilho à cena, culminando com a novelesca "Amanhã é 23". Pausa para a nova arrumação no palco, agilizada pela ansiedade da platéia aos gritos de "bota pra f*". O atual hit da banda — "No Meio da Rua" — mereceu um tratamento especial. Duas manequins, de macacão escuro, rosto coberto e gestual mecânico. Vitrine viva?! Tem mais: na frente do palco, um praticável com corrente de ar fortíssima, reproduzia um bueiro-ventilador — esvoaçando os muitos panos que formavam as vestes da vocalista. Marilyn Monroe?! Referências à parte, o resultado cinematográfico foi digno dos aplausos arrebatados.

"Quem Parte Leva Saudades..." introduzia "Por que Não Eu?", seguida de "Fixação" com cinco "Paulas" no palco. Não era ilusão de ótica nem jogo de espelhos, mas quatro moças com o mesmo vestido, óculos e lenço na cabeça dublando a legítima. Para o bis, uma cortina de serpentinas ao fundo e a presença de Léo Jaime para o dueto à procura da "Fórmula do Amor". A do sucesso já encontraram. *L.C.*

THE MAMAS & THE PAPAS

Giclan/Azul

Claire "Spanky" MacFarlane, a "novata" Mackenzie Philips, Scott McKenzie e o remanescente John Philips

Flores em você

150 Night Club (SP)
20/01/88

Já é corriqueiro o fato de, nos anos 80, reaparecerem grupos dos anos 50 e 60 sem alguns membros da formação original — às vezes sem nenhum, apenas mantendo o nome. O Mamas & the Papas não fugiu à regra e, embora seja um fetiche assisti-los, torna-se difícil saber até que ponto são válidos esses *comebacks*. Se o rock é, por via de regra, um fogo adolescente e uma atitude de rebeldia e paixão, talvez valha mais a pena guardar a imaculada concepção do passado do que vê-los na atualidade sem o brilho e o punch que os tornaram legendários.

O grupo, que acabou em 68 — para ser reformado em 71 e findar novamente em 72 —, voltou à ativa em 81 e hoje conta apenas com John Phillips. No lugar de Denny Doherty está Scott McKenzie (militante flower-power com o hit "San Francisco (Wear Flowers in Your Hair)") no de Michelle Phillips, Mackenzie Phillips (filha de John); e para ocupar a inocupável vaga de Mama Cass, Claire "Spanky" McFarlane (desbundada voz do Spanky & Our Gang). Contudo, nem as duas substitutas ou os esforços de John conseguiram dignificar o passado, pois embora os Mamas & the Papas tenham sido o lado *clean* do psicodelismo — na verdade, era folk-rock —, a imagem deixada foi muito marcante, uma inimitável tatuagem que os anos não permitem que seja (ra)refeita.

Contando com o tradicional bis, eles totalizaram uma hora e vinte minutos de espetáculo, apresentando dezessete canções acompanhadas por um quarteto (bateria, baixo, guitarra e teclados) discreto. Obviamente, desfilaram seus hits — com a ressalva feita às ausências das esperadas "Twist and Shout", "I Call Your Name" e "Dancing in the Street" — e sucessos individuais de Scott McKenzie ("San Francisco") e de Spanky ("Sunday Will Never Be the Same").

Houve momentos belos como na cálida paixão de "Dedicated to the One I Love", na malemolência da balada country de "Twelve-Thirty", num certo clima de cabaré recatado em "Words of Love" e nas invocações de Mama Cass em "Creeque Alley". Quanto à "San Francisco", a interpretação de McKenzie esteve aquém de seus lindos sonhos dourados de 67. Mas em "Califórnia Dreamin'", o grupo conseguiu sua anistia, já que estava em palco um de seus criadores, uma desbundada (Spanky) que antes ria de tudo, um ex-freak alucinado (Scott) e a filha de toda essa loucura, hoje transformada numa triste palidez, mas ainda capaz de arrepiar essa coisa que se chama lembrança. *F.N.*

Serviço ao Assinante

BIZZ

Você tem alguma dúvida sobre sua assinatura?

Utilize estes telefones:

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE

SÃO PAULO
Das 8:00 às 18:00 (ininterrupto)
Fone: (011) 823-9222
RIO DE JANEIRO
Das 8:00 às 18:00 (ininterrupto)
Fone: (021) 295-5544
RECIFE
Das 8:30 às 12:30 e das 14:00 às 18:00
Fone: (081) 224-0655
SALVADOR
Das 8:00 às 12:00 e das 14:00 às 18:00
Fone: (071) 247-1022
BELO HORIZONTE
Das 8:30 às 12:00 e das 13:30 às 18:00
Fone (031) 275-2255
PORTO ALEGRE
Das 8:30 às 12:00 e das 14:00 às 18:30
Fone: (0512) 33-9034
CURITIBA
Das 8:30 às 12:00 e das 14:00 às 18:30
Fone: (041) 263-3013
BRASÍLIA
Das 8:30 às 12:00 e das 13:30 às 18:00
Fone: (061) 226-6965
FLORIANÓPOLIS
Das 8:00 às 12:00 e das 14:00 às 18:00
Fone: (0482) 44-7980
GOIÂNIA
Das 9:00 às 11:00 e das 14:00 às 17:00
Fone: (062) 261-3311

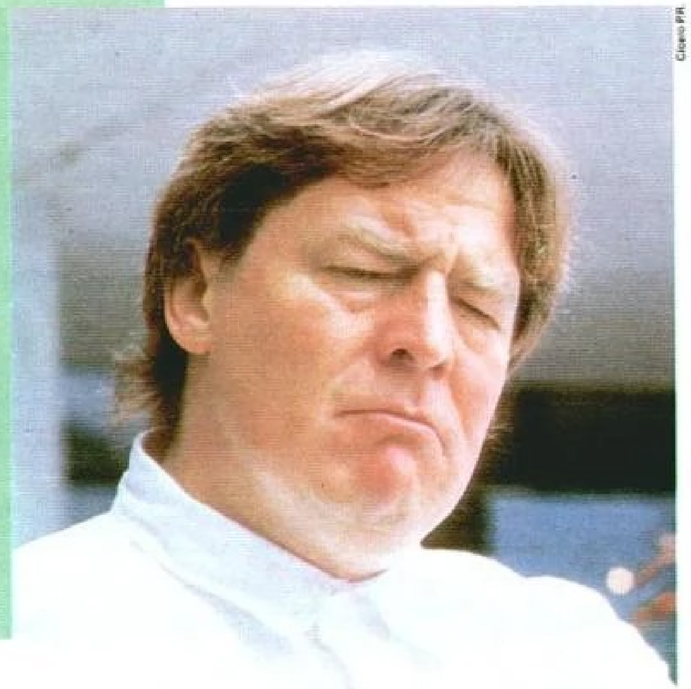
Você mudou de endereço?
Envie este cupom, comunicando seu novo domicílio, para
EDITORA ABRIL-ASSINATURAS
Caixa Postal 11.830, CEP 01139, São Paulo, SP.

COLE AQUI SUA ETIQUETA DE ENDEREÇAMENTO ANTERIOR.

Atenção: Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 3 semanas após recebermos o seu pedido.

Não preencha este espaço.
Entrega ☐ Roteiro ☐
Novo endereço _____ CEP _____
Bairro _____
Cidade _____ Estado _____

DIV



Cicero PR

Birdy — Asas da Liberdade: *"É melhor trabalhar com jovens" — especialmente quando eles se chamam Nicolas Cage e Mattew Modine*

ALAN PARKER

UM GENTLEMAN EM HOLLYWOOD

***Ele já passeou pelo musical* (Fama e The Wall), *pelo drama psicológico* (Birdy — Asas da Liberdade), *pela paródia* (Bugsy Malone) *com inegável competência. Sua investida no suspense não foi menos bem sucedida* — Coração Satânico, *seu filme mais recente foi um sucesso de crítica e ficou em terceiro lugar na votação dos leitores. Fala o "mestre da imagem", segundo* Marcel Plasse...**

Columbia

BIZZ — *Seu filme* Coração Satânico (Angel Heart) *foi um grande sucesso no Brasil. O que você está fazendo agora?*

Parker — Estou fazendo um filme nos EUA chamado *Mississippi Burning*, com Gene Hackman. Vou levar três meses para filmá-lo, a um custo que é o dobro do de *Coração Satânico:* 15 milhões de dólares. É a história de três garotos que foram assassinados no Mississippi em 1964. Envolve ativistas dos direitos civis e tem o FBI no caso.

BIZZ — *É uma história real?*

Parker — *Humm...* Originalmente, sim. Mas eu a tornei ficção *(risos)*.

BIZZ — *Seu diretor de fotografia em* Coração Satânico, *Michael Sarasin, está fazendo um filme com Mickey Rourke chamado* Homeboy...

Parker — *Yeah!* Ele agora está dirigindo Mickey Rourke em *Homeboy*. É sua estréia na direção. Eu acredito que o filme vai ficar muito bom. Michael pode vir a ser um grande diretor. Se *Homeboy* for um grande sucesso ele nunca mais fará fotografia — já não conto com ele no meu novo filme. Mesmo assim, com ou sem sucesso, Michael é meu amigo e espero poder fazer mais filmes com ele.

BIZZ — *Mickey Rourke deu realmente muito trabalho durante as filmagens de* Coração Satânico?

Parker — *Yeah (risos)!* Muito trabalho! Toda noite ele ia a *nightclubs*. Às quatro da manhã ainda estava de pé! Assim, quando começávamos a filmar, às oito, tudo atrasava porque Mickey estava dormindo. Ele estava sempre dormindo *(risos)!*

BIZZ — *Você trabalhou em praticamente todos os estilos de cinema. Sua carreira não é linear, não aponta para uma única direção. Isso é intencional ou aconteceu apenas porque você é um diretor que gosta de fazer filmes, não importa de que tipo?*

Parker — O que fiz foi não repetir o mesmo filme até perder a conta. Quatro ou mais dos meus filmes ainda estão em cartaz em vários lugares do mundo. *Expresso da Meia-Noite (Midnight Express)* está em cartaz na França há sete anos! *Asas da Liberdade (Birdy)*, há quatro anos... Continuamente meus filmes são apresentados. Quer dizer, o que faço agrada a audiência. E são espécies diferentes de filmes! Eu poderia fazer dez versões do mesmo filme, mas escolhi agir de outra maneira. Eu filmo todas as coisas que me interessam. Eu comecei a fazer filmes com 24 anos de idade e agora tenho 43. Em 20 anos, as coisas que me interessavam mudaram. Então, é ridículo trabalhar sempre sobre o mesmo assunto! Os franceses inventaram essa fórmula de repetir eternamente o mesmo filme. Mas os franceses são errados em tudo — em História, inclusive *(risos)!*

BIZZ — *Sobre* Asas da Liberdade: *você conseguiu um desempenho notável de Matthew Modine e Nicolas Cage — a partir desse filme, suas carreiras deslancharam... É melhor trabalhar com jovens?*

Parker — Sim, por causa de sua audácia. Jovens dão tudo o que você quer. Matthew é bastante aberto a performances. E Nicolas é abençoado. Eu, por minha vez, não tenho concepções fechadas de como um ator deve se comportar: "Faça desse jeito, faça de outro jeito"... Não! Eu prefiro que os atores me digam o que acham que funciona e o que querem da cena para tentarmos filmar. Por isso é tão bom trabalhar com jovens.

BIZZ — *Você também fez um rock film:* The Wall...

Parker — *The Wall* surgiu das letras de Roger Waters do Pink Floyd. Não é um dos meus trabalhos favoritos, especialmente pela tensão que suportei ao fazê-lo. Roger chega mesmo a detestá-lo — acredito que pelo fato de o filme não ser seu *(pausa)*. Mas eu acho que, de qualquer forma, me saí melhor do que Ken Russell, nesse mesmo terreno, em *Tommy*.

BIZZ — *E qual é o filme favorito de sua carreira?*

Parker — Eu fiz sete filmes. Meu favorito se chama *Shoot The Moon (A Chama que Não se Apaga)*, estrelado por Diane Keaton, que não foi um grande sucesso no Brasil. Foi o filme mais pessoal de todos os que fiz.

BIZZ — *Você começou fazendo publicidade, assim como Ridley Scott e Adrian Lyne. O que você acha dos publicitários no cinema?*

Parker — O ponto não é bem esse. Nós podemos fazer filmes como todo o mundo! Propaganda foi só um jeito de começar. Hoje você já tem a possibilidade de começar com videoclips, essas coisas. Mas na época não havia nada além de propaganda. Tínhamos a câmera, o filme, o dinheiro e o emprego que nos possibilitava dizer "ação"! Pessoas nos pagavam para inventar uma grande cena. Então, começamos: Eu, Ridley (de *Alien* e *Blade Runner*), Adrian Lyne (*9 e 1/2 Semanas de Amor* e *Flashdance*), Tony Scott (*Fome de Viver* e *Ases Indomáveis*). Hugh Hughes... uma geração inteira de cineastas britânicos começou assim. Os dois maiores sucessos na América em 1987 foram feitos por diretores que começaram fazendo comerciais na Inglaterra: Adrian Lyne fez *Atração Fatal (Fatal Attraction)* e Tony Scott fez *Um Tira da Pesada 2 (Beverly Hills Cop 2)*... Os comerciais, por certo, nos ensinaram como escolher imagens. Mas isso não é nenhuma política dos publicitários no cinema; é uma questão de ponto de vista. E em Hollywood é o que mais conta.

BIZZ — *De qualquer forma, em seus filmes, a marca registrada são imagens muito bem aproveitadas. Poderia dizer que, assim como Hitchcock era o mestre do suspense, você é praticamente o mestre da imagem...*

Parker — *Yeah!* Você está certo *(risos)!* Pra mim, o mais simples detalhe é importante. E detalhes fazem um filme, *you know*. O que os atores devem vestir, a hora certa para aproveitar a luz natural — cada pequeno detalhe tem a responsabilidade de diferenciar entre um bom e um mau filme. E são escolhas que eu, como diretor, tenho que fazer. Um descuido e adeus filme!

BIZZ — *O que você achou da fotografia de* O Último Imperador, *de Bertolucci?*

Parker — É a melhor fotografia que eu já vi num filme. Brilhante! Eu olho para ele e penso que se trata de um filme que eu gostaria de ter feito. Quer dizer, eu odeio os filmes de todos os demais diretores, mas *O Último Imperador* é bom demais!

BIZZ — *De que outros filmes você gosta?*

Parker — Nenhum outro. Eu não me divirto muito com filmes de outras pessoas.

BIZZ — *O que você vê para se divertir, então?*

Parker — Futebol! Nós, britânicos, amamos futebol. Inventamos esse esporte! Nós temos quatro seleções na Grã-Bretanha, mas a seleção que de um modo geral amamos é a do Brasil. Não importa se ela perde, porque mesmo perdendo o Brasil dá um show!

BIZZ — *Você agora está morando*

O sofrimento carcerário de Brad Davis em O Expresso da Meia-Noite *(ao lado) e a coreografia de parar o trânsito de* Fama *(abaixo) estão entre os sucessos de Alan Parker. Seu trabalho preferido, porém, é o pouco conhecido* A Chama que Não se Apaga *com Albert Finney (abaixo, à esquerda)*

nos Estados Unidos, não?

Parker — *Yeah*. Desde o início de 1987.

BIZZ — *E, sendo um inglês morando nos Estados Unidos, como você vê o cinema americano?*

Parker — Eu odeio o cinema americano! Eu odeio os americanos! Eu me vejo como um subversivo total. Estou em Hollywood, mas se pudesse, a explodiria. Não sou parte da turma de Hollywood, embora de uma certa forma seja: preciso do seu dinheiro. Entretanto, desprezo seus valores e sinto orgulho disso! Você não pode ignorar quão poderoso é o sistema americano! Sem ele, porém, eu não existiria.

BIZZ — *Você não acha que há bons diretores americanos filmando fora dos arreios de Hollywood, como Scorsese, Coppola, Jonathan Demme...?*

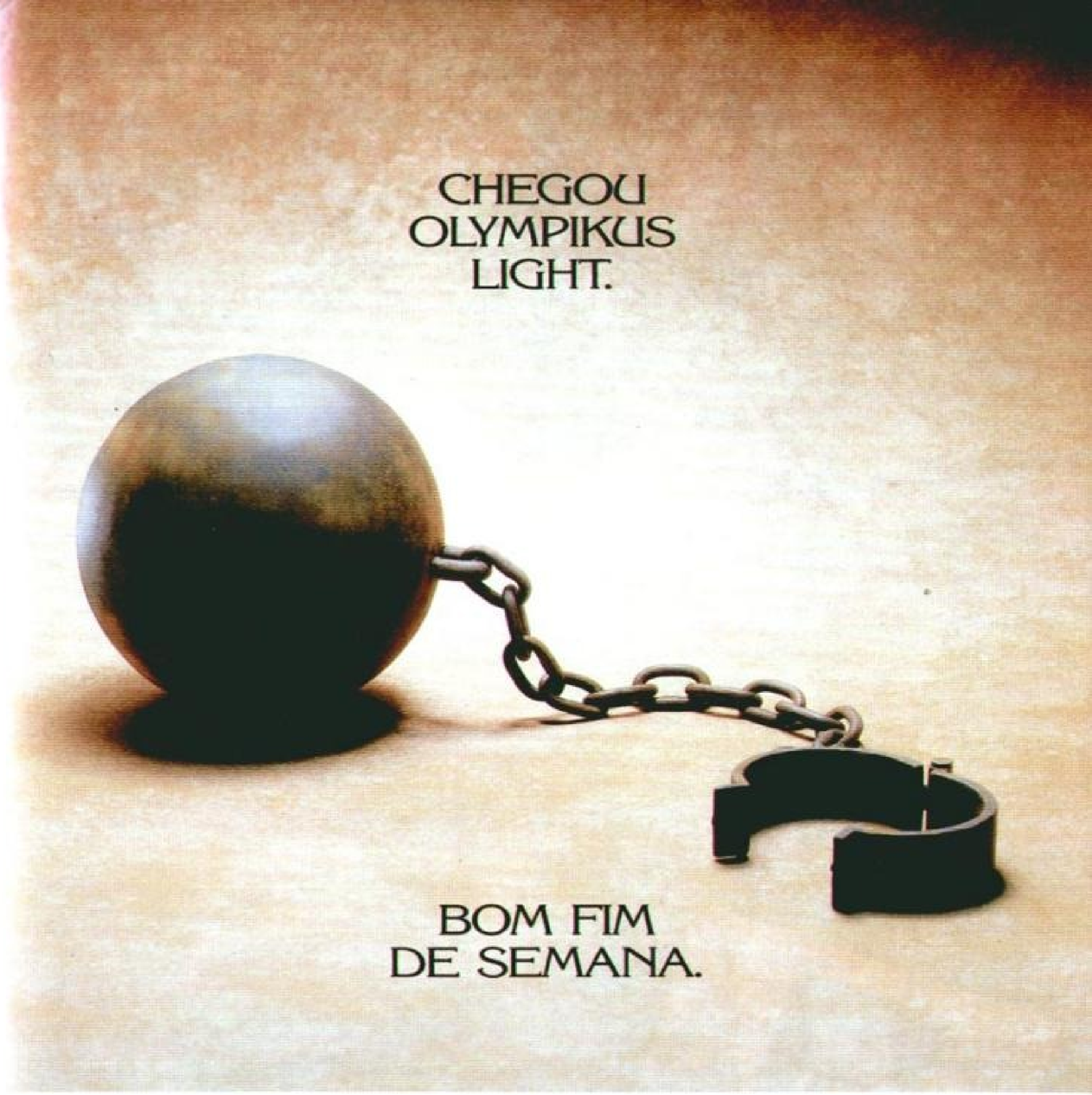
Parker — Eles tentam, mas ainda fazem parte do mesmo sistema. Eles fingem ser diferentes, mas todos precisam de dinheiro. Eu, particularmente, adoro os filmes de Scorsese. Apenas é impossível filmar sem o dinheiro das grandes produtoras. Claro que isso é péssimo, mas não impede um filme de ser bom pelos méritos de seu diretor. E, além disso, o sistema mundial de distribuição de filmes é controlado por empresas americanas. Os brasileiros nem sequer conheceriam o trabalho desses diretores se eles não fossem lançados em seu país.

BIZZ — *Existe uma série de diretores estrangeiros em Hollywood. Até mesmo Hector Babenco, que conseguiu um Oscar para seu filme* O Beijo da Mulher Aranha. *Da mesma forma, estão lá o australiano George Miller* (As Bruxas de Eastwick) *e o holandês Paul Verhoeven* (Robocop). *O caminho do cinema mundial passa por Hollywood?*

Parker — *Oh, yeah!* Não é nada estranho que os dois maiores filmes do ano na América tenham sido realizados por diretores britânicos — Adrian Lyne e Tony Scott. Há quinze diretores britânicos trabalhando, hoje, em Hollywood. O que é surpreendente é o fato de as pessoas, de repente, se darem conta do que *sempre* aconteceu. Desde a época de Charles Chaplin os ingleses estão em Hollywood! Não é uma coisa nova. Quando Hitchcock fez seus filmes na América, havia mais vinte diretores ingleses trabalhando por lá. Ele era o único visível porque era o mais famoso. E é o que acontece agora. Os maiores diretores ingleses estão morando nos Estados Unidos por causa do poder de seu sistema. Nós decidimos estar no topo do mundo e é só.

BIZZ — *O que você acha do cinema que está sendo feito agora na Inglaterra?*

Parker — É uma coisa estranha, porque o que acontece é que o resto do mundo pensa ter descoberto o cinema britânico, e o que há são os filmes da televisão britânica. E são feitos há anos. Subitamente, eles tiveram promoção — Cannes, FestRio. Sem dúvida, nós temos a melhor televisão do mundo, muito melhor que a brasileira, americana, francesa... Só que nunca a havíamos promovido. E agora há pessoas promovendo-a e vendendo-a. Mas isso não é o renascimento de uma indústria cinematográfica. Stephen Frears está fazendo filmes há vinte anos! *My Beautiful Laundrette* (que ganhou o IV FestRio) é a pior coisa que ele já fez na vida! Ele tem um trabalho anterior maravilhoso (no Brasil, o filme *The Hit* está disponível em vídeo), mas ninguém conhece. Talvez agora, com toda essa promoção...



Olympikus Light é confortável e durável como todo tênis Olympikus.

Mas é mais leve e mais macio do que qualquer tênis que você já experimentou.

Ele foi criado e testado no Centro de Pesquisas Olympikus pra ser o tênis ideal para os seus momentos de lazer.

Ele é tão leve e tão confortável que você nem sente que está usando.

Escolha uma das cores de Olympikus Light. Ou fique com todas.

Com Olympikus Light, todo dia fica gostoso como um fim de semana.

OLYMPIKUS®
Um show de tecnologia.

O Disco do Ano virou Disco de Ouro!

– Em apenas 48 horas, o álbum *Nothing Like The Sun*, a obra-prima de Sting, ultrapassou a barreira das 100.000 cópias vendidas no Brasil. Os brasileiros entenderam que *Nothing Like The Sun* é, disparado, o melhor lançamento de 1987 em se tratando de pop internacional. Por isso fizeram o *Disco do Ano* virar *Disco de Ouro*. Comprovando que sem o respaldo do público a arte se faz inútil, Sting volta para casa com o maior de todos os certificados de qualidade: o reconhecimento incontestável dos brasileiros.

Nothing Like The Sun venceu porque é um disco digno, honesto, emocional.

Mais: nasceu num berço de gênios como Mark Knopfler, Eric Clapton, Gil Evans, Andy Summers e outros, que se reuniram (sob a orientação segura do produtor Neil Dorfsman – leia-se Dire Straits) com um único objetivo: música. E de música o brasileiro entende. Quando gosta, consagra. A consagração de *Nothing Like The Sun* está aí, às claras, simbolizada pelo *Disco de Ouro*, que a Polygram do Brasil entregou a Sting, com muita honra, orgulho e satisfação.

Prêmio Grammy 88
Prêmio Bizz - Melhores de 87

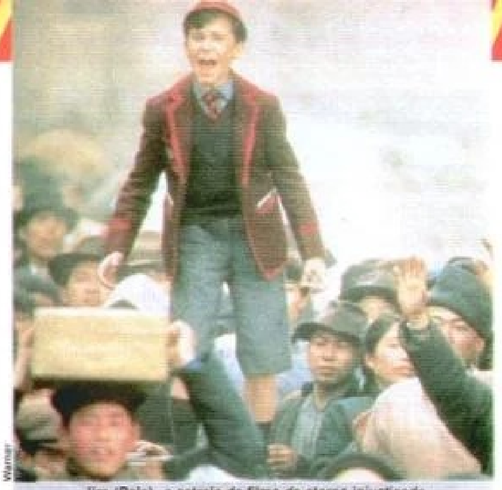
Em discos e fitas de cromo
PolyGram

Foto: Lívio Campos

O IMPÉRIO DO SOL

A obsessão de Steven Spielberg pela infância — a perda da inocência, a capacidade de sobreviver aos piores embates do destino, o poder salvador da imaginação — é um aspecto de seu trabalho comunente ironizado por seus detratores como um gancho de bilheteria banal. Com *O Império do Sol*, Spielberg prova de uma vez por todas que seu cinema ocupado com crianças vem de outra linhagem, em que estão, por exemplo, Chaplin e Truffaut — a criança é o pai do homem, um signo eloqüente de algumas das melhores qualidades da espécie humana, é o que Spielberg quer dizer.

Adaptando para a tela, com o máximo cuidado, o romance homônimo e semi-autobiográfico de H.G. Ballard, Spielberg optou por fechar seu foco exclusivamente na visão de seu jovem protagonista, o Jim Graham, de 11 anos, magnificamente interpretado por Christian Bale. Ver o absurdo da guerra — no caso, a ocupação da Ásia pelo Exército Imperial Japonês, durante a Segunda Guerra Mundial — através de seus olhos é entender tanto o intrínseco horror dessa antiga prática humana quanto os inesgotáveis recursos de redenção da mente.


Warner
Jim (Bale), a estrela do filme do eterno injustiçado

Desprovido de casa, comida, família, afeto, arrancando sua sobrevivência das piores circunstâncias, Jim continua sonhando com aviões — e, num momento inesquecível do filme, enquanto seu campo de prisioneiros é bombardeado pela aviação americana, ele corre para saudar aviões e pilotos, não pelo efeito guerreiro em si, mas pela pura mágica do vôo. *Ana Maria Bahiana*

OS BASTIDORES DA NOTÍCIA

Fox
Será que o apresentador charmoso e mau-caráter vai render a William Hurt seu segundo Oscar?

Chamar de relação amor-e-ódio o estado de coisas entre cinema e televisão é simplificar muito a situação. "Vampirismo criativo" talvez fosse uma expressão mais exata, embora um tanto esotérica. Na verdade e em resumo, da parte do cinema, a TV é tanto um grande abacaxi, uma pedra no sapato, um mal digerido oponente, quanto uma inesgotável fonte de inspiração. Não exatamente para filmes épicos e elogiosos, mas...

A mais recente incursão no assunto TV-como-antro-do-mal tem a assinatura de quem conhece o tema por dentro: o diretor e roteirista James Brooks, que, antes da telona, trabalhou muitos anos em televisão, tanto em jornalismo quanto em programas, tendo criado e escrito a série *Mary Tyler Moore* (que se passava, aliás, numa emissora fictícia) e, ainda hoje, assinando um programa humorístico premiado, *The Tracey Ullman Show*. O fato de conhecer intimamente o assunto, contudo, só faz dar mais embasamento às ácidas (e hilárias) críticas que Brooks faz à TV em geral — e ao telejornalismo em particular — em *Broadcast News*. A propósito de contar mais um triângulo amoroso — entre o bom repórter mas tímido amante vivido por Albert Brooks, a competente mas angustiada produtora de Holly Hunter e o sedutor mas canalha apresentador de William Hurt —, Brooks investiga as muito finas fronteiras que, na TV, separam fato de ficção, informação de espetáculo, jornalismo de jogo de aparências. As conclusões não são muito animadoras — mas, pelo menos no filme, rise muito. Já na vida real...

A.M.B.

THE RUNNING MAN

Numa primeira vista d'olhos, a tropa de choque de Hollywood é composta por exatamente o mesmo tipo de peso pesado: uma galera musculosa com cérebro de minhoca que destrói metade do globo terrestre ao menor sinal de pânico/perigo/nervosismo. Musculatura hercúlea e cérebro de invertebrado à parte, os machões do cinema têm lá suas sutis diferenças.

Sylvester Stallone, o indiscutível campeão de bilheteria, é o ator inteiramente espesso, querendo arrombar o mundo de qualquer maneira pra entrar — por *mundo* entenda-se desde o Vietnam de *Rambo* até a comunidade de caminhoneiros de *Falcão — O Campeão dos Campeões*. Chuck Norris, um tantinho mais refinado, seria o patriota incurável — um tipo incrivelmente comum na América real, acreditem se quiserem —, disposto a distribuir bazucadas e facadas ao menor sinal de ultraje às estrelas e listras. Já Arnold Schwarzennegger — que nem americano é — tem sua própria categoria: ele funciona melhor nos esquemas futuristas, fantasiosos, porque tem o olhar vago e ligeiramente maníaco, não dos idiotas profissionais, mas das inteligências artificiais. Robôs, em suma (não é à toa que seu melhor e mais bem-sucedido filme foi *O Exterminador do Futuro*).

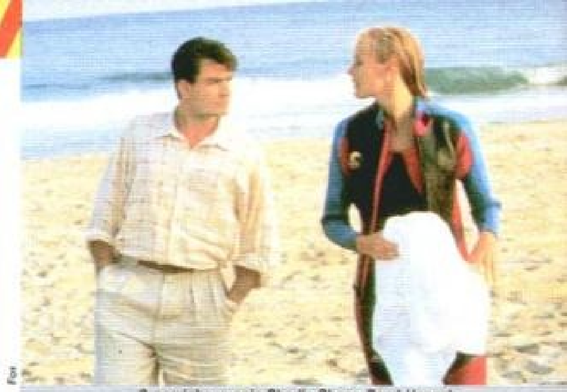
Sipa Press/Keystone

Schwarzenegger, o brutamontes esperto e bem-humorado em mais uma sessão de violência

Em *The Running Man*, ele repete a dose, vivendo não um robô, mas um superoficial do futuro envolvido num crime que não cometeu, e tendo que lutar pela liberdade (e pela vida), ao vivo e a cores num programa de TV supercampeão de audiência (ecos de outro filme futurista, *Rollerball*). Cabeças voando, explosões, sangue aos esguichos não faltam — quem gosta de força bruta pode regozijar-se. Quem não gosta faz bem em passar ao largo — ou quem sabe arriscar-se a experimentar a outra característica do semi-robô Schwarzennegger: seu macabro senso de humor. *A.M.B.*

WALL STREET

Diante das mutretas e armações ilimitadas que empesteiam o Brasil, as falcatruas perpetradas em *Wall Street* parecem brincadeiras de criança. A única vantagem que tem em relação à bandidagem de colarinho branco brasileira é o montante da grana embolsada na picaretagem, sempre na casa dos milhões de dólares. Mas, para o público médio norte-americano, *Wall Street* causou dois tipos de reação: os que entenderam o jargão complicado, que às vezes transforma o mais simples diálogo de personagens num dialeto incompreensível, ficaram pasmos e enojados, mais ainda pelo fato de que no mês inicial de estréia do filme rolava na Justiça um caso bastante semelhante ao do roteiro — figurão das altas esferas econômicas se enriquece ilicitamente usando informações internas para se beneficiar em milionárias investidas no mercado de capitais. Quem não entendeu as artimanhas do supertubarão Gordon Gekko (Michael Douglas) e seu pupilo "Avião de Bolsa de Valores", Bud Fox (Charlie Sheen), só não boiou totalmente porque conseguiu pescar quem eram os vilões e quem precisava ir para a cadeia.


Fox

O parzinho yuppie Charlie Sheen-Daryl Hannah

Não chega a surpreender, portanto, o fato de *Wall Street* ter sido um sucesso maior entre a crítica, garantindo a Michael Douglas um Golden Globe Award de melhor ator (o prêmio é dado pela associação de correspondentes estrangeiros de Los Angeles) e uma boa chance de repetir o feito durante a entrega do Oscar. Não poderia ter sido diferente: de todos os papéis já entregues ao filho de Kirk "Por Onde Andará?" Douglas, o de Gekko caiu feito luva. Michael está rigorosamente inescrupuloso, detestável, corrupto, ao mesmo tempo em que seu poder seduz e causa inveja. Ele provoca sentimentos confusos de asco e admiração, ódio e fascínio, num desempenho brilhante.

Sheen, como um corretor ambicioso mas de pouca capacitação, se agrega a Gekko para dele emprestar um pouco do toque de Midas, sem se importar com a legitimidade de determinadas operações. Fox e Gekko trabalham juntos até que a corda arrebenta para o lado do mais fraco e Bud se volta contra seu virtual criador. Poucas vezes uma dupla de atores teve química tão perfeita. Poucas vezes bem e mal se misturam tanto. *J.E.R.*

O ÚLTIMO IMPERADOR

Columbia

Bertolucci se baseou muito nos relatos do tutor inglês de Pu Yi (Peter O'Toole no filme)

O Último Imperador, de Bernardo Bertolucci *(1900, O Último Tango em Paris)*, é um colírio para os olhos. O filme retrata a vida solitária de Pu Yi, o último imperador da China, que morreu em 1967, em plena Revolução Cultural, como simples jardineiro. O que difere *O Último Imperador* de outras obras do gênero é a poesia impregnada em cada imagem. O belo trabalho de fotografia do premiadíssimo Vitorio Storaro salpica um olhar terno sobre cada fotograma.

Ao contar a trajetória de Pu Yi — uma espécie de anti-herói, semelhante a outros personagens que habitam os filmes do diretor italiano, sempre em busca de uma identidade própria —, Bertolucci deixou que a criação cinematográfica ganhasse espaço na maneira de apresentar os fatos, misturando-se à história sem a obrigação de acompanhá-la em suas minúcias.

A história da ascensão e queda de Pu Yi (magnificamente interpretado por John Lone, *O Ano do Dragão*) comove pelas singularidades de sua formação — ele passou dezesseis anos de sua vida na Cidade Proibida, sem qualquer contato com o mundo exterior — e pela sua transformação em uma das maiores vítimas deste século.

É somente nos últimos anos de sua vida que o ex-imperador aprende a caminhar sobre suas próprias pernas, assumindo plenamente o controle de sua vida e abandonando a doentia obsessão pelo poder — idéia acalentada desde a infância e incentivada pelos conservadores da dinastia Ching. Além dos fatos históricos deste bonito filme inspirado em várias publicações, em particular a de Sir Reginald Johnston, o tutor do jovem imperador (impecavelmente interpretado por Peter O'Toole), Bertolucci ilustra de uma maneira densa a solidão do poder e o poder da solidão.

Eliana Thomé de Souza

VEM AÍ
OS QUATRO COIOTES
CBS

FEITIÇO DA LUA

Nicholas Cage e Cher, "a bruxinha que era boa": o casal do ano que seduziu a Academia

"Guarda la bella luna", exclama o homem muito idoso, capote ao vento no frio da beira do rio, bengala erguida na noite clara — como em instantânea resposta, sua meia dúzia de cachorros vira-latas começa a uivar para o gigantesco disco de prata que flutua sobre a cidade. Fellini? Itália? Nada disso: essa é uma das mais belas cenas de *Feitiço da Lua*, filme do veterano canadense Norman Jewison (*Rollerball*, entre outros), passado inteiramente no espaço de uma lua cheia suspensa sobre os arranha-céus de Nova York — e seus efeitos sobre um grupo de pessoas da comunidade ítalo-americana do Brooklyn.

Cher — excelente no papel, realmente merecedora do troféu Golden Globe — é a caçula de uma família tradicional da classe média ítalo-nova-iorquina, uma viúva precoce aos 37 anos, que decide consertar a vida casando-se com um amigo da família, o seguro, confiável, chato e careta Mr. Johnny, interpretado por Danny Aiello. Mas acaba, por sortilégios da paixão e de "la bella luna", empurrada para os braços do passional irmão de Johnny, o padeiro e operamaníaco Ronny (Nicolas Cage). Enquanto o gordo disco de prata balança sobre Manhattan, toda a família enlouquece, com flertes e paixões vindo à tona nas mais inesperadas pessoas. Conduzido com carinho e sensibilidade pelo taco experiente de Jewison, *Feitiço da Lua* é um filme delicioso, com uma história simples e bem contada, e um elenco de primeira categoria — em que, além de Cher e Cage, brilha o talento veterano de Olimpia Dukakis — também Golden Globe — como a escolada, descrente, mas nem por isso menos passional mãe de Loretta, a fogosa viuvinha atingida pela Lua.

A.M.B.

VIDA NOVA NAS ACADEMIAS

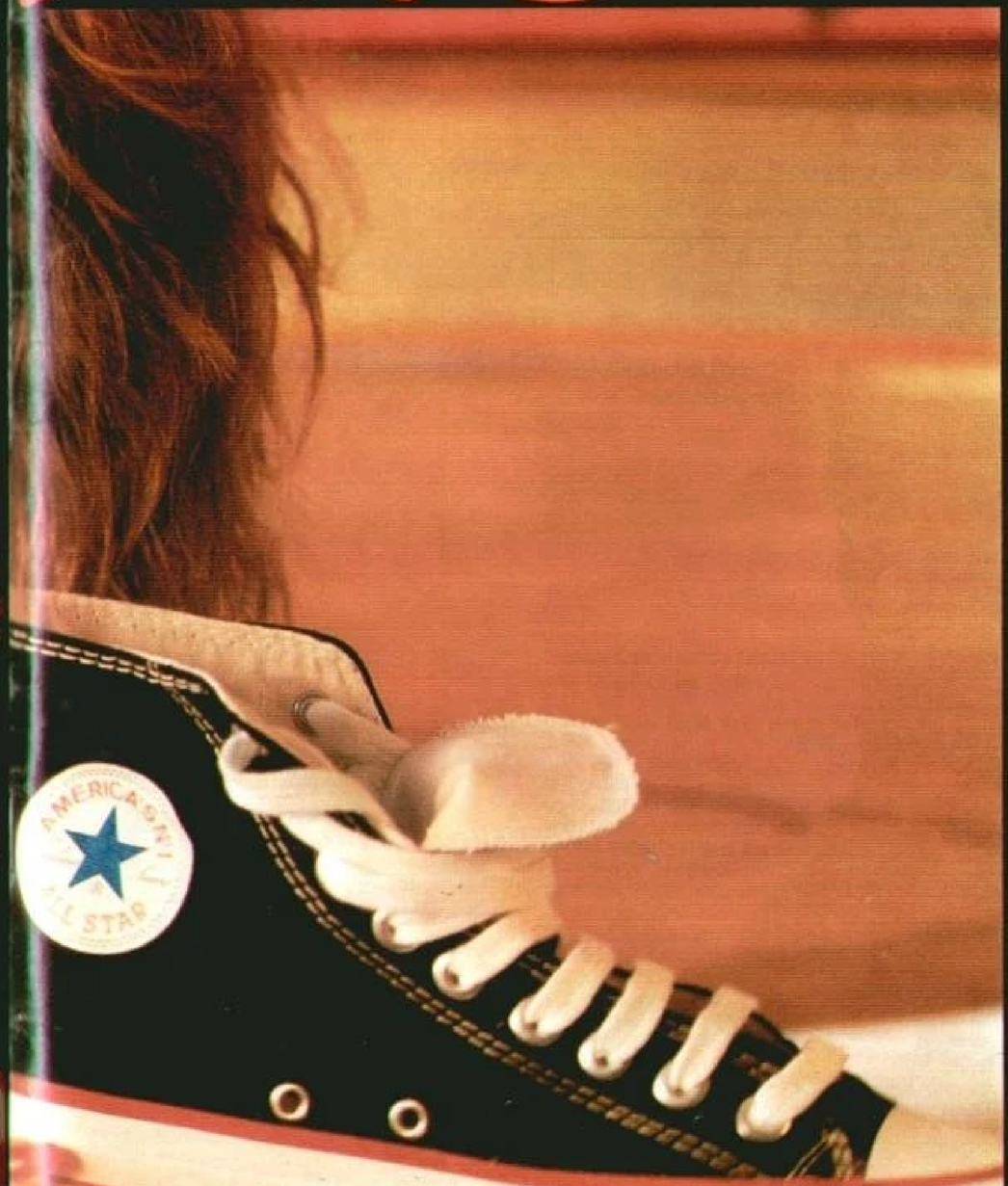
Um programa completo pra você voltar ao pique total e as novidades das academias para 88.

E MUITO MAIS

- ***Gente em Boa Forma***
  Elba Ramalho dá uma aula de alongamento e conta os segredos de toda a sua energia.
- ***10 minutos por dia***
  Exercícios fáceis e eficientes contra a gordura localizada.
- ***Nutrição***
  O lanche ideal para antes do exercício.
- ***Moda***
  Beleza e liberdade na moda academia.
- ***Guia do Atleta***
  Muitas dicas e novidades sobre todas atividades físicas.

NAS BANCAS

I love All Star



TINA TURNER GOSTA DO MESMO TÊNIS QUE TODA A JUVENTUDE ADORA: ALL STAR. É COMO ELA DIZ: "ALL STAR IS YOUNG AND FUN." FAÇA COMO OS JOVENS E COMO TINA TURNER. FIQUE COM O MELHOR. ALL STAR.

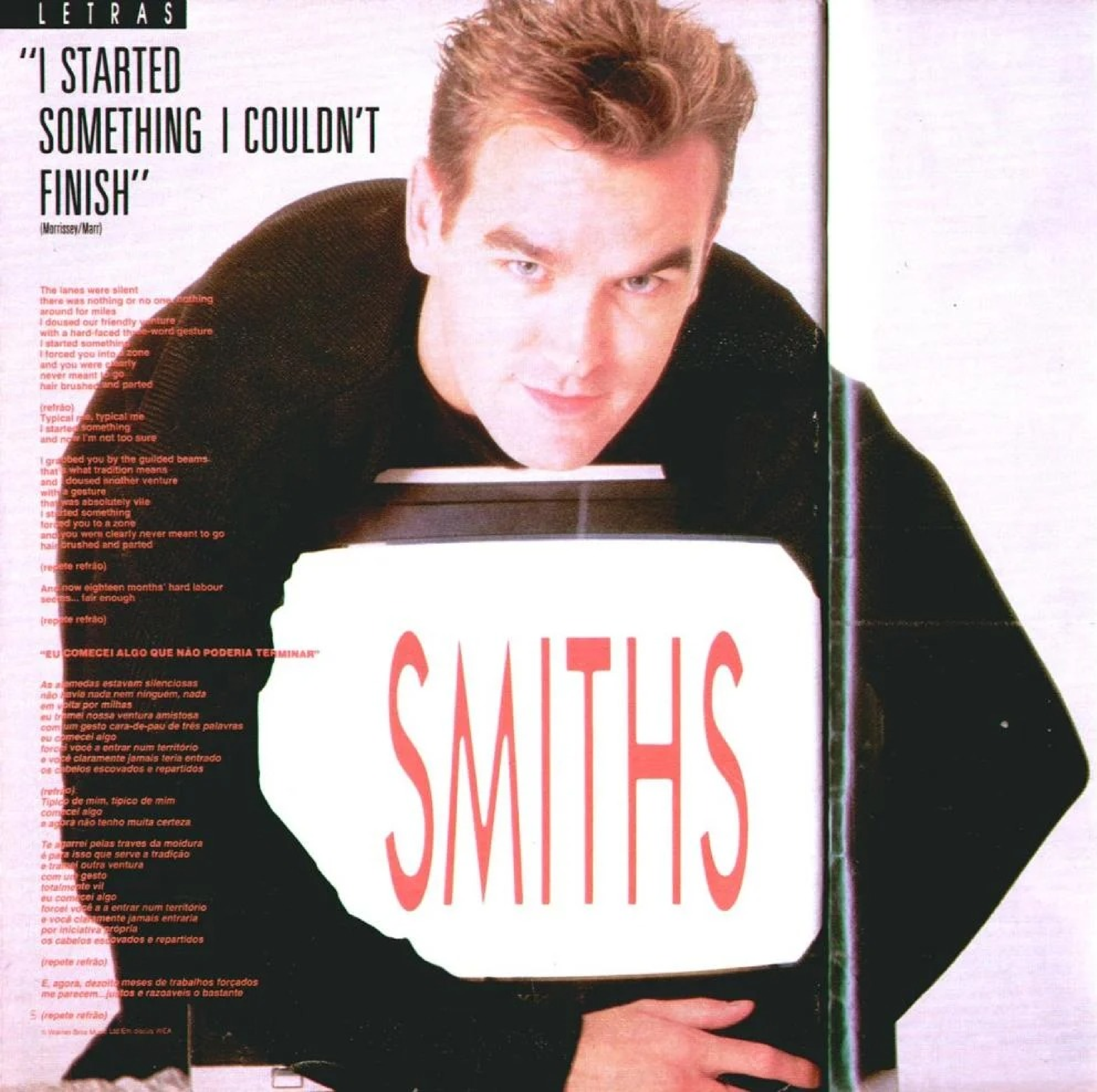
ALL STAR

O TÊNIS DE TODAS AS ESTRELAS.

Agnelo Pacheco

"I STARTED SOMETHING I COULDN'T FINISH"

(Morrissey/Marr)



The lanes were silent
there was nothing or no one anything
around for miles
I doused our friendly venture
with a hard-faced three-word gesture
I started something
I forced you into a zone
and you were clearly
never meant to go
hair brushed and parted

(refrão)
Typical me, typical me
I started something
and now I'm not too sure

I grabbed you by the guilded beams
that's what tradition means
and I doused another venture
with a gesture
that was absolutely vile
I started something
forced you to a zone
and you were clearly never meant to go
hair brushed and parted

(repete refrão)

And now eighteen months' hard labour
seems... fair enough

(repete refrão)

"EU COMECEI ALGO QUE NÃO PODERIA TERMINAR"

As alamedas estavam silenciosas
não havia nada nem ninguem, nada
em volta por milhas
eu tramei nossa ventura amistosa
com um gesto cara-de-pau de três palavras
eu comecei algo
forcei você a entrar num território
e você claramente jamais teria entrado
os cabelos escovados e repartidos

(refrão):
Tipico de mim, tipico de mim
comecei algo
e agora não tenho muita certeza

Te agarrei pelas traves da moldura
é para isso que serve a tradição
e tramei outra ventura
com um gesto
totalmente vil
eu comecei algo
forcei você a a entrar num território
e você claramente jamais entraria
por iniciativa própria
os cabelos escovados e repartidos

(repete refrão)

E, agora, dezoito meses de trabalhos forçados
me parecem... justos e razoaveis o bastante

(repete refrão)

℗ Warner Bros Music Ltd/Em cessão WEA

BIZZ
ESPECIAL
LETRAS TRADUZIDAS
SIMPLE MINDS
TINA TURNER
JOY DIVISION · STING · BANANARAMA
ROLLING STONES · MADONNA · CULT
CULTURE CLUB · POLICE · NEW ORDER
GEORGE MICHAEL · DEPECHE MODE
SIMPLY RED · SEX PISTOLS · THE CURE
DURAN DURAN · MICHAEL JACKSON
SMITHS · SUPERTRAMP · WHITESNAKE
DAVID BOWIE · ECHO & THE BUNNYMEN

CHEGARAM AS LETRAS TRADUZIDAS

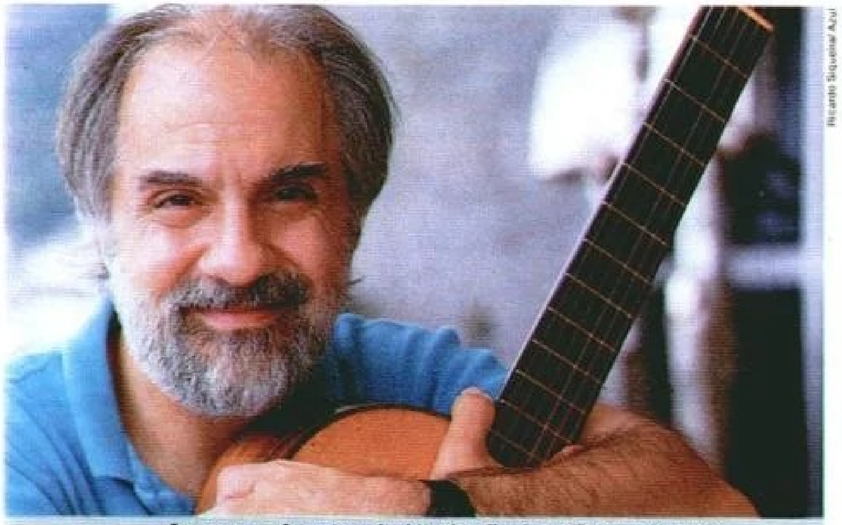
BANANARAMA - I Heard a Rumour
BON JOVI - Never Say Goodbye
CULT - Wild Flower
CULTURE CLUB - Do You Really Want to Hurt Me?
CURE - Catch
DAVID BOVIE - Spacē Oddity
DEPECHE MODE - Strangelove
DURAN DURAN - Skin Trade
ECHO & THE BUNNYMEN com RAY MANZAREK - People Are Strange
GEORGE MICHAEL - I Want Your Sex
JOY DIVISION - The Eternal
MADONNA - Causing a Commotion
MICHAEL JACKSON - Bad
NEW ORDER - True Faith
POLICE - Message in a Bottle
ROLLING STONES - Paint it Black
SEX PISTOLS - Anarchy in the UK
SIMPLE MINDS - Promised You a Miracle
SIMPLY RED - Come to My Aid
SMITHS - Shoplifters of the World, Unite
STING - We'll Be Together
SUPERTRAMP - The Logical Song
TINA TURNER - Paradise Is Here
U2 - Where the Streets Have No Name
WHITESNAKE - Is This Love

NAS BANCAS

EDITORA AZUL

OSCAR CASTRO NEVES

DA BOSSA NOVA AO VIOLÃO COM MIDI



Ricardo Siqueira/ Azul

Oscar tocou com Quincy Jones, Sarah Vaughan, Flora Purim, Ella Fitzgerald, Joe Pass...

Oscar Castro Neves planejava ficar apenas alguns meses nos EUA, quando lá desembarcou em 67 para acompanhar e dirigir musicalmente o Quarteto em Cy. Elas voltaram em seguida, e ele ficou por vinte anos. Radicado e morando em Los Angeles, Oscar esteve no Rio no final de 87 para visitar parentes, e foi contatado para um balanço de sua surpreendente trajetória musical.

Ele aprendeu a tocar cavaquinho aos 4 anos de idade, e aos 6 tocava violão, sem nunca ter tido aulas (coisa que só viria a ocorrer na década de 60). Ouvia rádio, acompanhava blocos carnavalescos, tocava com seus irmãos (tinham um grupo instrumental, que chegou a se apresentar em programas de rádio) e participava entusiasmado de festas e reuniões musicais. Aliás, foi em reuniões desse tipo — onde se ouvia discos importados de jazz e se dançava Ray Conniff e Les Elgart — que Oscar e amigos como Nara Leão, Roberto Menescal, Tom Jobim, Carlos Lyra, Luvercy Fiorini, Ronaldo Bôscoli etc. tramaram a bossa nova, no final da década de 60. "O que era legal nessa fase era o intercâmbio que existia entre os músicos", ele lembra. "Havia interesse em dividir conhecimento, mostrar as composições próprias e tocar as dos outros." Foi numa reunião dessas, por exemplo, que Alaíde Costa ouviu e pediu para gravar uma composição de Oscar. Era "Chora Tua Tristeza", primeiro grande sucesso de Oscar (em parceria com Luvercy Fiorini), um dos marcos da bossa nova, com mais de 50 versões no mundo todo.

No início da década de 60, ele tinha o seu próprio grupo, essencialmente instrumental, onde se destacavam seu violão e seus arranjos. Em 62, o grupo participou do histórico concerto de bossa nova no Carnegie Hall, que consagrou o gênero no planeta (há alguns meses Oscar foi o mestre de cerimônias de um show comemorativo dos 25 anos do concerto no Carnegie Hall, realizado no Lincoln Center em Nova York, com Tom Jobim, Gal Costa e o violonista Antonio Carlos Barbosa Lima). Naquela ocasião, o grupo de Oscar ficou seis meses nos EUA, excursionando e alternando shows com os grupos de Dizzy Gillespie, Laurindo de Almeida e Stan Getz.

Depois de idas e vindas, o músico acabou mesmo ficando por lá. Trabalhou quase dez anos com Sérgio Mendes. Orquestrou, arranjou ou tocou com Barbra Streisand, Quincy Jones, Sarah Vaughan, Ella Fitzgerald, Joe Pass, Minnie Riperton, Michael Sembello e outros. Compôs e produziu trilhas sonoras para cinema e TV, e é essa sua atual especialidade. Recentemente lançou dois LPs: um especialmente produzido para o mercado japonês e outro, *Oscar*, que está para ser lançado no Brasil pelo novo selo SBK. Este último foi gravado na St. John the Divine, segundo o músico "a maior catedral gótica do mundo, com eco de sete segundos e um órgão com mais de nove mil tubos". Participam do disco os integrantes do Paul Winter Ensemble, conhecido grupo de new age music.

Ele tem um estúdio no quintal de sua casa. Tem computadores, sintetizadores, televisões (para sincronizar trilhas, via MIDI) e vários ritmos eletrônicos. Com tudo isso, ficou fácil para ele: "Fico lá sozinho e entrego o produto pronto. E não sou mais contratado só como orquestrador, mas como produtor, arranjador, músico, tudo".

Atualmente usa dois violões com interface MIDI de leitura ótica. Os instrumentos têm convertores que "lêem" as vibrações das cordas (de nylon) e as transformam em informação digital. Daí o sinal segue para os sinterizadores. É o mesmo processo da manjada guitarra sintetizada.

Se acontecer algo com o LP *Oscar*, ele volta ao Brasil, com o maior prazer. Talvez toque (tomara que com todo seu aparato) no próximo Free Jazz Festival. *Thomas Pappon*

EQUIPAMENTO

INSTRUMENTOS: **Dois violões, um Gibson e outro Takamine, ambos com encordoamento de nylon e interface MIDI de leitura ótica (para processar as vibrações das cordas em linguagem MIDI).**

COLOQUE SEU FONE E BOA VIAGEM

Com os fones de ouvido Selenium você viaja por inteiro no som, porque o som entra inteiro em você. Vários modelos à sua escolha, sempre com fidelidade, leveza e durabilidade.

SELENIUM

REVISTA

FLUIR

SURF É FLUIR

Pegue essa onda. Todos os meses nas bancas.

EDITORA AZUL

AIR MAIL

EUROPA — *Pepe Escobar*

Neototon Sigla Press

Já está em circulação na TV da Hungria — e já apareceu pirateado em Londres — um videoclip intitulado "Ok Gorby". Gorbachev (foto), "mastermix da Politburo Records", responsável pelos grandes hits mundiais "Glasnost" e "Perestrojka", é desta vez objeto de um rock da banda húngara Neoton — extremamente popular em Budapest e arredores. No clip, Gorby aparece, em mais ou menos três minutos, globetrottando junto com seu amigo e admirador Ronald Reagan. No refrãozinho, a star húngara Eva Csepregi — autora da letra junto com o inglês Bob Heatley — manda ver em inglês: "Gorbie, como você é bárbaro, todo mundo te acha o máximo". Top One no Kremlin e na sede da KGB.

Filhos sagrados da darkice irresgatável, saiam de suas tumbas: Andrew Eldritch — a madre superiora dos ex-góticos supremos Sisters of Mercy — está de volta à arte da performance. Largou seu covil fétido vizinho à mega-pornô Repperbahn de Hamburgo, e, depois de colocar um hit no Top Ten inglês, "This Corrosion", está até *sorrindo!!!* O show será em Londres, em março, portanto ainda há tempo para se fretar um Jumbo São Paulo-Batcaverna (ou seu túmulo). Só para lembrar, os Sisters of Mercy 88 constam do Grande Arcano Eldritch; a Maga Patalójika, Patricia Morrisson (baixista, ex-Gun Club); e a não menos mitológica Doktor Avalanche, a inseparável drum machine de Sister Andrew. *Lord have Mercy...*

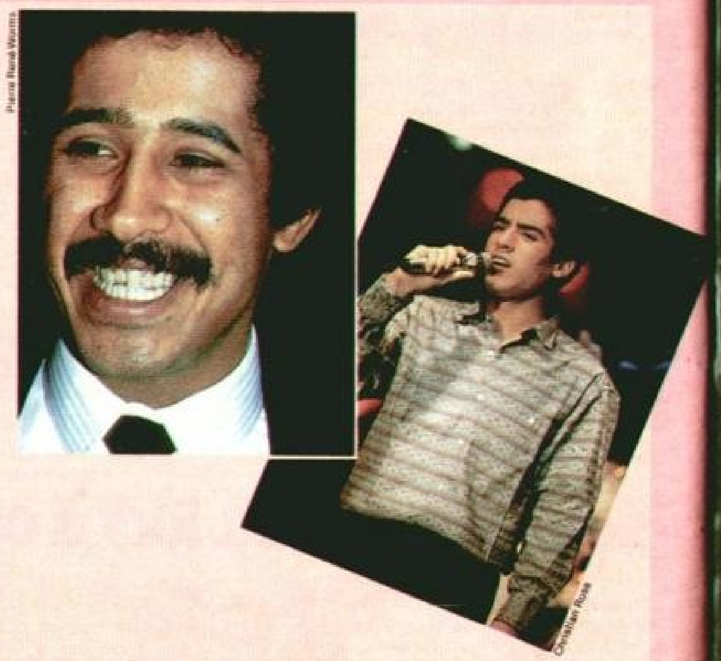
Como esta coluna já antecipou há meses, Arthur "Remix" Baker (na foto com Little Steven) lançou seu selo Criminal Records e está provocando mais estrago em pistas de dança selecionadas do que os misseis portáteis Stinger fornecidos pela CIA à resistência afegã contra o Exército Vermelho. A moçada da URSS já encontrou um antídoto contra os Stinger. Mas o rei Arthur, ninguém neutraliza. Primeiro veio sua produção de Wally Jump Junior e Criminal Element na já antológica "Put the Needle to the Record" (uma das expressões-chave de 87/88; o mix, como se sabe, inclui ainda um plágio seqüencial interminável da introdução de guitarra em "Kiss", de Prince). Depois Arthur saiu com o álbum de Wally Jump, onde o escândalo principal é a recuperação de "Tighten Up", clássico soul sixties de Archie Bell and the Drells. E, depois de funcionar como enviado de Deus no último remix de New Order, o "Remix King" ataca agora de re-tudo de John Coltrane. Deus ficou passando tão mal com o resultado que já avisou: na próxima de Baker, vem em pessoa ao estúdio para ver como é que se faz.

Larry Busacca

Mais *hip* do que mixar o primeiro compacto da história da Motown, "Do You Love Me" (1962) na versão original negra dos Countours e na versão branca-garagem dos Sonics, é atacar de *rai* em 88. O *rai*, a música enraivecida de Oran (Argélia), já exilou definitivamente todas as outras variações do *souk* (música dos países árabes e adjacentes) para a catacumba inconseqüente das tendências tímidas e das anedotas descarnadas. O *rai* praticado a partir de 87 pelos seus dervixes de ponta, já se livrou de qualquer possível complexo de inferioridade em relação a outras formas "veneráveis" de música oriental. O ritmo cardíaco do *rai* de raiz misturado com o funk de vanguarda é um dos mais estimulantes Kalashnikovs musicais possíveis em uma era onde George Michael é elevado à condição de ícone.

Se você não agüenta mais a idiotia do pop contemporâneo, vá atrás. A mina de ouro, em matéria de vinil, é, claro, Paris. Algumas indicações-chave: as granadas de Cheb Abdelhak e Cheikha Djenia, o rei do *rai*, Cheb Khaled (foto), e Cheb Mami (foto), que enche estádios de 40 mil pessoas em Argel.

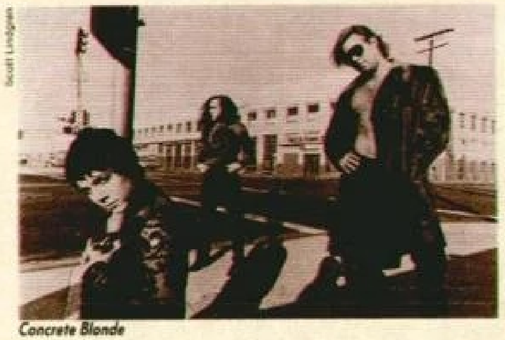
E para lembrar que não é com quaisquer dois paus furados que se faz uma canoa — ou uma boa canção pop — arrase mesmo na aldeia global. Vá de Rabah Asma (folk berbere), Salah Ibn Al Badia (um blues-mando *souk*, um verdadeiro Land Rover sonoro atravessando o Nilo sudanês), Harout (o melhor do rock armênio: a figura saiu da URSS, passou por Beirute e hoje vive em L.A.), Tyoussi (new wave marroquina), ou Akbaba Ikilisi (folk da Anatólia revisitado por bateria e guitarra tipo *saz* — um instrumento de cordas tradicional). Demência? Não. Para completar, não tire do seu toca-discos *Le Disque D'Or Du Rai* (selo New Pictures), uma compilação que inclui, entre outros, Khaled, Fadela, Hamid e Benchenet. Os rappers de extra-radicalização do Bronx e de Londres já estão começando a descobrir. Corra atrás e chegue antes deles. Vide o que já andaram fazendo em seus remix M.A.R.R.S., em "Pump Up the Volume", e Coldcut, na sua versão de "Paid in Full", de Eric B. Hakim. O futuro é dos ritmos e vidas secretas da África e da Arábia.


Pierre René Worms

Christian Rose

Ref. 254 Cor: Br-Pr
Ref. 275 Cor: Br-Pr
Ref.: 306 Cor: Pr
Ref. 256 Cor: Pr
Ref. 235 Cor: Pr
Ref. 280 Cor: Br-Pr
Ref. 251 Cor: Pr
Ref. 309 Cor: Br
Ref. 267 Cor: Br-Pr
Ref. 301 Cor: Pr
Ref. 299 Cor: Br
Ref. 300 Cor: Br
Ref. 231 Cor: Az-Vd
Ref. 263 Cor: Br-Am.cl
Ref. 277 Cor: Br-Pr-Az
Ref. 297 Cor: Br-Am.cl
Ref. 269 Cor: Vd-Az
Ref. 230 Cor: Br
Ref. 239 Cor: Br
Ref. 250 Cor: Br-Pr
Ref. 260 Cor: Pr-Az-Vm
Ref. 287 Cor: Br-Pr
Ref. 258 Cor: Br-Pr
Ref. 302 Cor: Br
Ref. 262 Cor: Vm-Az
Ref. 308 Cor: Vd-Az-Pr
LANÇAMENTO
NOVA CAMISETA!
MALHA ESPECIAL
Confecção exclusiva · Acabamento perfeito.
· Estampas impressas em Silk-Screen com tinta de alta qualidade e longa durabilidade.
· Modelagem grande.
· Malha com fio penteado e tratamento mercerizado · Não encolhe nem alarga.
· Tecido com tingimento reativo · Não desbota.
· 100% algodão.
· Tamanhos P, M ou G.
Preço: Cz$ 1.320,00 cada camiseta.
Preço válido até a próxima edição da revista BIZZ
Ref. 295 Cor: Br
Ref. 296 Cor: Br
Ref. 279 Cor: Br-Am.cl.
Ref. 257 Cor: Az-Pr
Ref. 307 Cor: Br
Ref. 222 Cor: Vd
Ref. 247 Cor: Br
Ref. 273 Cor: Pr
Ref. 264 Cor: Br-Am.cl
Ref. 206 Cor: Br-Vd-Az
Ref. 240 Cor: Br
Ref. 283 Cor: Vd
Ref. 233 Cor: Az
Ref. 288 Cor: Br-Am.cl.
Ref. 259 Cor: Pr
Ref. 298 Cor: Br
ATENÇÃO
· Seu pedido será entregue na agência do correio mais próxima de sua casa. Você receberá um aviso do correio para buscar sua encomenda, tendo 10 dias para retirá-la.
· Enviando CHEQUE NOMINAL ou VALE POSTAL, você terá 10% de desconto (veja explicações abaixo) pagando apenas as despesas postais.
· Não é preciso enviar o cupom abaixo. Faça seu pedido em carta semelhante ao cupom. Não há limite de quantidade.
· Temos pronta entrega e preços especiais para revendedores.
· Preencha corretamente: ENDEREÇO, REFERÊNCIA, COR, TAMANHO e VALOR TOTAL DA ENCOMENDA.
· SÓ FAÇA O PEDIDO NA CERTEZA DE RETIRÁ-LO.
Este adesivo em papel laminado dentro de cada embalagem. Para vidro ou painel à sua escolha.
GRÁTIS Stamp
Ref. 225 Cor: Br
Ref. 278 Cor: Br
Ref. 215 Cor: Az-Pr-Vd
Ref. 224 Cor: Br-Az-Vd
Ref. 286 Cor: Br
DESCONTO 10%
Enviando CHEQUE NOMINAL ou VALE POSTAL à STAMP, ganhe 10% de desconto no valor total de seu pedido (qualquer quantidade). Preencha o Cheque ou Vale Postal já com o desconto calculado. Para enviar Vale Postal, é só pedir um em qualquer agência do correio e preencher da seguinte maneira: AGÊNCIA PAGADORA: SHOPPING CENTER NORTE - CEP 02096 - CÓDIGO 403369 - SÃO PAULO - SP - DESTINATÁRIO: STAMP. Coloque o VALE POSTAL junto com seu pedido dentro do envelope escrevendo por fora o endereço da STAMP. (ver endereço no cupom ao lado).
TEL.: (011) 299-7478
HORÁRIO: 2.ª a 6.ª das 8:00 às 17:30 hs.
Estou enviando agora junto com este cupom, pagamento à vista em
Cheque
Vale Postal no valor de Cz$
Prefiro pagar ao recebê-lo(s), comprometendo-me a retirá-lo(s) no correio ao preço de Cz$ mais despesas postais.
REF. COR TAM.
Nome
End.
Est. Cidade CEP
Envie este cupom ou cópia para STAMP, Rua Emb. João Neves da Fontoura, 156 - CEP 02013 - Santana - São Paulo - SP.

AS GARAGENS DE LOS ANGELES


Scott Lindgren

Concrete Blonde

Foi um amigo meu que falou, com extrema sabedoria: "Los Angeles é uma cidade muito fértil para o rock'n'roll porque tem, sempre, uma altíssima produção de bandas de garagem. E sabem por quê? Porque aqui tem garagem à beça".

Los Angeles é a metrópole do automóvel. 15 milhões de habitantes espalhados por oito municípios cobrindo uma área de... digamos... umas três ou quatro cidades do tamanho de São Paulo. Uma complexa rede de *freeways* — pistas expressas, emborrachadas, de alta velocidade quando não estão engarrafadas, é claro — interliga essa gigantesca região. Ônibus é uma ficção; metrô nem pensar: Los Angeles deve ser a única cidade do mundo em que três projetos de metrô foram derrubados por unanimidade pelo voto dos cidadãos, em plebiscito. É claro que você pode andar: o dr. Cooper diz que é excelente para o coração, mas, fora o exercício, seus pezinhos também não vão levá-lo a parte alguma.

Resta o carro, e o carro é soberano em L.A. Daí a proliferação de garagens, daí a abundância de bandas de garagens...

Just kidding, mas faz sentido. E é emblemático do real coração do rock angeleno: velocidade, mobilidade, horizontes abertos. Pense em como o espaço determina o conteúdo. Pense em Nova York: lofts, o sentimento de ilha e de alienamento de Manhattan. Talking Heads, Philip Glass, Laurie Anderson e Suzanne Vega — cerebral e cool. Agora imagine estes céus do deserto, com poentes que demoram horas em púrpura e ouro, muito raramente frio, muito raramente escaldante, Oceano Pacífico de um lado e uma freeway sem fim do outro, o carro a toda devorando milha sobre milha... Mobilidade, amplidão: Doors, para dar um exemplo.

O senso de isolamento que a velocidade traz, pulverizando uma cidade numa constelação de comunidades mais uma inclinação até natural para a estilização, o drama e a coreografia — afinal, aqui não é Hollywood? — conspiraram para, se não gerar, pelo menos estabelecer de vez, na Califórnia, as estirpes de *thrash* e *speed*. Dois terços da população das garagens estão filiados a um ou outro desses credos e, às vezes, a uma muito peculiar mistura dos dois. Thrash é a atualização do punk dos anos 70. Speed, a atualização do metal. Ambos são muito altos (em decibéis), muito velozes, anfetamínicos. Ambos acompanham carros, motos e skates. Ambos manifestam-se corporalmente — pelo *slam*, o filho anos 80 do *pogo*, uma coreografia de luta que culmina, sempre, com alguém se atirando do palco para o mar de mãos e cabeças da platéia.

No norte da Califórnia, thrash e speed são mais duros, mais escuros — como na trilha do filme cult *River's Edge*, uma história de alienação e crime numa cidadezinha do norte californiano. A capital não-oficial é a região de Oakland, do outro lado da baía de São Francisco, onde várias comunidades industriais abrigam bandas furiosas, como Militia, Death Angel e Forbidden Evil. Em Los Angeles, cabelos maiores (e bem tratados), maquilagem e saltos-plataforma indicam uma subcultura: *glam*, a mais perfeita tradução de Hollywood. Faster Pussycat (foto), Suicidal Tendencies — os santos patronos do skate, o surfe de asfalto da Los Angeles dos anos 90 — e Thelonius Monster — príncipe das rádios universitárias e das cabeças hip — são os poderosos chefões.

Evidentemente, nem só de thrash, speed e glam vive a amável "Ilha da Califórnia" (isto é uma teoria geológica. Depois do *big one*, o superterremoto que deverá sacudir a falha de Santo André, a Califórnia vai virar uma ilha solta no Pacífico e o Arizona será um Estado costeiro). Mas é possível encontrar traços deles — a urgência, a superposição de ruído, a eletricidade, as palavras cuspidas, a estilização da violência e da velocidade — em quase todas as bandas locais. Coisas da capital do automóvel. Para prestar atenção: Firehouse, a banda favorita dos Red Hot Chili Peppers, nascida do rescaldo dos Minutemen, ritmos angulosos, letras furibundamente políticas; o humor thrashy do Redd Kross (foto), versão angelena para os New York Dolls e a ácida cerebralidade do Concrete Blonde (foto), votadíssimo nas listas de melhores do ano em 87, na categoria "revelação"

Dig Times Records

Redd Kross

Jay David Buchbabau

Faster Pussycat

Para ouvir e sonhar
Pra chacoalhar o esqueleto

LEO JAIME
DIRETO DO MEU CORAÇÃO PRO SEU

EM DISCOS E FITAS
CBS

CAPTAIN BEEFHEART & HIS MAGIC BAND
TROUT MASK REPLICA (1969)

"O Capitão Coração-de-Boi" — nome verdadeiro: Don van Vliet — nasceu em Glendale, Califórnia (em 1941) e formou sua primeira Magic Band em 64. Sua música é única e de importância histórica já reconhecida. Na lista de "100 melhores LPs de todos os tempos" — publicada no *New Musical Express*, em 85 —, Beefheart recebeu votos para oito de seus discos, perdendo apenas para os Beatles (com onze) e Bob Marley (dez).

O *Trout Mask Replica*, "Réplica de Máscara de Truta", — um álbum duplo e seu terceiro lançamento — partiu de um convite de Frank Zappa, o produtor, para que Beefheart gravasse em seu selo Straight. O Capitão recebeu controle artístico total e tempo de estúdio praticamente ilimitado. Muita gente o considera a conquista mais importante na música desde que o homem primitivo bateu, pela primeira vez, duas pedras uma na outra.

As principais influências e a inspiração de Beefheart foram os blues e o jazz de vanguarda — evidentes em toda a sua obra. Os resultados que atinge, porém, a partir desta matéria-prima são tão ricos e soltos — e, ainda assim, contagiantemente ritmicos — que desafiam qualquer descrição.

Beefheart nunca foi um músico formal. Ele apresenta as diferentes partes a seus músicos de vários jeitos — entre eles o assobio — e trabalha diretamente com eles até obter exatamente o som desejado. O resultado é um trabalho em conjunto altamente organizado que soa como se estivesse sendo composto ali, no ato.

O fluxo criativo de Beefheart é espontâneo: tudo o que ele tem a fazer é abrir uma torneira interna para vir jorrando. Consta que compôs todas as 28 faixas deste disco em oito horas e meia, utilizando um piano e um gravador. Ele diria, depois, que só demorou tanto porque tinha apenas um conhecimento superficial do teclado! Levou, então, os músicos ao isolamento quase total de sua casa no deserto de Mojave e instruiu-os ali por oito meses, antes de entrarem no estúdio. O efeito final é galvanizante.

A formação básica consistia em Antennae Jimmy Semens (Jeff Cotton) na guitarra e Drumbo (John French) na bateria — ambos de formações anteriores da Magic Band — com Zoot Horn Rollo (Bill Harkleroad) na segunda guitarra e Rockette Morton (Mark Boston) no baixo. Estes dois eram, nessa época, desconhecidos que tocavam em bares. Beefheart os chamou porque queria gente sem idéias preconcebidas, a quem pudesse ensinar desde a estaca zero. Seu primo, The Mascara Snake, tocava clarineta baritono, assim como o próprio Capitão, também nos sax tenor e soprano.

Beefheart foi abençoado com a voz de Howlin' Wolf, meio Nelson Cavaquinho — com o alcance de uma multi-oitava. Algumas faixas são cantadas sem nenhum acompanhamento e permanecem entre suas canções mais populares. Ele canta em cima de dissonâncias ou ritmos pulsantes — na maioria das vezes, ambos simultaneamente intervêm com os mais lúcidos solos de sax free imagináveis.

Trout Mask... não envelheceu quase nada, tanto que muita gente ainda está tentando assimilá-lo. Nenhum instrumento ocupa um papel secundário. Todos os músicos de Beefheart estão sempre solando e sempre tocando tangencialmente. Em torno de um penetrante e profundo som de baixo, o baterista elabora padrões ritmicos complexos de extraordinária fluidez e habilidade. A base do som de guitarra é um toque de *slide* fantástico — Jimmy Semens e Zoot Horn parecendo dois cachorros loucos brigando — mas, ainda assim, de um lirismo sublime. As letras do Capitão partem de uma livre associação e jogos de palavras alucinatórios: o verbo encarnado entre a loucura total e a lucidez absoluta.

Com a exceção de algumas canções de Ian Anderson e de uma banda londrina chamada Screw, que fazia *covers*, foi apenas durante o punk que as pessoas realmente começaram a seguir os caminhos musicais mapeados pelo Capitão. O *NME* chamou 1978 de "O Ano de Captain Beefheart". Os mais afetados foram Pere Ubu, Devo, The Pop Group, Clock DVA e Gang of Four. Peter Murphy e Mick Karn batizaram seu trabalho em conjunto com o título de uma das faixas de *Trout Mask...*, "Dali's Car". Desde então, o "Fator Beefheart" reaparece constantemente — mais recentemente no trabalho dos grupos Stump e World Domination Enterprises.

Peter Price

EDITORA AZUL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor de Grupo: Carlos Arruda

REDAÇÃO
Editor Chefe: Alex Antunes
Editor Executivo: Roberto Wagner Pereira Perucci
Editora Assistente: Bia Abramo
Redação: Celso Salles Pucci, Thomas Pappon
Reportagem: Sônia Maia
Coordenação de Produção: Igor Ismael Assan

ARTE
Editor: Rodolfo Tuco
Chefe de Estúdio: Derse Bibiano
Diagramadores: Maria Amélia de Azevedo, Paulo Fernando Zanforcsak, Renato Yada
Arquivo e Pesquisa de Fotos: Cidval Heredia

Atendimento ao Leitor: Marisa Adan Gil
Correspondentes: José Emilio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles); José Nogueira (Nova York); Pepe Escobar (Milão); Cesar G. Lima e Silvano Michelino (Paris); Eva Joory (Londres)
Colaboradores
Texto: José Augusto Lemos (consultor), Arthur G. Couto Duarte, Carlos Albuquerque, Eliana Thorne de Souza, Eugenio Bucci, Fernando Nepoviano, Hagamenon Brito, Hermano Vianna, Jean-Yves Neufville, José Eduardo Mendonça, José Geraldo Couto, Leopoldo Rey, Livio Tragtenberg, Lorena Calabria, Lou Ramos, Luis Antonio Giron, Marcel Plasse, Nico Pereira Queiroz, Peter Price, Tom Leão e Walter Silva
Arte: Angelo Assan
Fotos: Claudia Thompson (Nova York), Eva Joory (Londres), Ocampo, Kid e Marcelo Faustini, Rui Mendes, Z. Vivanco
Revisão e Preparação de Texto: Edmundo Juarez Filho

Diretora Responsável: Liege de Lima Dona Castelli

PUBLICIDADE
Diretor: Carlos Alberto F. de Araujo
Gerente: Julio Cesar Ferreira
Contatos: Lidia Camarate (Rio), Arthur de Oliveira Neto, Marcia Andrade e Regina Poldo (SP)
Produção Gráfica Publicidade-Gerente: Edna K. Bungo

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press: Judith Baroni (gerente). **Escritórios - Milão:** Rita de Luca, International Business Centre, Corso Europa, 12, Phone: 02-54-58331 e 54-58212-20122, Milano, Telex: 313585 e 332809. **Nova York:** Odilo Licetti, Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Telex 237670, Phone: (212) 557-5990/5993. **Paris:** Pedro de Souza, 33, rue de Miromesnil, 75008, Paris, facsimile: 42.66.13.99, Phone: 42.66.31.18, Telex ABRIL/PA 660731.
Departamento de Documentação - Dedoc - **Gerente:** Auta Rojas Barreto - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, Telex: (011) 22115.
Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli

COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Produto: José Carlos Boldarine
Gerente de Circulação: Gilberto Finorto Gil
Promoção: Vani de Pieri

EDITORA AZUL
Diretores: Carlos Arruda, Nivaldo Montingelli, Pedro Frazão e Vera Helena Mirandez Gomes
Diretor Escritório Rio: Carlos Alberto F. de Araujo

BIZZ é uma publicação da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** R. Marques de São Vicente, 1171, CEP 01139, tel. (011) 826-6777. **Telegramas:** Editabril Abrilgrafe. **Rio de Janeiro:** R. da Passagem, 179, 8º ao 11º andares, CEP 22290, tel. (021) 546-8282, Telex (021) 23674, Telegramas: Editabril Abrilgrafe. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Pau Varela, Azinhaga dos Ferros, 1685, Camarate, Lisboa. **Assinatura anual:** Cr$ 2.160,00 à vista. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor, o pagto somente com cheque nominal à Editora Abril S.A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção temporária da entrega dos exemplares comprados, sem que para isto tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição do valor do preço total antecipadamente pago, correspondente aos exemplares que não forem entregues, acrescida de correção monetária calculada com base na variação do valor nominal das OTNs verificadas no período. Esta revista circula nas bancas mensalmente no dia 03. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou na Distribuidora de sua cidade. Pedidos pelo correio: DINAP - Interada Vera de Oliveira, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Uma bruta com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

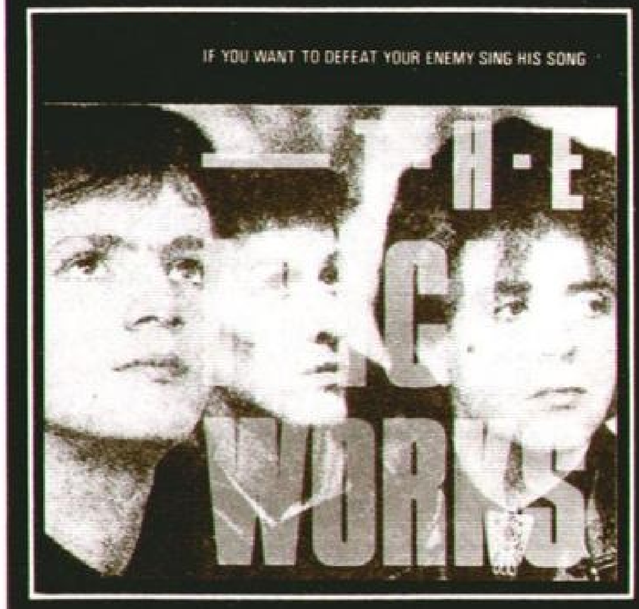
KALIMA

O grupo Kalima vem da Inglaterra. Combina jazz latino, dançante, com um toque de bossa nova. O resultado é uma divertida e pulsante música, feita para quem vive nos países tropicais.

O SOM QUE ESQUENTA O BRASIL

NIGHT TIME SHADOWS: "feeling" do vocal de Ann Quigley.

Alegria das Ilhas Britânicas vibrando no Brasil.



Entre na onda do ICICLE WORKS

E que onda boa! O Icicle Works vem do "boom" psicodélico que agitou o fim dos anos 70. Seu pop melodioso, sustentado pela vitalidade de guitarras elétricas, é embalado pelo melhor ritmo desta estação.

Licenciado por Stiletto

ESTÚDIO ELDORADO

CARTAS E SERVIÇOS

SERVIÇOS

VIVA O COMPACTO

Lendo a Ídolos do Rock (BIZZ 27-I), vi no capítulo *Anos 70* o comentário sobre o LP *Fruto Proibido*, de Rita Lee, que alcançou a "marca fantástica — para a época — de 180 mil cópias vendidas". Atualmente, esta marca é superada em poucos meses por qualquer cantor ou grupo que tenha uma música muito divulgada, por uma razão muito simples: como as gravadoras não lançam mais compactos, ou discos mix, somos obrigados a comprar um LP completo para ouvirmos uma faixa. **Alexandre Linden, Petrópolis — RJ.**

O assunto é atual e importante, Alexandre (vide o debate dos roqueiros brasileiros, na BIZZ 31, e a entrevista de Johnny Marr, neste número). Mas seu raciocínio é perigoso. Se as gravadoras se convencem de que o público que quer ouvir uma única música de um grupo se dispõe a comprar um LP inteiro, então elas estarão fazendo um bom negócio em só lançar esse tipo de disco, mais caro... Preferimos acreditar que o lançamento de compactões, discos mix, EPs e mini-LPs (discos com duas, três, quatro, cinco ou seis faixas, remixadas ou não) aumentaria o número de compradores, pois, sendo mais baratos, dariam acesso a pessoas de menor poder aquisitivo ou interesse restrito a hits. Por outro lado, o fluxo de lançamento de bandas novas e de material novo de bandas consagradas seria muito mais contínuo. Na Europa e nos EUA, há desde grupos que lançam vários singles por ano até artistas, menos profícuos, que se contentam com um mini-LP por biênio... O importante é que, sem a obrigatoriedade de obedecer sempre ao formato LP (de dezesseis a vinte e poucos minutos por lado de disco), também não há a necessidade de "congelar" boas composições — ou de "encher lingüiça", quando elas não existem...

FRANK MILLER

Curto muito o rock em âmbito quase geral, mas minha paixão número 1 é HQ. Não pude deixar quieto o espaço dado a ela em BIZZ 29, com a pequena entrevista com Frank Miller. Esse espaço sobre os bastidores da HQ não existe em nenhuma revista de alta vendagem, apenas nas publicações marginais e independentes como é o caso dos fanzines. Eu produzo meu próprio fanzine e gostaria que a BIZZ deixasse sempre reservado um cantinho para a HQ. Sobre a entrevista com Miller, gostaria que vocês me fornecessem algum endereço para me corresponder com ele. **Cristiano Seixas, Grupo Tropical HQ & Pesquisa, Rua Estácio de Sá, 515, CEP 30430, Belo Horizonte, MG**

É isso aí, Cristiano. BIZZ pretende reservar, sempre que possível, um "cantinho" para os quadrinhos em suas páginas. Para você e todos aqueles interessados em manter correspondência com Frank Miller, aí vai o endereço: 800 Traction Avenue, Box 5, Los Angeles, California 90013, U.S.A. Registramos aqui também o endereço do seu fanzine, para os leitores que tiverem interesse em conhecê-lo.

OBJETO VOADOR IDENTIFICADO

Em dezembro último, revirando uma loja de discos, encontrei um OVNI e comprei, pensando ser uma "daquelas preciosidades inglesas". Estranho, mas interessante, nunca ouvi falar. O nome do grupo é The Call e o LP chama-se *In the Woods*. Gostaria de obter informações sobre a banda. **Antônio Lopes, Sorocaba — SP**

É mesmo uma pena que o LP do Call corra o risco de se transformar em "um OVNI", perdido entre tantos outros lançamentos. Na verdade, esse já é o quinto álbum do grupo, que, de inglês, não tem nada — eles são da Califórnia. A estréia no vinil aconteceu em 82, com o LP The Call. *A formação inicial trazia Michael Been — também o compositor principal e líder da banda — nos vocais e na guitarra, Scott Musik na bateria, Tom Ferrier na guitarra, Greg Breeman no baixo e Jim Goodwin nos teclados, além do guitarrista Garth Hudson (ex-Band), que comparece como convidado especial nos três primeiros LPs. Os lançamentos seguintes são* Modern Romans *(83) e* Scene Beyond Dreams *(84). Mas é com* Reconciled, *de 86, que o grupo chega ao conhecimento do grande público, com a ajuda de alguns amigos especiais — entre eles, Peter Gabriel e Jim Kerr —, que marcam presença no disco. 87 é o ano de* In the Woods, *único LP da banda lançado por aqui. No momento, Michael Been troca os microfones pelas câmeras na mais nova produção do cineasta Martin Scorsese. Ele interpreta o papel do apóstolo João, no filme* Passion, *que conta ainda com as presenças ilustres de William "*Platoon*" Dafoe e David Bowie, como Pôncio Pilatos.*

INFILTRAÇÃO VERMELHA

Antecipadamente eu queria que, ao receberem esta mensagem, a mesma os encontre em óptimas *(sic)* disposições. Me interesso por informações sobre Michael Jackson e Madonna. Estimados cariocas *(sic)*, espero a vossa colaboração nesse sentido. **Gregório Morais, Odessa — URSS**

Epa! Os vermelhos estão chegando! Até achamos que era uma brincadeira. Examinando mais detidamente o envelope — com selo, carimbo, endereço escrito em alfabeto cirílico e tudo — não houve mais dúvidas: tínhamos recebido uma carta da União Soviética! Como é que você ficou sabendo da nossa existência, Gregório? Serão as conseqüências da glasnost? Mistério... Ou melhor, uma agradável surpresa. Saudações democráticas para você e todos os camaradas soviéticos!

ATENÇÃO! NÃO ESQUEÇA DE MARCAR NO CUPOM A MALHA DE SUA PREFERÊNCIA.

NEWROCK
Agora com dois tipos de malha: comum e especial
FONE: (011) 280-2852
T-SHIRTS EXCLUSIVAS!
Preços
Comum Cr$ 700,00
Especial Cr$ 1.220,00
Preço especial para revendedores

LANÇAMENTOS

TAMANHOS: 46, 48, 50 e 52

Como comprar:
1 - **REEMBOLSO POSTAL:** Envie seu cupom corretamente preenchido e pague somente ao retirar a encomenda no correio de sua cidade. Junto ao cupom mande um cheque nominal para **ABRAHAM JACOB AFLALO** no valor de Cr$ 100,00, referente ao valor das despesas postais. **IMPORTANTE:** O pedido só será atendido se as despesas postais forem antecipadamente pagas.
2 - **VALE POSTAL:** Peça no correio e preencha da seguinte maneira: Ag. Pagadora: Shopping Center Iguatemi - CEP 01496 - Código 400084 - São Paulo - SP - Destinatário: **ABRAHAM JACOB AFLALO**
3 - **CHEQUE NOMINAL:** Envie seu cupom acompanhado de cheque nominal para **ABRAHAM JACOB AFLALO** e retire seu pedido no correio de sua cidade.
As formas de compra dos itens 2 e 3 estão isentas de despesas postais.
ABRAHAM JACOB AFLALO Rua Capote Valente, 540 - Cj 21 fone (011) 280-2952 CEP 05409 - Pinheiros - São Paulo SP

Prefiro comprar da seguinte maneira:
☐ Vale Postal ☐ Cheque Nominal ☐ Reembolso Postal
TOTAL DA COMPRA: Cr$ _____

REF.	COR	TAM.	REF.	COR	TAM.

Nome: _____
End. _____ Nº _____
CEP _____ Cidade _____ Est. _____
Envie esse cupom ou xerox para:
ABRAHAM JACOB AFLALO
R. Capote Valente, 540 - Cj. 21
CEP: 05409 - Pinheiros - São Paulo - S. P.
☐ Malha comum
☐ Malha especial

Receita para viver melhor

LEIA EM MARÇO

Tudo sobre o leite
Conteúdo, propriedades nutritivas e benefícios.
Como saber se você tem intolerância ao leite.

Sexo
Tamanho é documento?
A ciência responde com novidades.

Shoyu
O molho de soja que excita qualquer paladar.
Veja o que ele contém e como utilizá-lo.

Os sabonetes por dentro
O que contêm, quais os melhores, que efeitos exercem sobre a pele.

Sangue
Saiba como você pode se proteger da contaminação.

NAS BANCAS

EDITORA AZUL

CARTAS E SERVIÇOS

PEDINDO BIZZ

Compro as edições de BIZZ números 1, 2 e 5. **Eliana Nakagomi, SHCG 706, Bloco O, Casa 12, CEP 70740, Brasília — DF**

Compro as BIZZ 0, 7, 8 e 9 e a Ídolos do Rock 9-A. **Márcio Bomfim, Rua Prudente de Moraes, 558, CEP 45200, Jequié — BA**

Compro as BIZZ 1, 7 e 8. **Eliane Freitas, Travessa Sebastião José de Freitas, 25, CEP 27600, Valença — RJ**

Compro os números 1, 2, 3, 7 e 10, para completar minha coleção de BIZZ. **Rosimar Diniz, Rua Desembargador Hemetério Fernandes, 228, CEP 59900, Pau dos Ferros — RN**

Compro as BIZZ 1, 2, 4 e 5. **Andréa da Silva, Rua D, 25, CEP 37410, Três Corações — MG**

Compro as edições de BIZZ número 0 e 9. **Arthur Neto, Avenida Francisco Glicério, 1730, Apartamento 54, CEP 13010, Campinas — SP**

Compro a BIZZ 10. **Patrícia Kojima, Rua Marquês de Rabicó, 70, CEP 12050, Taubaté — SP**

Compro a Ídolos do Rock 9-A. **Maria Cristina Casério, Caixa Postal 3299, CEP 30112, Belo Horizonte — MG**

Tenho as dez primeiras edições de BIZZ e quero me desfazer das mesmas. **José Ramon Peres, Avenida Bartolomeu de Gusmão, 180, Apartamento 614, CEP 11030, Santos — SP**

Vendo a coleção de BIZZ do número 1 ao 28. Vendo também todas Letras Traduzidas e Ídolos do Rock. **Ana Maria Trigo, Rua Conde de Lages, 54/21, CEP 20241, Rio de Janeiro — RJ**

Vendo todas as BIZZ, do número 1 ao 28, Top-hits 1, Letras Traduzidas 9-C, 12-A e 15-A e duas edições de Ídolos do Rock. **Marco Rosa, Rua Visconde Ouro Preto, 80, CEP 13170, Sumaré — SP**

FANZINES

U2-Brasil, A/C Mônica Santos Sarmento, Rua São Salvador, 59, Apartamento 1311, CEP 22231, Rio de Janeiro — RJ.

FÃ-CLUBES

Alceu Valença *Fã-clube Leque Moleque*, Caixa Postal 68, CEP 55370, São Bento do Una — PE

A-ha e Duran Duran *Union of A-ha and Duran Duran Fã-clube*, Rua Santos Anjos, 97, CEP 31980, Belo Horizonte — MG

Bolshoi *Bolshoi Fan's Club*, Matienzo 1746, 8.ºB (1426), Capital Federal, Argentina

Cyndi Lauper *Fã-clube Cyndi Lauper*, a/c Léo Garcia, Rua São José do Rio Pardo, 1399, CEP 13220, São Paulo — SP

Duran Duran *Fã-clube Duran Duran*, Caixa Postal 8957, CEP 01051, São Paulo — SP

Legião Urbana *Conexão Amazônica Fã-clube*, Caixa Postal 18093, CEP 80511, Curitiba — PR

Madonna *The Blue Virgin Madonna Fan Club*, Caixa Postal 207, CEP 37900, Passos — MG

Peter Tosh *Peter Tosh Fã-clube* — The Rastafarians, a/c Red Eye, Avenida Corifeu de Azevedo Marques, 4788/23, CEP 05340, São Paulo — SP

Supertramp *Supertramp Autobiography Club*, Caixa Postal 383, CEP 39800, Teófilo Otoni — MG

Rock *Doykody*, Caixa Postal 956, CEP 09001, Santo André — SP

U2 *The Unforgettable Fan Club*, Rua Fiação da Saúde, 260, Apartamento 33, CEP 04144, São Paulo — SP

Kid Abelha *Kid Abelha Fã-clube*, Caixa Postal 35015, CEP 21060, Rio de Janeiro — RJ

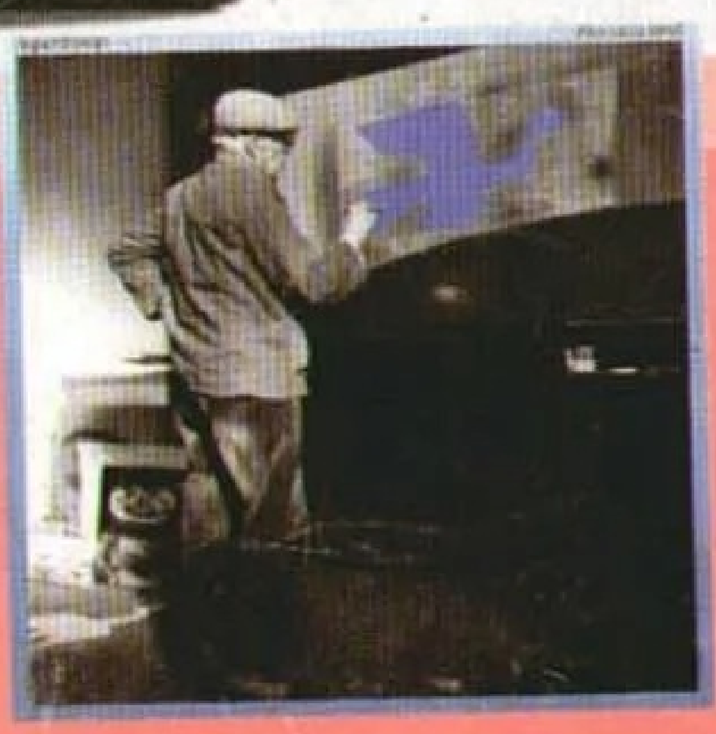
BOOGIE!

Morey Boogie Bodyboards

Morey Boogie Bodyboard é uma obra artesanal feita por CLARK FOAM PLÁSTICOS LTDA. Rua Mabá, 373/381 – Vigário Geral – CEP 21241 – Rio de Janeiro – Fone (021) 372.5037

Super-grupo + Super-disco = Supertramp

Quando os integrantes do ***Supertramp*** *começaram a gravar o novo LP* ***Free As A Bird****, decidiram desafiar a lógica. Deu certo.* ***Free As A Bird*** *explodiu na América, Japão e, é lógico, no Brasil também. É a tal história: quem é rei não perde a majestade. Por isso, o* ***Supertramp*** *pôde se dar ao luxo de ficar 18 meses trancado nos mais sofisticados estúdios da Califórnia preparando* ***Free As A Bird.*** *Um disco vacinado contra rótulos, modismos, modernoses. Assim, como 2 + 2 = 4, um Super-grupo + um Super-disco é igual a* ***Supertramp.***



A&M RECORDS

Em discos e fitas de cromo.

PolyGram